

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
MESTRADO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO

**OS PEREGRINOS DO DIVINO PAI ETERNO
OS CARREIROS E A REPRODUÇÃO SOCIAL DA
TRAIÇÃO**

João Otávio Martins.

Dissertação apresentada ao Programa de mestrado
em Ciências da Religião, como requisito parcial para
a obtenção do título de mestre, sob a orientação do
Professor Dr. Sérgio Araújo.

GOIÂNIA 2001

AGRADECIMENTOS

A Deus, razão da minha existência e escolha do estilo de vida, incluindo o estudo realizado nesta dissertação.

Em memória de meu pai José Martins Rosa e pela presença marcante em minha vida da minha mãe Francisca Rosenda Martins. Aos 12 irmãos um carinho especial pela mesma tradição a qual pertencemos.

À Congregação do Santíssimo Redentor, Província de Goiás na pessoa do Pe Fábio Bento da Costa atual Superior Provincial e todos os companheiros consagrados à Vida Religiosa seguindo Cristo Redentor.

Ao professor Sérgio Araujo pela dedicação no acompanhamento e orientação desta dissertação

Aos jovens que almejam o mesmo ideal e se dedicam com assiduidade à formação humana - religiosa

Ao professor Jadir de Moraes Pessoa, dedicando-se inteiramente à reflexão humana-científica ainda encontrou tempo para colaborar e tornar-se presente.

Aos professores que passaram seus conhecimentos e nos estimularam à uma maturidade intelectual

Aos colegas de curso que partilharam comigo a experiência do saber e do aprender

Às comunidades: Xinguara-Paraupabas (PA); Região Trindade II (GO) ; São Sebastião (BR); Goiânia (Nossa Sra de Lurdes); Itauçu (GO), pelas quais me dediquei os 13 anos de vida consagrada sacerdotal

A PEREGRINAÇÃO

O povo de Deus no deserto andava
mas à sua frente alguém caminhava
o povo de Deus era rico de nada
só tinha esperança e o pó da estrada
também sou teu povo Senhor e estou nesta estrada
somente a tua graça me basta e mais nada.

O povo de Deus também vacilava
às vezes custava a crer no amor
o povo de Deus cantava e rezava
pedia perdão e recomeçava
também sou teu povo Senhor e estou nesta estrada
cada dia mais perto da terra esperada

O povo de Deus também teve fome
e tu lhe mandaste o pão lá do céu
o povo de Deus cantando deu graças
provou teu amor, amor que não passa
também sou teu povo Senhor e estou nesta estrada
tu és alimento nesta caminhada

O povo de Deus ao longe avistou
a terra esperada que o amor preparou
o povo de Deus corria e cantava
e nos seus louvores seu amor proclamava
também sou teu povo Senhor e estou nesta estrada
cada dia mais perto da terra esperada.

MARTINS, J. Otávio. Os Peregrinos do Divino Pai Eterno: o Santuário e a Reinvenção da Cultura.

Goiânia, 2001, 169 páginas. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião). Universidade Católica de Goiás.

RESUMO

O santuário, cercado por uma realidade diversificada é o centro das atenções. Por resguardar a imagem da Santíssima Trindade, Pai, Filho e Espírito Santo coroando a Virgem Maria, o santuário acolhe milhares de peregrinos que chegam de todos os cantos do Brasil e do mundo agradecendo benefícios recebidos e fazendo pedidos segundo necessidades diversas.

A reprodução social é constatada na peregrinação entre o profano e o sagrado. Numa cultura familiar que resiste aos valores novos, mas que é influenciada e transformada. Num contexto da modernidade leva-se ao objetivo de tornarem-se evidentes os significados da tradição.

Pela experiência do autor na prática e teoria no assunto “religião” torna-se plausível a escolha do tema: os peregrinos do Divino Pai Eterno e do objeto de estudo: os carreiros e a reprodução da tradição. O autor pertence ao grupo dos missionários redentoristas, uma congregação religiosa requisitada no final do século XIX na Alemanha para cristianizar as romarias em Trindade.

Para obter-se uma compreensão mais abrangente e original do assunto delimitado realizou-se uma pesquisa participante. A coleta de dados foi obtida através da filmagem, fotografias e depoimentos

Numa dinâmica de transformação os valores tradicionais se mantêm, até mesmo ameaçados pelas mudanças ocorridas e influenciados pelo capitalismo industrial que proporcionou o aparecimento de novas técnicas e uma pluralidade de valores novos.

A peregrinação e a festa culminam no santuário, mostrando a sua realidade interna rica em símbolos.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

- 1- HISTÓRICO: OS SANTUÁRIOS
- 2- OBJETIVO, JUSTIFICATIVA, HIPÓTESE
- 3- CATEGORIAS TEÓRICAS
- 4- MÉTODO E TÉCNICAS DA COLETA DE DADOS
- 1- CAMINHANDO PARA O SANTUÁRIO
 - 1.1- DO PARAÍSO AO LIMOEIRO
 - 1.2- DO LIMOEIRO AO JATоба
 - 1.3- DO JATоба AO BOQUEIRÃO
 - 1.4- DO BOQUEIRÃO AO DESERTO
 - 1.5- DO DESERTO À PAZ
 - 1.6- DA PAZ À SANTÍSSIMA TRINDADE
 - 1.6.1- CHEGADA EM TRINDADE
 - 1.6.2- RECEPÇÃO DAS ROMARIAS
 - 1.6.3- A SOLIDARIEDADE: UMA EXTENSÃO DO SANTUÁRIO
- 2- MEMÓRIA, TRADIÇÃO, MODERNIDADE E TRANSIÇÃO
 - 2.1- MEMÓRIA E RESISTÊNCIA
 - 2.2- TENTATIVA DE COMPREENDER A MODERNIDADE
 - 2.3- OS SANTUÁRIOS E A PEREGRINAÇÃO
 - 2.4- O MISTÉRIO

- 2.5- A CULTURA
- 2.6- O CONFLITO
- 2.7- A PRESENÇA DA MULHER NA ROMARIA
- 2.8- CATOLICISMO RENOVADO X CATOLICISMO TRADICIONAL
- 2.9- A RENOVAÇÃO DA PRÁTICA CATÓLICA NA ROMARIA DOS CARREIROS.
- 2.10- A REINVENÇÃO A PARTIR DE UMA VISÃO POLÍTICA

- 3- PEREGRINAÇÃO E FESTA
- 3.1- TRADIÇÃO E PEREGRINAÇÃO
- 3.2- ORIGENS DA CIDADE DE TRINDADE
- 3.3- O DEUS TRINDADE E MARIA: A CAUSA PRIMEIRA DA DEVOÇÃO
- 3.4- PEREGRINAÇÃO E FESTA ENTRE O PROFANO E O SAGRADO
- 3.5- RESISTÊNCIA E MODERNIDADE ENTRE O PROFANO E O SAGRADO NA FESTA
- 3.6- A MÚSICA
- 3.7- O RITUAL NA FESTA
- 3.8- A SIMBOLOIA NA FESTA
- 3.9- OS VITRAIS
- 3.10- O SENTIDO RELEVANTE DA FESTA

INTRODUÇÃO

1- HISTÓRICO : OS SANTUÁRIOS

Universalmente os santuários são conhecidos por representarem aqui na terra uma realidade do céu. Contêm em si um espaço sagrado e, por isso, atraem multidões de peregrinos em busca do atendimento das suas necessidades diversas. Pelo desconhecido que se esconde em um possível paraíso, paira no firmamento em forma de espírito, torna-se presente na natureza ou exige-se a guerra para a perpetuação de uma raça eleita.

Fátima, Meca, Lourdes, Jerusalém, Guadalupe, Roma se projetam no mundo como grandes santuários onde milhões de peregrinos se deslocam para lá onde pagam promessas e realizam suas necessidades espirituais.

No Brasil, pela tradição popular católica herdada da Europa destaca-se a devoção aos santos e à Virgem Maria. O santuário de Nossa Senhora Aparecida em Aparecida, São Paulo, é o maior da América do Sul. Na Bahia o Santuário do Bom Jesus da Lapa tornou-se conhecido pelo crescimento do número de peregrinos que buscam consolo através do Bom Jesus. Em Goiás, no Centro do Brasil encontra-se um santuário com características diferentes do resto do mundo: o Santuário do Divino Pai Eterno. Este é o centro de devoção à Santíssima Trindade que, na imagem coroa a Virgem Maria. É o centro das atenções e da fé.

Plantado numa montanha, ao longo da história vem modificando-se e adaptando-se segundo as exigências da atualidade. A nova construção, de forma arredondada, a reforma realizada dentro e fora do santuário para acolher todos os romeiros da melhor forma possível, a adaptação do ritual romano para a compreensão popular, a utilização da simbologia, a ampliação da ala de atendimento e, futuramente, a ampliação da sala dos milagres, a vinculação do santuário à Vila São José Bento Cottolengo. Tudo isso é realizado através da ação dos padres missionários redentoristas, juntamente com Dom Antônio Ribeiro de Oliveira, arcebispo metropolitano de Goiânia.

Na primeira semana de julho, todos os anos, milhares de peregrinos dirigem-se ao santuário do Divino Pai Eterno, em Trindade. São romeiros, em sua maioria, empobrecidos e vinculados à religiosidade popular que vão em busca de um milagre ou, do comércio, para pedir esmolas ou solidarizar-se com os mais necessitados.

Para um conhecimento mais abrangente da peregrinação ao santuário foi realizada uma pesquisa participante, na qual, o pesquisador se integrou, caminhando cinco dias com os carreiros romeiros. O percurso iniciou na Fazenda Paraíso passando por diversas regiões e cidades até Trindade.

2- JUSTIFICATIVA, OBJETIVO, HIPÓTESE

O tema foi escolhido de acordo com a prática do autor. Há treze anos atua-se no campo da religião, em comunidades populares de várias regiões do Brasil, mas, especialmente em Goiás. Nasceu em área rural, em uma família numerosa de doze irmãos, oito mulheres e quatro homens,. Trabalhou utilizando a enxada como ferramenta, lavrando a terra e produzindo alimentos para o sustento. Foi candeeiro

dos sete aos doze anos, quando voltou aos estudos em Morro Agudo, a aproximadamente cento e vinte km de Goiânia. Em 1974, com a mudança da zona rural para a capital, iniciou a formação para a vida religiosa na Congregação do Santíssimo Redentor; foram muitas as exigências. Os estudos nos campos da filosofia e teologia, possibilitou-lhe a aprendizagem teórica e pelo exercício como agente pastoral em colônias do Sul do Pará na Diocese de Marabá (1997-1990); deparou-se com uma realidade problemática e desafiante, especialmente em relação à questão agrária. Voltando para Goiás assumiu trabalhos em bairros periféricos de Goiânia, concluiu o curso de Ciências Sociais em 1995 na Universidade Federal de Goiás. Em Brasília (1996-1998), exerceu trabalhos pastorais e estudou na Universidade Católica de Brasília concluindo o curso de Filosofia e Existência na área de pós-graduação que lhe proporcionou a experiência prática. Voltando para Goiânia em 1999, iniciou no mesmo ano mestrado em Ciências da Religião na Universidade Católica de Goiás, assumindo serviços pastorais na Arquidiocese e auxiliando na formação de novos candidatos à vida religiosa e sacerdotal na Congregação Redentorista, província de Goiás.

A condição familiar simples e humilde continuará permanentemente na vida do autor, embora transformada pela condição de estranhamento, ou seja, de poder olhar e observar a realidade de fora numa perspectiva crítica.

A religiosidade popular no período contemporâneo torna-se cada vez mais um assunto atual e interessante. Isto porque a humanidade carrega sobre si o peso da modernidade: o processo de migração e urbanização, a emancipação do capitalismo industrial, do poder e das riquezas que provocaram a desigualdade social levando a maioria da população à miséria e à fome juntamente com a individualização, o isolamento e a solidão. Deus, em sua infinita misericórdia e

amor acolhe o pobre, humilde servo que lhe passa a servir, com sacrifícios e caminhadas, promessas, orações, romarias, solidariedade e muita fé.

A peregrinação ao santuário torna-se um assunto relevante ao analisarmos os carreiros romeiros e seus valores tradicionais, os conflitos existentes e ao deparar-mo-nos com novos valores.

Certamente, esta dissertação será de grande utilidade para quem trabalha no campo da religião. cremos também que será útil para professores e alunos que estudam e se interessam pelo assunto. Este, poderá atrair a atenção, tanto de acadêmicos como de lideranças populares que procuram conhecer de perto a devoção aos santos e à Nossa Senhora.

O objetivo principal almejado será o aprimoramento do conhecimento sobre a peregrinação ao santuário do Divino Pai Eterno que será constatado a partir da religiosidade popular. Essa religiosidade reflete um estilo tradicional de catolicismo em comparação ao renovado e enfoca aspectos históricos do santuário, desde a fundação até o momento atual.

Num processo dialético o antigo e o novo se confrontam. Será de grande fundamento a observação sobre o grau de envolvimento dessa dualidade.

Ainda, como objetivo pretende-se compreender o santuário e seu universo como camisa de força da reinvenção e, em consequência, da atração e crescimento das romarias.

A hipótese refere-se ao fato de que os peregrinos, vivendo entre o profano e o sagrado, reinventarem a tradição ou a cultura, realizam-se a festa como um momento essencial de suas vidas.

Ao conviverem com outros valores que se integram à romaria, com objetivos diferentes, entre acolhimentos e rejeições, os carreiros preservam o carro

de bois como um valor essencial, que faz lembrar os antepassados. Entre o antigo e o moderno retomando a história, lembramos de que o catolicismo está em fase de mudanças provocadas pelas exigências dos tempos atuais. A renovação da Igreja católica, a partir do Concílio Vaticano II e o carisma redentorista, a linguagem adequada e o acolhimento facilitam a aproximação do povo e a assimilação da mensagem implementada através da fala e da simbologia.

3- CATEGORIAS TEÓRICAS

O desenvolvimento teórico dar-se-á da seguinte forma: em primeiro momento a pesquisa participante será relatada pelo próprio pesquisador, ressaltando os depoimentos diversos dos peregrinos romeiros. Serão priorizados: a saída da romaria dos carreiros da residência do líder, a caminhada na estrada passando por cidades e campos, as pousadas ou acampamentos, ações de solidariedade, o trabalho, o diálogo, a celebração e a festa.

A chegada dos carreiros em Trindade é comemorada com o tradicional desfile realizado em frente à igreja antiga, promovido pela prefeitura local. Ao chegarem à cidade os carreiros dispersam-se em meio a uma realidade complexa. Em torno do santuário são encontrados os mendigos, os comerciantes em busca de lucros, os pagadores de promessas que se arrastam nas calçadas agradecidos pelos benefícios recebidos, os esfomeados em busca de um pedaço de pão e os internos da Vila São José Bento Cottolengo esperando visitas de pessoas solidárias.

Em um segundo momento entre tradição e modernidade, o profano e o sagrado serão evidenciadas a memória e a lembrança evocadas pelos acontecimentos durante o deslocamento e a dinâmica dos carreiros romeiros. A modernidade é ressaltada pela dessacralização do sagrado através da

racionalização. A tradição se evidencia nos depoimentos dos carreiros romeiros. A memória viva aparece num grupo tradicional e existente desde tempos mais antigos. O crescimento da romaria dos carreiros nos tempos atuais acontece, especialmente pela reinvenção da cultura. Novos valores integram-se aos antigos.

No terceiro momento descrever-se-á a festa que acontece desde o início da romaria e se intensifica no santuário. Na celebração preparada especialmente para os carreiros, no primeiro sábado do mês de julho às 17h, acontece uma apoteose. Entre músicas religiosas e sertanejas guiadas e chapéus são erguidos em louvor ao Divino Pai Eterno.

A festa no santuário marca o final de mais uma romaria e a certeza de que no ano seguinte os mesmos romeiros estarão presentes louvando e agradecendo ao Divino Pai Eterno pelos benefícios alcançados.

A fundamentação teórica se encarregará da interpretação e de proporcionar sentido à peregrinação ao Santuário do Divino Pai Eterno.

As três correntes teóricas: o funcionalismo de Durkheim, o materialismo dialético de Marx e Engels e o racionalismo de Weber serão mencionadas como chaves de interpretações dos autores, com visões de mundo próprias sobre a religião e a sociedade.

4- MÉTODO E TÉCNICA DE COLETA DE DADOS

A metodologia será fenomenológica descritiva - analítica com a preocupação de tornar evidentes os significados da peregrinação. As técnicas utilizadas para a coleta de dados foram realizadas através da máquina fotográfica e a filmadora para documentar-se visualmente e os depoimentos, uma forma de

evidenciar a visão de mundo dos carreiros romeiros, os seus anseios e acontecimentos diversos durante a dinâmica do deslocamento para Trindade.

As ações para uma boa pesquisa nem sempre acontecem como se pensa. Desde o mês de janeiro do ano de 1999, ao visitar a família do sr Tota, fazendo entrevistas, procurou-se integrar-se a eles contando a história de carreiro, desde pequeno até os doze anos, numa área rural de Minas Gerais. Percebeu-se que houve receptividade, especialmente por parte de Ivone, esposa do sr. Tota. Algumas noras, filhos e netos também mostrou-se interesse na história. Alguns membros da família ficaram alheios à pesquisa.

Depois de fazer algumas visitas à família, almoçar com eles, falar-lhes sobre o assunto desta pesquisa, identificar-se como agente católico e atuante na Arquidiocese de Goiânia, ficou na mente uma pergunta: Como será a pesquisa de campo durante a peregrinação a Trindade? Finalmente chegou o dia. Antes; nos dias 22 e 23 de junho iniciou-se os preparativos: barraca para dormir, filmadora, gravador, máquina fotográfica, agasalhos suficientes para suportar o frio, uma vez que a festa do Divino Pai Eterno acontece em Goiás na época mais fria do ano. Naturalmente os carreiros se preparam bem para enfrentar mais esse desafio.

Levou-se cobertores e blusas de lã. A barraca sempre era erguida juntamente com a da família do sr Tota, a quem acompanhou-se durante cinco dias e cinco noites. Por ser uma família católica praticante seguida pelos monges beneditinos, que têm como princípio essencial o silêncio e a reflexão, tornou-se mais nossa a integração. Acreditamos que, para alcançar a mística do amor a Cristo e aos irmãos, a contemplação da natureza, o contato com a terra, o diálogo e a oração facilitam o desprendimento das coisas e de nós mesmos.

Neste ano caminharam juntos, sete monges, um seminarista diocesano, Bruno e eu. Levou-se verduras e alguns litros de óleo para ajudar na alimentação. Na escala de serviços ficaram encarregados de lavar as panelas e talheres após o jantar. Bruno carregava água para os serviços da cozinha.

À medida que partilhávamos as experiências com a família líder da romaria, tudo foi facilitando para a integração esperada e a pesquisa participante passou a ser uma realidade.

Fernando, da cidade de Goiás, falou sobre a importância dessa caminhada para os monges:

“Nós, monges fazendo-nos desta caminhada um momento especial, abrindo mão do conforto. Fazendo-se solidários, entrando em comunhão com os pobres, sendo um deles.”

As perguntas e as curiosidades pouco a pouco foram desaparecendo à medida que integrávamos a equipe da Fazenda Paraíso e a romaria. No primeiro dia, na saída, foram convidados a falarem como agentes pastorais..

Sandra e Sônia, noras do sr. Tota e líderes bem conscientes politicamente, pertencentes à comunidade de Nossa Senhora Aparecida da Fazenda Paraíso encarregaram-se de estabelecer algumas normas: assim que chegassem ao pouso deveriam ser armadas as barracas, com a colaboração de todos. Em seguida deveriam tomar banho, preparar o lugar para dormir, acender a fogueira e preparar para a oração ou celebração. Enquanto uns deveriam carregar água, acender a fogueira, estender os colchões, as mulheres se revezariam, preparando a comida. Com a presença dos monges, há quatro anos acompanhando a romaria, alguns

hábitos foram mudados. Especialmente no que se refere aos serviços caseiros realizados pelos homens.

No primeiro dia, caminhando com um grupo que ia à frente conheceu-se algumas pessoas que pagavam promessas: Mauro e dona Laurinda, Dênis e Waldivino; eles iam a cavalo.

No segundo dia, pela manhã foram entrevistados alguns jovens: Eliete, Fernando e também Laurinda que sentia um calo d'água no pé. Chegando a Americano do Brasil fez-se mais algumas entrevistas: Wellington caminhava pela segunda vez na romaria dos carreiros porque achava animado. Foi influenciado pelos amigos. Valdivino foi à romaria porque gosta da farra. Carlos Henrique disse que caminhava de Americano do Brasil ao Santuário há vinte anos pela fé e devoção ao Divino Pai Eterno.

Márcio, residente em Americano do Brasil há vinte e oito anos, fez a estimativa da população local: seis mil habitantes. Disse também que neste ano saíram dez carros de bois. Os carreiros, seus proprietários deveriam se reunir no segundo pouso. Afirmou:

“Aqui em Americano do Brasil passam os carros que vêm de Mossâmedes e de Anicuns. Devem ajuntar-se mais de trinta neste ano. Essa romaria fica longe dos meios de comunicação. É conhecida como romaria tradicional, pois preservam os costumes antigos e o próprio carro de boi, para que nossos filhos e netos conheçam e dê continuidade a romaria.”

Os carros de bois da região de Americano do Brasil acabavam de sair quando chegamos na praça onde uma multidão aguardava a passagem.

4.1- TÉCNICAS DE ENTREVISTAS

Brandão (1990:51) entende a cultura (ou tradição) do camponês realista e dinâmica. Isso se explica segundo o autor pelas revoltas camponesas ocorridas na história mundial. Tendo como exemplo a observação do autor supracitado a pesquisa participante passa a seguir o princípio de que os carreiros fazem parte da cultura camponesa. Ao pertencerem a uma tradição não significa que estão eternamente apegados a esta sem aceitarem mudanças, mas, pelo contrário estão abertos para transformações desde que preservem e respeitem os seus valores autênticos do passado. A resistência para preservarem valores antigos torna-se uma necessidade.

Nas entrevistas não houve tantas dificuldades, pois era uma maneira de as pessoas manifestarem suas expectativas em relação à romaria. Muitos até faziam questão de serem entrevistados. A escolha dos momentos de descontração favoreceu a obtenção de respostas espontâneas e mais prolongadas. Na caminhada, no contato com a natureza as respostas fluíam com mais intensidade. Também, nas pousadas, após a montagem das barracas e do jantar era o momento mais propício para entrevistas.

Phillips (1974:166) define que na pesquisa despadronizada “o entrevistador pode ser bastante flexível para adaptar sua abordagem àquilo que pareça ser mais proveitoso para uma determinada pessoa.” Mais adiante o autor lembra que “a entrevista não diretiva é despadronizada.” E conclue: “ao contrário, tenta criar uma atmosfera muito permissiva na qual o entrevistado se sentirá perfeitamente livre para exprimir seus sentimentos sem medo de ser desaprovado.”
(Phillips, 1974: 167)

Visando atingir o objetivo da pesquisa foram entrevistados jovens e adultos. As perguntas foram diversas, mas se concentraram na importância da peregrinação para os romeiros e dos significados do santuário. A romaria dos carreiros na presença da mulher e da criança, no sacrifício, nas promessas, na convivência, na solidariedade, o trabalho, a tradição, a resistência. Foram esses os principais temas das entrevistas. A filmagem e as fotos também foram conduzidas com a finalidade de se deter numa documentação geral da peregrinação e dos momentos de recolhimento. A tradição evidenciada torna-se central na pesquisa ao mostrar que a romaria é passada de pais para filhos. Ao mesmo tempo a documentação existente comprovava que nem mesmo o asfalto ou os meios de comunicação extinguirão a romaria dos carreiros.

1- CAMINHANDO PARA O SANTUÁRIO

Neste capítulo será narrada toda a caminhada dos carreiros romeiros para o Santuário. A peregrinação é dividida em cinco momentos a partir da Fazenda do Sr. Tota, o líder, à Trindade.

Os depoimentos relatam a realidade da caminhada dando sentido e tornando público o pensamento dos carreiros, cavaleiros e pedestres. Evidenciam-se uma realidade até então escondida pela cultura e religiosidade popular rural.

Entre tradição e modernidade, num trabalho constante os romeiros reinventam e resistem ao mesmo tempo.

Para a introdução do primeiro capítulo, em cada momento da peregrinação será abordada a experiência do autor desta dissertação em forma de versos.

1..1- DO PARAÍSO AO LIMOEIRO

quando eu era bem pequeno,
morava no interior,
com sete anos mais ou menos,
conto pra você seu doutor
Meu pai era carreiro afamado,
Daí ele ganhava o pão,
No monjolinho do Lageado,
Lá em Minas, bem no sertão.
Martins.

São vinte km de distância até o primeiro pouso.

As romarias de carros de bois, embora fazendo parte de uma tradição de pais para filhos e terem uma semelhança no estilo e na organização diferenciam-se pela especificidade de cada lugar, cultura, religiosidade e trabalho.

Anicuns é uma cidade de pequeno porte, com aproximadamente 8.000 habitantes e localiza-se a quarenta km de São José de Mossâmedes e a noventa km de Trindade.

Carvalho, residente no município de Anicuns, caracteriza o estilo rural ligado ao cultivo da terra e o contato com a natureza. Este foi seu comentário:

“Pra fazê a romaria a gente trabaia duro o ano intero, fazeno economia, e vai juntano os amigo. Junta um trem aqui, outro ali e quando vai chegano o dia , se vai tordá carro, ajunta boi, corre atrais das coisa que até o Divino Padre Eterno ajuda a gente a chegá nessas artura aqui ó. Todo mundo se une. O Antonho Perera é que é mais forgado, tem mais tempo e ajuda mais os carrero. Tem quase cinquenta ano que o pai dele ajudava. Depois ele é que vem a romaria. Só de Anicuns vem 22 carro. Nesse ano viemo só de 16 carro, porque teve munto atrapaio. É difícil viajá no asfarto. Mais se um dia asfartá e dé a permissão nós vem na romaria. Sempre na famia tem um fio ou neto que gosta de vim na romaria. A fé é que sempre aumenta. Mais urgente a gente trais o arrois, o feijão, a carne, um vinhozinho e uma pinguinha. Vem muié de uma a quatro em cada carro. Deus abençoa a todos. Isso fais parte da vida.”

A Fazenda Paraíso de propriedade do sr. Tota e sra Ivone, localiza-se a trinta km de São José de Mossâmedes, cidade mais próxima. É o local de compras da família e da comunidade rural. Situada a pouco mais de 100 km de Trindade, São José de Mossâmedes é uma cidade que guarda tradição por ter surgido no século XVIII por influências políticas do Império Português.

Sócrates, em sua obra *Vila Boa*, lembra a tomada de posse do primeiro governador de Goiás, José de Almeida Vasconcelos Soveral de Carvalho, depois Barão de Mossâmedes e Visconde da Lapa. Chegando a *Vila Boa* a 14 de julho de 1772 (por só ter saído de Lisboa em princípio desse mesmo ano tomou posse do governo no dia seguinte.

A padroeira do Brasil, Nossa Sra Aparecida é venerada e celebrada, também por aquela comunidade. Por ser uma família católica praticante e ter diversos filhos casados que residem nas proximidades, uma vez por mês o padre Francisco e alguns(as) leigos (as) vão àquela comunidade para celebrar a missa.

A família ainda preserva a tradição de manter os filhos em torno de si. Para isso o casal repartiu a metade da terra com os filhos para que cada um tivesse condição de trabalhar e formar família, tendo o apoio dos pais. Até mesmo depois de casados os filhos e noras continuam trabalhando unidos.

Chegou-se pela manhã à casa do sr Tota para participar da preparação dos carreiros. A temperatura era apenas de vinte graus e o vento intenso esparramava a poeira vermelha das terras há poucos dias remexidas pelo trator.

No dia vinte e quatro de junho, os carreiros almoçaram preparando-se para o início da romaria do ano 2000. Fazendo uma corrente de oração, pedindo a proteção do Divino Pai Eterno despediram-se das pessoas que ficaram. Saíram nove carros de bois. Desta vez o grupo dos carreiros de São José de Mossâmedes, pela primeira vez resolveu passar por outra estrada, que atalha e tem poucas subidas. As estradas situadas em montanhas cansam os bois e atrasam a peregrinação. Apenas Bruno e o autor deste trabalho estavam na romaria pela primeira vez. Mauro, seminarista da Diocese de Goiás, estudante no Seminário Santa Cruz em Goiânia, caminhava pela quarta vez. Os monges de Goiás não vieram para o início. Uniram-se aos romeiros apenas no primeiro pouso. Por coincidir com a festa de São João, iam festejar primeiro o padroeiro da comunidade onde moram para depois acompanhar a romaria.

Saíram às 11h. Os carros formaram uma procissão, um atrás do outro (o catolicismo realizava tradicionalmente procissões em louvor aos santos).Ao

subirmos a ladeira e passarmos pela porteira de divisa da fazenda, entrando numa estrada recentemente patrolada. A terra solta, esparramada pelos bois e levantada pelo vento, penetrava nas roupas dos carreiros: homens, mulheres e crianças que caminham atrás dos carros. No início da caminhada não se via quase ninguém dentro dos carros. Uns caminhavam a pé e outros iam a cavalo. Apenas as crianças podiam entrar nos carros

No dia 25, levantamo-nos cedo e tomamos café reforçado.

Levantar-se cedo é hábito do trabalhador rural. Por isso o café da manhã e o almoço serem servidos mais cedo.

Alguns meninos insistiam em andar a cavalo. Por exemplo, o Dênis, neto do sr Tota, com apenas quatro anos de idade, preferia andar em um burro manso. Desde os seus primeiros anos sempre foi à romaria e quando os pais quiseram deixá-lo, ele se entristeceu chorando até que permitiram sua presença. A orientação dada aos acompanhantes que pagavam promessas era a de que deveriam ir a pé à frente dos carros de bois. Desta vez estava se deslocando para Trindade uma senhora de sessenta e cinco anos de idade, dona Laurinda, residente em Goiânia. Estava pagando uma promessa (uma dívida que deverá ser paga ao Divino Pai Eterno esperando receber em troca benefícios),feita por sua mãe. No caso mencionado, Laurinda esperava a cura pela ofensa de uma cobra.

Afirma dona Laurinda:

“Quando eu era criança uma cobra me pegou. Minha mãe prometeu que se eu ficasse curada quando crescesse caminharia até o Santuário do Divino Pai Eterno. Foi um grande milagre. Eu fui curada através da misericórdia do Pai Eterno. Aqui estou pagando a promessa.”

Depois de três horas de viagem atravessamos o rio Uru, divisa do município de São José de Mossâmedes e Americano do Brasil, aproximadamente 10 km da fazenda do sr Tota iam à frente dezesseis cavaleiros. A maioria, jovens: homens e mulheres. Desde o início carregavam a inseparável *aguardente*. Pela velocidade dos cavalos e por ser o primeiro dia de viagem, havia muito tempo para descansar nas sombras e tomar banho nos córregos esperando os carreiros que eram lentos e enfrentavam mais dificuldades. Além do calor do sol e da poeira estávamos sempre atentos às crianças e aos companheiros que ficaram para trás pelo peso do carro ou pelos bois em experimento.

Todos os romeiros, carreiros, cavaleiros e pedestres, trajavam vestes apropriadas: calças compridas, chapéus de abas largas e camisas de mangas compridas que os protegiam do sol quente. A partir do meio dia o sol esquentou, todavia o vento suavizava o calor. Os caminhantes reduziram o ritmo para não se cansarem tanto. Quem caminha à frente esperava ansioso por uma sombra; na maioria das vezes, rara, pela devastação.

A água era escassa. Cada carreiro carregava o suficiente para matar a sede nos momentos de calor.

No primeiro dia os bois foram castigados pelo sertão seco e poeirento. Apenas o rio Uru, com água em abundância, permitiu aos pedestres e aos cavaleiros matarem a sede. A ponte alta não ofereceu condições para que os bois bebessem água. Alguns cavaleiros mais animados iam à frente para o banho que reanimava seus corpos para continuarem cavalgando.

A vegetação rasteira com poucas árvores caracterizava o cerrado. No percurso do primeiro dia, raramente se viam casas. A maioria das famílias

mudara-se para as cidades. Nas fazendas permaneciam apenas os gerentes que contratados ou alguns que continuavam ainda na terra. Éra comum encontrar famílias inteiras à beira da estrada para verem a romaria passar.

Quando o calor aumentou, alguns carros se distanciaram. Eram aqueles, em que os bois eram menos resistentes ou ainda bezerros. Desta vez o sr. Mauro aproveitou a romaria para amansar três juntas de garrotes. Apenas a junta do cabeçalho tinha condições para segurar e firmar o carro. De vez em quando um boi empacava ou se deitava.” É uma peleja. A gente tem que ter muita paciência,” afirmou o sr Mauro.

O distanciamento dos carreiros durante o percurso da romaria não significava individualismo, mas, apenas a diferenciação da resistência dos bois.

À frente dos demais caminha o sr. Tota, seus quatro filhos, noras e netos, conduzindo os carros de bois. dona Ivone não participa há três anos esposa do Sr Tota, não vem há três anos. Outros quatro filhos não se sentiram motivados para tal viagem e preferiram o automóvel. Um dos filhos não foi porque se transferira para a Assembléia de Deus, influenciado pela mulher que desde antes do casamento pertencia a uma família evangélica.

Depois de muito caminharem enfrentando bastante poeira, calor e a falta de água, chegaram ao primeiro pouso. Aí encontraram à espera três carros, completando doze. Passaram pelo córrego Limoeiro onde os bois beberam água.

Existe uma explicação sobre o nome do córrego: Conta-se que existia naquele lugar muitos pés de limão, desde o estabelecimento dos primeiros moradores naquela região. Por ser o limão bastante apreciado e produzido em abundância, os moradores deram nome ao córrego de limoeiro para que os filhos

e netos soubessem o valor do limão num tempo em que a medicina era ainda mais escassa.

A medicina caseira torna-se cada vez mais utilizada e conhecida no meio popular pela facilidade de acesso às ervas medicinais e pela substituição de remédios naturais baratos em relação aos medicamentos de preços elevados e impossíveis de serem adquiridos por uma grande parte da população brasileira.

O proprietário não mora na fazenda. Para zelar da mesma e do gado contratou um empregado. Não se fez presente por cumprir o dever de festeiro na festa de São João que se realizava na mesma noite em Americano do Brasil, a cinco km do local do pouso. Um dos seus filhos cumpriu a promessa, agradecendo benefícios recebidas e preparando a comida para os carreiros peregrinos do Divino Pai Eterno.

A chegada às 16h ao primeiro pouso levou-se a nos apressar-se na preparação das barracas e a tomar banho antes que o sol se escondesse. A água era escassa. Não existia lagoa nem poços grandes para o banho de muita gente. Fizemos filas em frente aos banheiros da casa. A maioria dos homens preferiram caminhar alguns quilômetros para o banho no córrego. Enquanto preparávamos para o importante momento da alimentação e da celebração, surgiu lá no alto a camioneta trazendo os monges que festivamente esperados pelos romeiros e especialmente pela família do sr. Tota. Pelo tempo que caminha, há quatro anos, existia uma proximidade ao ponto de sentirem a falta dos mesmos. Quando chegaram foram recebidos com muita alegria. Após o banho, com dificuldades de muitos pela espera na fila e a distância do córrego, os romeiros prepararam-se para o jantar.

Apreciaram carne bovina e suína com mandioca cozida. Arroz e feijão ficaram como segunda opção. A fome era intensa. As paradas foram rápidas e nem todos tinham comida em abundância para os cinco dias de viagem. Após o jantar e muito diálogo, os roeiros participaram da celebração da palavra. Os monges distribuíram as leituras e as orações. Fizeram questão de incluir lideranças da comunidade Nossa Senhora Aparecida. Preferiram uma celebração popular, com a participação dos romeiros. Esta teve como norma a rapidez nas celebrações para não cansá-los mais ainda. Terminada a oração muitos foram descansar. Precisavam renovar as energias para o próximo dia. Ainda faltavam quatro dias e quatro noites para chegarem em Trindade. Quando chegamos ao acampamento soltamos os bois e paramos os carros ao lado um do outro de acordo com cada grupo. Da família do sr. Tota reuniram lado a lado quatro carros que foram cobertos com uma lona de plástico. Na primeira noite o frio era intenso. O acampamento foi estabelecido à beira de um córrego. O agasalho era fundamental para que as pessoas não se resfriassem.. . As camas foram preparadas embaixo dos carros para que as pessoas se protegessem do frio. À noite acendemos fogueiras para afugentar o frio. Alguns mais afeiçoados ao diálogo ficaram até mais tarde conversando ao redor da fogueira, outros improvisaram mesas de jogos. Um grupo de jovens se distanciou e acendeu lá outra fogueira para ficarem à vontade, longe dos pais e de pessoas que poderiam proibí-los de atitudes liberais. Fumaram à vontade, contaram piadas e casos, riram, brincaram e namoraram. Desde o primeiro pouso notamos a formação de dois grupos., um, já descrito, e o outro com o objetivo de se divertir, farrear, beber aguardente, dançar e jogar. Ficaram até tarde da noite fazendo algazarra. Eram filhos e filhas dos

próprios carreiros. Alguns casais de namorados aproveitaram a romaria para realizar tal experiência.

1..2- DO LIMOEIRO AO JATOBÁ

Éramos uma família bem grande,
treze filhos sim senhnor,
tinha que trabalhar bastante,
pra não passar fome nem orrores.

Eu era o candinheiro,
Meu pai era o tocador,
Dez juntas de bois faceiros,
É coisa que Deus criou.

Martins.

No dia 25 algumas pessoas despertaram pela madrugada. Às cinco horas levantaram e começaram a fazer barulho para acordar a todos. Depois de lavarem os rostos, começaram a ajuntar os colchões e agasalhos colocando-os nos carros. A viagem neste dia exigiria mais exigente pela distância: vinte e nove km do primeiro até o segundo pouso. As mulheres levantaram-se mais cedo para preparar o almoço e cafezinho quente. Até às 6h todas as pessoas almoçaram. Rapidamente foram lavadas as panelas, pratos e talheres, encaixotados e colocados no carro. Desmanchamos as barracas, e preparar-mo-nos para a saída.

Os homens, após o almoço saíram com os cabrestos nas mãos à procura dos cavalos que os auxiliavam tocando os bois facilitando-lhes a caminhada. Ajuntaram os bois, separando-os segundo a posição dos carros. A maioria dos bois

eram mansos o que favorecia a organização para a colocação das cangas, o ajustamento das brochas nos canzís e a emenda dos cambãos, chegando até ao cabeçalho do carro. Alguns bois eram difíceis e, por isso, precisou-se de mais tempo e de pessoas para a organização. O sr Tota levava arroz, feijão, carne bovina e suína para toda a família e também para quem caminhava com eles. Enquanto as mulheres ajuntavam os colchões, cobertores, toalhas e roupas para serem embalados homens iam tocar os bois, organizar e cangar as juntas e fixá-las no cabeçalho dos carros para a saída.

No primeiro pouso, pela quantidade de bois, ainda foi fácil ajuntá-los e colocar-lhes as cangas. Havia aproximadamente noventa bois. A única dificuldade, desde o primeiro dia de viagem, foi conseguir pegar os garrotes bravos. Alguns já estavam marcados pelo ferrão da guiada, o que deixava no couro dos animais sinais de sangue vermelho. Às primeiras horas, quando o líder da romaria, sr. Tota, despertou percebeu alguns problemas. Uma lâmpada foi quebrada durante a noite. Os jovens ficaram até mais tarde farreando. Com a força da aguardente alguém cometeu um fato desagradável, quebrando a lâmpada. O líder se sentiu na responsabilidade de corrigir os erros e preveniu para que todos se comportassem corretamente. Às oito horas os carros saíram e uma fileira se formou subindo a ladeira em direção a Americano do Brasil.

Ao saírmos de São José de Mossâmedes, Mauro, um dos jovens, entrevistados pediu ao Divino Pai Eterno para que ajudasse sua mãe

:“Estou pedindo ao Divino Pai Eterno a cura da minha mãe. Ela será operada. Se for valido irei em Trindade na romaria dos carreiros enquanto tiver forças.”

Segundo Mauro, além da promessa tendo em vista da cura da mãe, a presença dos jovens na romaria vem crescendo a cada ano e muda o ambiente rotineiro porque eles são festivos e gostam de novidades.

A jovem Eliete de São José de Mossâmedes, afirmou :

“ Vou à romaria para passar momentos junto com meus amigos e a minha família”

Eliete avalia a romaria como um momento sagrado de encontro com as pessoas e de festa.

Depois de caminharmos duas horas chegamos em Americano do Brasil. Uma multidão, entre crianças, jovens e adultos, esperava os carreiros. No cruzamento das duas estradas aconteceu um encontro dos carreiros: os que saíram diretamente de São José de Mossâmedes com os condutores dos doze carros que saíram da fazenda limoeiro, o primeiro pouso De Americano do Brasil saíram dez carros,. Significando que a partir daí ajuntaram, pelo menos, trinta e cinco carros, crescendo, também, o número de cavaleiros e caminheiros.

Uma pequena parada para tomarmos água e seguirmos novamente em direção ao segundo pouso, que, conforme os romeiros mais antigos, dista aproximadamente trinta km. Para quem caminhava devagar, com o forte calor a distância se alongava

Mauro, nascido e criado em Americano do Brasil, todos os anos aguardava os carros de bois com curiosidade e fez questão de explicar para os filhos aquilo que conhecia e o que representava para o mundo moderno. Afirmou:

“ O carro de boi faz parte da tradição. Está em risco de ser extinto. É muito importante que as crianças de hoje conheçam para ficar na lembrança e passar para a frente esses valores da antiguidade.

Informou, ainda, que a cidade de Americano do Brasil surgiu através do impulso à agricultura e à pecuária:

“Eu que nasci nesta terra me lembro quando pequeno. A maioria dos moradores eram pequenos proprietários. Muitos moravam no povoado para estudar seus filhos ou na roça mesmo, pois a dez anos atrás existia mais escolas na roça. Hoje, a maioria das famílias mudou para a cidade. O meio de produção hoje é o incentivo de plantação da cana para produzir o álcool. Tenho saudade do sítio, mas não volto. Meu lugar é na cidade, porque penso no futuro dos meus filhos.”

Depois de termos passado por Americano do Brasil o sol foi esquentando e o calor aumentando. Caminhamos uns dez km sem ver água. Os bois começaram a ficar cansados e, as pessoas que caminhavam na frente diminuíram o passo. Em compensação havia mais sombras. Algumas matas eram um meio de descanso para os bois. Mesmo passando sede os carreiros insistiam em continuar a viagem para chegarem mais cedo ao pouso. Eles seguiam princípios da sabedoria popular adquiridos na própria experiência diária: “quem caminha com fé válido é” e “quem chega na frente bebe água limpa.” Por isso, toda a caminhada tem uma dinâmica própria sendo fundamentada pela solidariedade dos próprios carreiros que aderem a esse tipo de romaria.

Quando o calor aumentava as pessoas mais idosas e as crianças entravam nos carros de bois ou montavam na garupa dos cavalos. Dona Laurinda com mais de sessenta anos de idade vinha pagando uma promessa e não tinha mais

energias suficientes para percorrer caminhar tanta distância. Mas mesmo assim insistia em caminhar. Reclamava o início de um calo no pé. Ao perceber que estava cansada e, sem condições de continuar caminhando, foi aconselhada a entrar em um automóvel que acompanhava a romaria. Para isso foi preciso recorrer aos conhecimentos teológicos sobre a misericórdia da Trindade Santa. Explicou-se a ela que Deus é amor e enviou ao mundo Jesus para resgatar o sentido da vida doando-se por amor e ensinando que esse mesmo Deus quer a vida em abundância. Segundo a fé católica, a promessa feita, trazendo muitas dificuldades pode ser mudada. Se Deus é misericordioso e compassivo para com seu povo, ele certamente não exige mais do que cada pessoa pode oferecer. Mas, para quem acredita, a caminhada ajuda a superar qualquer sacrifício ou sofrimento. Racionalmente pode ser pensado como uma compensação. Porém, a fé é tão forte que ultrapassa a razão. Continua valendo o ditado popular: “promessa é dívida.” Mesmo aceitando parcialmente a proposta, a penitente, continuou caminhando pela manhã até chegar a Trindade. Assim que o sol esquentava ficava impossibilitada de caminhar, tanto pelo calo no pé como pela resistência física desgastada pelo tempo.

Durante a caminhada o cenário foi se transformando. Pela manhã, enquanto não havia calor e o vento era intenso, rompíamos com mais facilidade e andavam com mais pressa, sem cansaço. Das 11h às 15h, tornava-se difícil para quem caminhava à frente, mas especialmente para quem tocava os bois, pois tinham uma responsabilidade redobrada em conduzir o carro com a família e materiais diversos.

No momento mais difícil da caminhada os carros iam se distanciando. Algumas tralhas de bois eram mais resistentes e conheciam a estrada há muito

tempo. A família do sr. Tota tinha uma tradição e sempre estava na frente. Os bois foram selecionados e preparados para resistirem a uma caminhada exigente. Os as atitudes de ajuda. Algumas pessoas, menos resistentes, eram esperadas e acompanhadas com paciência. Outras mais salientes alegravam o ambiente contando uma piada ou estórias. Dona Laurinda não ficou só. Sempre havia alguém caminhando ao seu lado, compartilhando seu sacrifício que seria consumado no santuário de Trindade.

Os carreiros, mesmo distantes em alguns momentos preocupavam com aqueles que ficavam para trás. Alguns cavaleiros que acompanhavam a romaria do início ao fim observavam os acontecimentos e comunicavam-nos ao líder. No segundo dia um carro quase tombou. Só não aconteceu o pior porque o carreiro lembrou-se do Divino Pai Eterno. Contou Valdivino:

“ eu fiquei emocionado quando chamei pelo Santo do Céu. A roda direita saíu fora da estrada e estava chegando num buraco muito fundo. Não ia sobrar nada. Todos estávamos às portas da morte. Foi quando eu chamei os bois do cabeçalho: vem mimoso, vem jeitoso e gritei: valha-me meu Divino Padre Eterno. E ele me ouviu.”

Dois carros ficaram bem atras porque os bois eram novos e se cansaram mais rápido. Às 15h, momento de intenso calor e cansaço o sr Tota e seus filhos foram informados de que alguns carreiros estavam a alguns quilômetros de distância. Escolheram uma boa sombra e pararam. Aí, descansamos e destampamos as latas de biscoitos, as garrafas de café para um lanche reforçado. Alguns, mais cansados pela labuta da estrada, aproveitaram para cochilar deitados em uma sombra. Outros contavam casos acontecidos na estrada, recordando os

momentos festivos e os desafios que eram pouco a pouco vencidos, graças à fé no Divino Pai Eterno. Depois de esperar meia hora chegaram os dois carros atrasados. Os companheiros, descansados e ansiosos para chegar ao próximo pouso que estava apenas a alguns quilômetros, reiniciaram a caminhada.

As estradas por onde passavam eram diversificadas: algumas espaçosas e comportavam os carros de bois e os carros movidos a combustível. Outras estradas eram estreitas e dificultavam a passagem de todos. A poeira era intensa quando passavam automóveis em alta velocidade.

Às 16h chegam ao córrego “Jatobá,” tão esperado pelos romeiros. O sr. Sebastião e dona Rosa estavam esperando-lhes

Ao chegarem foram recepcionados pelos donos da fazenda que acompanharam a romaria. Depois que soltaram os bois e levantaram as barracas, rotina de todos os dias, foram para o banho. As mulheres ficaram preparando o jantar. Existia apenas um banheiro fechado destinado às mulheres. Por isso foram revezando enquanto trabalhavam no preparo da refeição.

Segundo uma estória da região, o nome “jatobá” está ligado à quantidade dessa madeira existente na região. Existe, ainda, como lembrança, um jatobazeiro antigo que o sr Sebastião preserva com muito zelo. Bem próximo foi escolhido o local do acampamento dos carreiros. Naquele local os carreiros não pagaram pasto e foram acolhidos como irmãos de caminhada. Os próprios donos da fazenda são também romeiros há dez anos, desde quando compraram aquela propriedade.

Após o jantar, às 19h:30, todas as famílias foram avisadas que haveria uma celebração para o agradecimento do dia. Às 20h iniciou-se celebração com a coordenação dos monges. Foi celebrada naquela noite pelo padre Marcos e auxiliado pelos irmãos do mosteiro de Goiás. Mais uma vez, como na noite

anterior, eles estavam preocupados com o tempo e resumiram-na para não cansar tanto as pessoas que ali estavam. Não havia lugar para que os participantes se assentassem .

Algumas pessoas mais cansadas improvisaram bancos com tábuas em cima de pedaços de madeira. Após a celebração, que foi participada por uma minoria dos romeiros, alguns ficaram conversando no mesmo lugar, outros caminharam para as barracas, convidando pessoas que encontraram após muito tempo.

A celebração foi um meio de integração daqueles que participaram. O abraço da paz suscitou um novo tipo de comportamento: o diálogo e a expressão do sentimento de irmandade e solidariedade. Assim que terminou a bênção final, muitos deram continuidade à convivência fraterna, crescendo a amizade, trocando experiências de vida, contando os fatos da vida, apresentando suas famílias e criando laços de solidariedade.

O sr. Tota, estava radiante de alegria e contou-nos o seguinte:

“Hoje estou mais alegre. Encontrei amigos de muitos anos. o Flávio resolveu nos acompanhar na romaria. Faz tanto tempo que eu vinha pelejando para ele nos acompanhar. Só agora ele resolveu. Mas, nunca é tarde para quem quer alcançar as bênçãos no santuário. Essa caminhada é sagrada para mim e toda vez que eu consigo mais um adepto a alegria parece não caber aqui dentro do meu peito.”

Para uma liderança que caminhou na romaria há mais de quarenta anos, como é o caso do sr. Tota, existe um sentimento de inteiração tão profundo ao grupo dos carreiros, como à própria família. A adesão de mais um carreiro

representa a esperança da continuidade. Com o aparecimento de valores modernos, por exemplo, os meios de comunicação, com o objetivo de conseguirem sucesso, nem sempre interessam em divulgar o passado. As ameaças de extinção dos valores antigos são constantes.

É nos momentos de encontro entre os carreiros mais antigos que se atinge as profundidades da vida. Numa roda de amigos em que se conheceram e caminharam juntos há muitos anos é que acontece a lembrança, recordando os mesmos lugares, as destruições da natureza, as mudanças no grupo, as mortes de companheiros pelo peso da idade ou doenças, o nascimento de filhos e netos, a multiplicação de novas famílias, etc,

Em uma de suas lembranças, afirmou o sr. Tota:

“ É aqui nesse segundo pouso que lembro um acontecimento muito ruim. A uns 25 anos atrás não tínhamos lugar para ficar e o sol estava entrando, quando acampamos. O dono apareceu e queria cobrar 300 cruzeiros. Era muito dinheiro. Não pagamos e ele queria nos expulsar. Trouxe a polícia e a gente chegou uma pinga neles. No final não pagamos nada. Depois de um ano ficamos sabendo que o próprio filho daquele fazendeiro matou seu pai.”

A memória proporcionou a vontade de continuar e fortalecer a resistência bem como incentivar novos carreiros a aderir a romaria nos próximos anos.

1.3- DO JATOBÁ AO BOQUEIRÃO

Nas colheitas ainda me lembro,
Carreava todos os dias,
Só no Domingo descansávamos,
Pra louvar a Deus e a Virgem Maria.
Era uma família feliz,
A pesar que era pobre,
Com saúde e a tua cheia,
Sentia-se como se fosse nobre.
Martins.

No terceiro dia , segunda feira, o percurso é de 28km. Os primeiros carros saíram às 8h Eram mais de trinta carros. A 10 km do pouso passamos em Capelinha, um pequeno povoado, distrito de Anicuns, recentemente asfaltado. José Rogério, sub prefeito e vereador pelo Partido Trabalhista Brasileiro (PTB) e fez questão de explicar sobre um desvio preparado para que os carreiros não passassem no asfalto. Explicou:

” é para nós de Capelinha uma satisfação receber os carreiros. Porém, o asfalto foi construído recentemente. Se os carros passarem aqui o asfalto será destruído.”

Passando por Capelinha os pedestres e cavaleiros paravam para descansar. Uns preferiam comer farofa de feijão oferecida pelo proprietário de um bar, em

homenagem aos carreiros romeiros. Outros cumpriam o preceito de sempre tomar a *aguardente* ou até mesmo, outro tipo de bebida , a *chora Rita*, com pouca quantidade de álcool e menos apreciável. Lá , em Capelinha dona Laurinda encontrou uma carona até o terceiro pouso. Estava impossibilitada de continuar a pé, pois o calo d'água aumentara

José Barbosa, morador em Capelinha, naquele ano estava passando por momentos difíceis:

“Estou pedindo uma graça ao Divino Pai Eterno. Peço a todos os romeiros que rezem para que um câncer no meu olho desapareça. Todos os anos eu ia ao Santuário. Mas este eu não poderei ir porque o câncer é maligno. Mas, mesmo assim, eu acredito nas forças do meu pai eterno.”

Capelinha é distrito de Anicuns. Nesta região existe também uma romaria que vai à Trindade há mais de vinte anos. Os carreiros da romaria de Anicuns foram na frente e não se ajuntaram com a romaria de São José de Mossâmedes. Querem manter a própria tradição.

Ao sair de Capelinha o grupo que caminhava se distanciou dos carros de bois. Os cavaleiros passaram na frente, mas diminuíram a velocidade, os cavalos estavam cansados. Os bois caminhavam devagar, pois além de andar conduziam o carro com pessoas e materiais diversos. Os bois padecem a fome e a sede pela escravidão da canga e do ferrão.

Os cavalos carregavam apenas uma ou duas pessoas e tinham possibilidades de beber água em qualquer córrego. Isso, quando o cavaleiro ou cavaleira eram sensíveis e reconheciam o seu valor.

No terceiro dia aumentaram os carros e, conseqüentemente, os cavaleiros e pedestres.

Depois de Capelinha, a 10 km, fazia um calor terrível. Enquanto caminhávamos entrevistou-se Mauro, estudante de teologia em Goiânia no Seminário Santa Cruz:

“ Há quatro anos iniciei o contato com a romaria dos carreiros. Morando em São José de Mossâmedes e participando dos trabalhos pastorais daquela paróquia fiquei conhecendo alguns carreiros que me convidaram para a romaria. Comecei a caminhar nesta romaria com a família do Sr Tota. Sinto-me como um membro da família e quando eu não venho sentem a minha falta. O mesmo acontece comigo. Existe uma grande amizade entre nós. É preciso cultivá-la. Ajudo em tudo durante a caminhada para o Santuário em Trindade.”

Além de manter um vínculo com a família líder da romaria dos carreiros, Mauro apresentava uma grande resistência na caminhada a pé e puxava um grupo que às vezes desanimava

Quando estava se deslocando Mauro procurava manter o contato com a natureza e curtir a vida mais de perto, longe de livros e do barulho de Goiânia, uma grande cidade. Quando para é o primeiro a ajudar nos trabalhos, auxiliando em tudo o que precisar:

“lavo louças, ajudo a montar e desmontar a barraca e a fazer comida. Eles têm toda a liberdade comigo. Estudo o primeiro ano de teologia e sou candidato ao Sacerdócio na Diocese de Goiás Velho. Quero ser ordenado num acampamento desta romaria. Meus estudos serão utilizados na práxis. Por isso valorizo muito a romaria, como uma

práxis que nos ensina a caminhar sempre para a frente através da fé no pai eterno.

A modernidade prega o individualismo e a secularização. Aqui na romaria acontece o contrário. Esses quinze dias de caminhada celebram-se os valores, buscando no passado a grandiosidade do encontro. Aqui, lembra-se o êxodo. A caminhada para a liberdade. Assim, também, estamos buscando e, em parte, realizando a liberdade social e religiosa. E caminhando e participando que se conhece.”

Para a maioria dos carreiros romeiros peregrinos a caminhada faz parte da vida. Torna-se uma perda de sentido quando alguém, por algum motivo falta à caminhada.

Cada vez mais coloca-se em risco a continuidade da romaria, mas, segundo várias entrevistas, entre noras e filhos, com a falta do líder, a romaria continuará.

Francisco, filho do Sr Tota:

“Quando o meu pai não conseguir coordenar a romaria não faltará alguém para substituí-lo tenho irmãos mais velhos, mas, se for preciso assumo a liderança. É uma tradição dos meus avós e não vamos deixar acabar. Por isso trazemos nossos filhos. Um exemplo é o Dênis de apenas quatro anos. quando falamos para ele não vir, desmancha-se em choro até a gente dizer que ele virá na romaria.”

À tarde o sol esquentou e o vento diminuiu. Foi normal encontrar pessoas paradas em sombras, descansando. No terceiro dia o percurso foi maior. Homens e mulheres se misturavam e repartiram as atividades, porém o trabalho de tocar os bois e conduzir o carro foi feito só pelos homens.

As mulheres acompanharam seus maridos, ora caminhando atrás, à frente ou dentro dos carros. Os homens se alternavam tocando os bois a cavalo, na maior parte da estrada. Nesse dia, um dos carros da família do sr. Tota quase tombou, mas a fé no Divino Pai Eterno foi mais forte.

Durante o dia improvisamos algumas paradas. A fome aumentava, mas não faltava o alimento que foi preparado para esses momentos. Uma paçoca de carde, biscoitos de polvilho, bolos e broas de fubá. O café quente foi conservado na garrafa apropriada e até mesmo o feijão tropeiro ou o tutu mineiro foram apreciados nas paradas do dia. A água foi carregada por cada família e pelos que caminhavam na frente dos carros.

Já bem perto do terceiro pouso, Sônia, nora do sr. Tota, caminhava juntamente com os filhos que iam num burro manso. Em uma entrevista explicou o significado da romaria dos carreiros:

“ romaria significa encontro de pessoas que se unem num mesmo ideal de fé e vida. São os gestos concretos que comprovam a comunhão. Nem se compara a tanto desconforto. O banho na água fria, a falta de banheiros para as mulheres, o frio intenso durante a noite e pela madrugada, a poeira e o desconforto do calor intenso à tarde, as camas improvisadas. Isso a gente vence e compensa com aquilo que supera. A fé e a solidariedade é maior. Os carreiros preparam durante o ano inteiro para essa romaria. nós de Mossâmedes fazemos questão de levar arroz, feijão, carne e outros alimentos para os internos do São Cotelengo. Levamos aofertas para o Santuário.

Trazemos de tudo para comer. Sabemos que as dificuldades são muitas.

Alguns trechos na estrada ficam difícil para os carreiros o ano todo. Quando voltamos de Trindade a saudade aperta e começamos a preparar e sonhar com a próxima romaria. Durante a caminhada a convivência transforma-se numa verdadeira comunidade. Cada família que vai pela primeira vez é motivo de alegria e esperança para a comunidade. O Dênis é meu filho e adora a romaria. com apenas 4 anos já ajuda a tocar os bois e faz questão de ir num burro.”

Ao aproximar da pousada o movimento de motos e automóveis aumentou quando entraram em uma estrada mais movimentada que vai em direção à Avelinópolis, uma cidade pequena, com aproximadamente seis mil habitantes.

Às 16h 30, ao subir uma ladeira avistamos uma casa bem em baixo, num grotão entre duas montanhas. Era a casa do sr. Lili Correia, o proprietário daquelas terras que acolhe os carreiros há mais de trinta anos.

Ao chegarem ele os recebeu com alegria e mostrou sua admiração pelas características rurais da romaria. Sua entrevista caracteriza a vida simples do homem rural em sua linguagem coloquial:

“ O sr. sabe, eu não tenho na minha idéia, mas recebo os carreiros há uns 35 anos. Toda a vida sou devoto do divino padre eterno. Toda a minha famia desloca todos os ano para agradecê os benefício recebido. Eu creio que a romaria dos carrero vai aumentá, mais eu num vô isperá. A gente anda ruído pelos ano. Daqui a uns quinze ano a gente não pesta mais. Enquanto eu existí eu quero que essa romaria aumenta e não míngua. Eu não vô isperá o asfarto passa por aqui. Não tem prano prá isso.O aumento na romaria depende do trato nos poso. Quando conheci os romero era uma coisa enorme. Na ocasião que eu puxei eis prá cá, nem pasto eu tinha aqui. Eu tava numa venda lá

em baixo e veno o movimento deis no corredô. Vai prá lá, vem prá cá. Era oito carro. Eu assistino aquilo num aguentei não. Mandeí um rapais: munta num cavalo e vai lá e chama essa romaria que descamba o arto até aqui. Aí tem um home que as veis dá um jeito. Num tem pasto fechado mais nóis dá um jeito. Se fô preciso nóis ajunta os bois no outro dia.

Eu disse: as veis ele agasaia oceis. Esse home era eu, né... Aí, eis chegaro lá, eu ví, rompero prá cá o sol entrano. Chegô aqui eu ajudano eis todos.. aí, eis descubriro que eu era o dono da casa e puxaro mais romero prá minha casa. É o maió prazê meu dá cobertura prá eis aqui.

O esforço da gente e a fé fais aumentá o conhecimento, a amizade e a liberdade. Cria um grupo maió de amigo. Uma liberdade imensa. Já aconteceu cumigo prá esse lado de capitá véia. Até procurá quem é eu. Quando eu falo todo mundo qué me dá agasaio. Eu ví o sufrimento deis.”

O terceiro pouso em um boqueirão, ou seja, em uma grota entre duas ladeiras foi marcado pelo acolhimento de um senhor modesto, simples, ligado à natureza, que a respeita profundamente. Não se pagou nada e ele ainda ofereceu sua casa para o banho, especialmente para as mulheres. Uma água encanada vinda da nascente esperava os romeiros cansados e sedentos. Quarenta e dois carros encontraram-se no terceiro pouso e aproximadamente cento e cinquenta pessoas, entre crianças, jovens e adultos. Assim, como nos outros lugares haviam mais de dez carros esperando com suas barracas prontas.

O cansaço deixava marcas nos corpos dos romeiros, mas o acolhimento e a amizade do Sr Li Li compensaram o sacrifício. Num ambiente de amizade e gratuidade, os romeiros reconheceram nele tamanha gratidão e agradeceram.

O encontro dos carreiros com o sr. Lili pode ser comparado ao trecho do Evangelho de Mt, 22,36b que explica o sentido do amor ao próximo. Não existe amor pela metade, mas, segundo o texto mencionado, o amor de verdade supõe a doação total. A gratuidade é o fundamento do amor, pois eleva e valoriza a vida que está acima dos bens materiais conforme tal crença.

Em Mt 6,25-26 complementa-se o significado do amor representado pelo sr. Lili aos carreiros peregrinos. O texto do evangelho de Mateus se trata de uma exortação para não preocupar com as coisas externas em primeiro lugar: “não é a vida mais do que o alimento e o corpo mais do que a roupa. Olhai as aves do céu, não semeiam nem colhem, nem ajuntam em celeiros. E, no entanto, vosso Pai celeste as alimenta. Ora, não valeis vós mais do que elas”?

A presença das mulheres na romaria dos carreiros é marcante e animadora. Eliete demonstrou ser uma romeira corajosa:

” topo qualquer parada. Vou de carro, a cavalo ou a pé, se for preciso. Fico admirada de ver tantas crianças na romaria. nós adultos devemos dar bons exemplos para os futuros carreiros. Comigo não tem moleza, nem tristeza.”

Francisca, Valdivina e Marcelúcia vieram de São José de Mossâmedes. Caminham na romaria há dez anos .Segundo Francisca

“ a presença da mulher na romaria ajuda em tudo. Especialmente na cozinha, pois os homens não sabem preparar a comida. É muito bonito a união de cada família e de todos. Muitas mulheres caminham na romaria para fazer gosto aos maridos.”

Nas pousadas as mulheres criavam espaços próprios para partilhar suas alegrias e angústias. Notava-se uma crise na relação entre casais pelo comportamento dominador dos homens. Muitas vezes as mulheres não tinham outra opção a não ser obedecer. Continua ainda um estilo tradicional da submissão feminina. Não havia um clima de liberdade para tratar desse tipo de assunto pelo medo daquelas que vivem submissas aos maridos.

Por outro lado, existem algumas mulheres na romaria dos carreiros, ainda em minoria, que se libertaram e atuam em regime de igualdade com o companheiro.

1.4- DO BOQUEIRÃO AO DESERTO

Com seis anos fui pra escola,
Gostava de estudar,
Saía escondido do trabalho,
Pra na escola não falhar.
A noite na vizinhança,
Nós brincávamos sem parar,
Pega, pega, pula corda, cavalinho,
Roda, esconde, pique sabiá.
Martins.

A distância do terceiro pouso ao quarto é de 25 km

sairam do terceiro pouso às 7h30 do dia 27 de junho, da casa do Sr Lili, e chegaram à Avelinópolis a 4 km. Cidade pequena, com mais de 50 anos de existência tem como principal cultura a cana de açúcar para a produção de

combustível. Caminhamos alguns quilômetros ao lado do asfalto. Em toda a estrada deparamo-nos com a presença do asfalto o qual, a cada ano, vai ocupando mais espaço.

A presença da modernidade vem ocupando o espaço popular com o intuito de facilitar e prolongar a vida da humanidade do terceiro milênio. Goiás é um dos poucos lugares do mundo que ainda preservam a utilização do carro de bois, trafegando em estradas de chão. Com a formação das cidades e o inchaço das metrópoles, poucas famílias ficaram morando na área rural. Muitas dessas famílias participam das romarias para Trindade.

O sr. José, residente em São José de Mossâmedes, mineiro de Bom Despacho, afirmou:

“Toda pessoa deve ter prestígio no mundo. Eu casei para viver junto com a minha mulher e meus filhos. Por isso sempre trago a minha mulher. Ela tem que me acompanhar para gozar de tudo na estrada. Nossa romaria é uma festa. Aqui todos trabalham, mas participam da festa que é melhor.”

A realização da romaria é uma maneira de mostrar ao público o sentido da família que caminha unida. O vínculo matrimonial pela formação católica orienta que a mulher faz parte da vida do marido em todos os momentos, na alegria e na tristeza, na saúde e na doença. Quem ainda se orienta pelas normas do catolicismo tradicional faz questão de exigir na romaria a presença da mulher e dos filhos

Assim como houve jovens que foram para *farrear* houve outros que foram pela fé no Divino Pai Eterno. Alex e Ademir não bebem aguardente e nenhuma

bebida alcoólica e foram para participar das missas, especialmente da missa final que é muito bonita.

No quarto pouso, além da escassez da água, notamos rejeição à romaria dos carreiros. Sandra, da Fazenda Paraíso, disse:

“Hoje mesmo quando passávamos em frente a uma fazenda estava escrito que era proibida a entrada de romeiros”.

Reuniram mais de cinquenta carros, e uma romaria de carroceiros e de cavaleiros que veio de Goiás Velho acampam do outro lado da represa.

Henrique, um peregrino da Bahia juntou-se à romaria. Fez a experiência de caminhar a pé saindo um mês antes, sem carregar nada, numa experiência de despojamento e simplicidade.

Francisco e Geralda levaram todos os filhos: Juliana, Anastácia, João e Débora. Segundo Francisco, de Mossâmedes:“

Para o carreiro não existe sacrifícios. O mais difícil é preparar para sair, colocando as coisas no carro, tirando e colocando todos os dias. Mas isso não é sacrifício, pois estamos caminhando para perto do Divino Pai Eterno.”

Ao caminhar contemplando a natureza, Paulo, residente em Goiás e de origem italiana, refletiu:

“Esta manhã está refletindo para mim a presença de Deus.

O frio, a poeira, a devastação, a poluição do ar são problemas sérios.

No mundo inteiro parece estar faltando água. Tudo isso porque estamos explorando os recursos naturais, sem se refletir bem como se deve conservar, sem explorar. Aqui no Brasil especialmente a floresta e a mata está sendo reduzida sempre. A Amazônia parece ser o caso que mais preocupa. No mundo não existe mais reservas como a Amazônia,. Por parte parece ser falta de uma boa reforma agrária promovida pelo governo. Por parte é pela pressão dos corpos internacionais FMI(Fundo Monetário Internacional), que exige taxas de interesse altas. O povo não quer isso, pois prejudica o Brasil. Para conseguir pagar as dívidas importam os recursos naturais da Amazônia.

Ainda falta uma consciência bem formada para que a população defenda a Amazônia”.

No quarto dia da as crianças ficaram mais próximas dos pais e algumas pessoas mais idosas e cansadas foram dentro dos carros ou conseguiram alguma carona para adiantar a viagem.

No sertão quente e sem água apareceram dois novos caminheiros. O sr. Vanderli e Maria da Cruz, residentes em Americano do Brasil dedicaram todo o dia para servir água aos romeiros. Com uma camioneta ofereceram água em abundância deslocando-se de acordo com os grupos de cavaleiros, pedestres e carreiros.

Faltando 4 km para a chegada ao quarto pouso, da Fazenda Boa Vista o gerente Edson, e seus dois filhos serviram água pura aos romeiros. O gesto de humanidade foi estendido aos animais. Afirmou Edson:

“ A romaria dos carreiros é uma novidade para as crianças. Meus dois filhos deixaram hoje a escola para ver os carros passarem.

A água é vida e, por isso fico emocionado de ver os bois passarem com sede. A nossa região tem pouca água.”

Chegaram às 16h e encontram dez carreiros esperando, com suas barracas armadas. Algumas surpresas desagradáveis estavam à espera. O local de acampamento era enladeirado e de pior qualidade. A água era escassa. Segundo o sr. Tota o ano passado foi ainda pior. Além de ter sido exigida uma taxa de cada carreiro, os bois não puderam beber água na represa. Havia apenas um banheiro para aproximadamente duzentas pessoas. Os homens procuraram água à longa distância. Um pequeno córrego ficava a meio quilômetro do acampamento. Nesse dia o banho foi demorado. Após o jantar servido às 20h, chegaram seis seminaristas redentoristas que acompanharam os carreiros romeiros no intuito de ajudá-los pastoralmente.

chegou, também o padre diocesano Antônio Donizete para presidir a celebração. Entrando em contato com os monges resolveram preparar uma celebração em volta de uma fogueira, sem sacrificar os romeiros que estavam bastante cansados. Acendeu-se uma grande fogueira na frente da barraca do sr Tota.

Os jovens haviam acendido outra fogueira a 100 m de distância. Foram convidados para a celebração e aceitaram. O padre Marcos e Sônia motivaram os participantes com o cântico: *A romaria*. Em um ambiente bem natural reservou-se um tempo para orações espontâneas de acordo com a viagem. O celebrante leu o

Evangelho e fez a reflexão. Os seminaristas apresentaram-se e falaram das preocupações pastorais. Finalizaram com o cântico: *Nós pedimos ao Pai Eterno a Vossa Bênção*. A noite foi tranquila. Apenas um grupo de jovens ficou ao redor da fogueira bebendo *aguardente*, cantando e contando histórias até a meia noite, quando pediram silêncio para que se pudesse dormir.

1.5- DO DESERTO À PAZ

Tempo bom nunca me esqueço,
Nossa vida de carreiro,
Hoje meu pai Deus levou,
Do céu é meu mensageiro.
De outra pessoa querida,
Quero sempre me lembrar,
Minha mãe que me deu a vida,
Todo amor a ela quero dedicar.
Martins.

No dia 28 de junho, quinta feira, a caminhada foi iniciada mais tarde, pois os romeiros estavam bastante cansados.

As romarias que chegaram de regiões mais próximas saíram primeiro. Os carreiros e cavaleiros de Goiás também demoraram mais. Os carreiros de Anicuns foram na frente com a diferença de um dia dos carreiros de São José de Mossâmedes.

Pela manhã do mesmo dia aconteceu um acidente. Um boi carreiro foi morto pisoteado por outros bois que disputavam a água escassa de um pequeno riacho. É prova de que nesse lugar não há água suficiente para os bois. O lago imenso é apenas uma demonstração de que existe água. Todavia não pode ser usada pelos carreiros.

No quinto dia da romaria a saída aconteceu às 9h. A estrada era bem estreita. Era o menor percurso de toda a caminhada, apenas 30 km. A uns dois km depois da saída, um carro que ia na frente foi forçado a parar dentro de uma mata provocando a parada de todos. Havia quebrado um cambão. Essa peça tem a função de ligar uma junta de bois à outra e ao carro. A mata forneceu a madeira que foi retirada pelo carreiro. Em pouco tempo, transformou a madeira bruta em uma peça importante para a locomoção do carro de boi, o cambão.

Ao subirmos uma forte ladeira, após o clube do Cedro, avistamos o santuário. Os romeiros pararam e agradeceram ao Divino Pai Eterno pela caminhada. Foi mais um ano em que se comemorou a presença da romaria dos carreiros em Trindade.

O comentário durante a caminhada foi que neste ano tudo transcorreria bem.. Aconteceu a solidariedade entre os romeiros e novos carreiros aderiram à caminhada. Os romeiros cavaleiros que estavam ligados aos carreiros aumentou e o acolhimento nas pousadas cresceu. Bem perto do local da pousada passamos por um povoado chamado Cedro. Eram poucos moradores e havia algumas casas comerciais, especialmente bares com bebidas. Após permanecer por um certo período naquele lugarejo continuaram a peregrinação por uma estrada estreita. Conforme a tradição do lugar o termo cedro origina-se de uma madeira de boa

qualidade, extraída especialmente para a fabricação de móveis domésticos: cadeiras, armários e outros. A canga extraída do cedro torna-se uma peça resistente.

Depois de caminharem 5 km chegaram ao último pouso. A Fazenda da Paz. O local condiz com o nome. Existem muitas árvores com sombras e uma grama verde que proporcionaram aos carreiros mais conforto. Ao lado do acampamento o córrego Cedro existe água em abundância, tanto para os bois quanto para as pessoas que chegaram sedentas. Para as mulheres, alguns banheiros na sede da fazenda facilitam-lhes o banho. Não existia tanta pressa. Apenas algumas mulheres aproveitaram para lavar roupas e foram para a beira do córrego.

Nessa noite, a última, antes de chegarmos à Trindade, comemoraram o sucesso da viagem. Uns faziam churrasco, outros preparavam jantar especial para comemorar comendo e bebendo. Uma família trouxe um cabrito e acendeu uma fogueira para assá-lo.

O grupo *country* se preparou mais cedo para a festa. A sede da fazenda ofereceu um local apropriado onde, mais distante dos carros poderiam cantar, dançar, namorar e alegrar-se a vontade, sem interferência daqueles que preferiram o silêncio, a contemplação da natureza, o diálogo e o descanso mais cedo.

Fernandão, ou Cobrinha como é chamado, lembrou, na última noite do pouso, os acidentes ocorridos durante a peregrinação:

“Uma moto passou debaixo de um cavalo, a morte de um boi, a chifrada de um boi em uma criança, o quase tombamento de um carro de boi, o corte de um facão no braço de um jovem, sendo levado ao hospital mais próximo e submetido a cinco pontos, o coice de um boi

na trazeira de um automóvel quebrando o vidro do farol. Mesmo com tantos problemas não houve nada de grave. A festa vem acontecendo. Para nós jovens a farra é necessária. Sem a pinga fica muito triste. Por isso fé e pinga se misturam e motiva a vinda de muitos jovens. Assim o futuro da romaria fica garantido. Acredito no Divino Pai Eterno acima de tudo porque ele ajuda a quem precisa.”

Simone já caminhava na romaria há quatro anos, mesmo pertencendo à igreja batista. Ela disse:

“Sou crente da igreja batista desde quando nasci. Não sinto dificuldade de inturmar nessa romaria. Gostaria de acreditar no ecumenismo, mas sinto que estamos muito distantes dessa realização. Na romaria dos carreiros existem pontos positivos e negativos. Muitos vão por fé e devoção, mas uma parte vai pela farra e bebedeira. Sou contra a bebida alcoólica na romaria. Deveriam pensar melhor. Neste ano têm mais pessoas participando das celebrações. Existem muitos que ficam desacreditados diante dos romeiros e do Senhor Deus.”

Segundo Valdivino, filho do sr. Tota

“a presença dos jovens é importante na romaria, mas dificulta o bom andamento..”

À noite, após o banho e o jantar, o monge Marcos resumiu o significado da peregrinação dos carreiros romeiros do Divino Pai Eterno:

“Então, esse último acampamento é muito significativo porque reúnem carreiros de diversos lugares. Nós viemos de um grupo que partiu de Mossâmedes e Goiás Velho, grupos mais de longe. No

caminho foram encontrando diversos tipos de romarias, como exemplo os carroceiros, cavaleiros e famílias a pé. A alegria é contagiante. O conhecimento pelo diálogo, a troca de experiência. Um senhor que troca um burro por um cavalo, uma senhora que compra uma coisa que a outra fabricou. A festa é central na vida dessas famílias, que marca o ciclo anual deles, compara-se a festa da Páscoa, pois dá sentido ao restante do ano. Marca todo o ano. O significado do acampamento, o desinstalar-se, a aceitação do provisório gera em cada pessoa que participa atitudes de despojamento centralizando-se no Divino Pai Eterno. Viemos em sete pessoas do Mosteiro de Goiás. Acompanho a três anos esta romaria. Outros vêm a mais tempo. Eu percebo que aqui convivem dois tipos de grupos. Muitos vêm para pagarem promessas e querem descansar quando chegam nos acampamentos. Outro grupo paralelamente cultiva uma espécie de cultura cowboy ou cowntury e parece ser simpatizantes pela estética do carro de boi, da estrada mas é marcada mais pela boite, bebidas, uma festividade profana. À noite os dois grupos entram em choque, pois uma parte quer descansar, dialogar e precisam de silêncio. O segundo grupo quer passar a noite cantando, dançando e jogando. Os dois grupos convive-se, mas, sempre em conflitos.”

Na última noite antes de chegarmos a Trindade os romeiros prepararam o carro que conduziu a imagem do Divino pai Eterno. Retiraram a esteira e prepararam um local apropriado com uma mesa fixa na frente do carro, toda enfeitada com ramagens e flores. Às 20h reunimo-nos como de costume para uma celebração.

Nessa noite estavam presentes os seminaristas redentoristas e o Pe Donizete que havia participado da celebração no quarto pouso.

1.6- DA PAZ À SATÍSSIMA TRINDADE

Hoje as coisas estão mudadas,
São poucos os carros de bois,
Doenças e crianças abandonadas,
Parte da minha vida se foi.
Mas existe uma verdade,
Acredite seu doutor
A vida aqui na cidade
É mais difícil do que no interior.
Para que tanta leitura,
Se não existe confiança,
Sem alegria e ternura,
Falta vida e esperança?
Martins.

1.6.1- Chegada em Trindade e a recepção das romarias

No dia vinte e nove de junho às 7h30 os carreiros saíram em direção à Trindade. O percurso bem curto tranquilizou os romeiros. Às 9h30 os primeiros carros de bois chegaram à GO 060. Diversos guardas de trânsito esperavam para escoltá-los. Foi necessário controlar o trânsito para evitar acidentes. Existe uma distância imensa entre o carro de boi e o automóvel: enquanto o primeiro é lento, o automóvel na sua rapidez provoca perigos; enquanto um precisa da força de animais para se mover, o outro é tocado pela força de um motor; a máquina se

movimenta pelo combustível que depende do dinheiro; o carro necessita da força de animais alimentados pelo capim ou ração e água, todos retirados da natureza.

O tenente Martins assim se expressou:

“Nosso trabalho consiste em conduzir os carreiros mantendo a integridade dos mesmos até o final do desfile, enquanto passam no asfalto. Somos responsáveis pela segurança deles. Percebe-se um contraste entre a modernidade e a tradição. É preciso isolar o trânsito e não deixar a comunidade invadir as ruas. A romaria dos carreiros representa o contraste entre a modernidade e a antiguidade. Esse contraste é verídico quando forma-se um engarrafamento de automóveis para os carros de bois passarem. Sendo uma novidade para as famílias que moram na cidade os mesmos matam a curiosidade. As crianças ficam radiantes de alegria ao verem algo diferente, as vezes nunca visto antes. É um engrandecimento para a nossa cidade e para Goiás. Esse desfile é divulgado no Brasil inteiro e futuramente no mundo, pela sua importância. É um grande valor que temos em Goiás.”

Enquanto os carros de bois passavam no asfalto, o trânsito se desorganizava. Com a demora da passagem formou-se um congestionamento quilométrico, causando nervosismo.

Ao atravessar as ruas periféricas chegaram ao centro onde uma grande multidão, num forte calor esperava-lhes, com curiosidade, para ver de perto os carros, os bois, os cavaleiros e os carroceiros que passavam solenemente em direção ao santuário.

Depois de terem caminhado dois km nas avenidas do centro, numa apresentação que pode ser comparada a uma apresentação teatral ou a uma

exposição da antiguidade , em transição um público sedento de novidades, ainda maior, esperava os romeiros.

A 100 m da praça do santuário antigo ou, matriz como é chamado, os carros paravam e receberam uma folha de papel numerada constando o nome do proprietário , o lugar de origem e o número, conforme a ordem de passagem no desfile.

Na praça foi montado um palanque pela prefeitura local onde estavam as autoridades. destacava a presença do prefeito, vereadores e artistas conhecidos no estado de Goiás, como as irmãs Galvão, artistas de renome, com músicas sertanejas de sucesso que lembram a tradição popular.

A praça estava repleta de pessoas de todas as idades e raças, em grande expectativa. Para muitos, o carro de bois representa um valor do passado. Na maior parte do mundo não existem mais nem como relíquia.

O desfile realizou-se através da preparação da prefeitura local coordenada pelo prefeito Valdivino Chaves e câmara de vereadores. Montou-se um palanque que ficou repleto de autoridades e artistas.

Um locutor selecionado coordenou a comunicação apresentando cada carro, com o número, o carreiro e a localidade de origem. O padre Galvão, missionário redentorista da Província de São Paulo, representou a Igreja Católica abençoando os carreiros, cavaleiros e pedestres.

A praça da matriz transformou-se num verdadeiro espetáculo. Enquanto passavam os carreiros com suas características mais típicas, uma multidão incontável os aplaudia. As autoridades políticas e religiosas esperavam com festa aqueles que estavam escondidos tornando-os públicos. Ao lado celebravam a novena com a igreja repleta de romeiros que chegavam de todos os

lados. Na frente da matriz ajuntavam centenas de mendigos de diversos estados com uma finalidade especial: pedir esmolas e alimentos para saciar-lhes a fome.

Enquanto os carros passavam na avenida, um grupo de trabalhadores da prefeitura local retirava o esterco da rua. A sujeira não condiz com o asfalto. Este foi construído para proporcionar conforto àqueles que saíram da área rural onde a terra-mãe que produz o alimento continua simbolizando a vida. O dejetos caído no asfalto incomodava as autoridades que foram eleitas também para preservar a limpeza da cidade.

O desfile foi também um meio de divulgação da prefeitura e da política que se realiza numa cidade visitada por populações diversas. Apresentar uma imagem positiva tornou-se prioridade tanto no campo político como no campo religioso: a distribuição de brindes aos carreiros, a facilitação de locais para pastagem, a organização do trânsito para passarem no asfalto e a contratação de artistas típicos da região são ações fundamentais para a prefeitura de Trindade.

1.6.2- O Santuário e seu universo

O santuário no momento é coordenado pelo padre Vicente André de Oliveira, nomeado pelo atual superior provincial padre Fábio Bento da Costa que representa os missionários redentoristas em Goiás. A Congregação do Santíssimo Redentor com o *carisma* de acolher com amor seus peregrinos, como Jesus acolheu os empobrecidos, prepara, todos os anos, a festa com antecedência, convidando os padres residentes locais e contando com a presença de outros que tradicionalmente vêm de São Paulo. Na última semana da festa organiza-se uma escala de atendimento constante, tanto no santuário velho como no novo. Das

6h às 22h os romeiros podem se confessar ou serem aconselhados por um padre que fica à disposição dos mesmos.

A reforma do santuário novo continua. Depois de reformar a parte interna os romeiros percebem na parte externa a construção de escadas novas em andamento. Foi recentemente reformada a sala de atendimento aos romeiros proporcionando mais conforto àqueles que chegam cansados fisicamente, em busca de um bom atendimento espiritual. A sala dos milagres, sem condições de receber mais lembranças está em projeto de reforma: a ampliação de suas dependências virá proporcionar aos romeiros a reconstrução da memória. Durante a festa a sala fica repleta de romeiros que olham fotos e objetos, certamente recordando acontecimentos semelhantes que deixaram sinais de esperança e vida pelos milagres alcançados.

Maria Cleusa, de Ituiutaba- MG, falou:

“A romaria revive a memória. Uma coisa bonita que vai se perdendo. Esse desfile é uma oportunidade da gente rever parte da nossa história. A sala dos milagres também contém uma riqueza enorme de lembranças. É bom para as crianças conhecerem algo que, em muitas regiões se vê apenas nos museus”.

Foi interessante notar diversos acontecimentos ao mesmo tempo: o desfile dos carreiros, sendo exaltados e aclamados por membros de instituições modernas; os políticos que se apresentaram populares pela proximidade com os carreiros camponeses; à religião que se manifestou na igreja acolhendo todos os romeiros que vieram para agradecer os benefícios e fazer seus pedidos ao Divino Pai Eterno; músicas, vivas e palmas que se misturam entre a missa e o desfile. Existe, todavia

uma manifestação diferente de todas: os empobrecidos que, em silêncio, aguardavam no meio da multidão alguém que deles tivesse compaixão. Quando apareciam pessoas com espírito de caridade eles aglomeravam-se aparrando nas mãos as ofertas. Mas eram tantos os necessitados que eles provocaram tumulto, empurravam e até derrubavam mulheres e crianças em disputa por um pedaço de pão ou um copo de leite. Para evitar maiores problemas alguns policiais ajudavam a manter a ordem na distribuição de alimentos. Ao lado da Igreja matriz uma fila quilométrica aguardava em silêncio o momento de beijar a fita ligada a Imagem da Santíssima Trindade. Em frente da igreja vários vendedores expunham imagens de santos e livros de diversos títulos e ficavam à espera de negócio. Nas ruas principais o comércio era intenso: imagens de santos, roupas, bijuterias, brinquedos, café, lanche e miudezas em geral. O sr. José residente em Juazeiro na Bahia insistiu:

“Tá faltano um dinheiro pra voltá. Um trocadinho. Eu sô do Juazero do Norte, terra do padim cícero. Minha mão é calejada mostra as mãos. Pelo amô do Padre Eterno. Me dê um trocadinho. Eu preciso voltá.”

A mendicância aumenta a cada ano que passa e os pedintes espalham-se pela cidade toda, mas concentram-se especialmente em frente da matriz e do santuário. Crianças, jovens e adultos se esparramavam à noite deitados debaixo de cobertores numa área delimitada, expostos ao tempo, sem proteção. Havia diversas pessoas em cadeiras de roda que ficavam nos mesmos lugares dormindo nas próprias cadeiras.

Maria de Lurdes de Brasília disse:

“Prá mim essa festa é uma bênção, porque mata a minha fome. Eu estou devendo vinte reais em Brasília. Se o Divino Pai Eterno permitir eu vou pagar. Ele tem a mão poderosa e faz milagres e mais milagres.”

Caracterizando a desigualdade social, a mendicância cresce, na medida que cresce o número de participantes na romaria. A fome comprova a exclusão social e a prática da injustiça na distribuição dos bens e das condições de vida planejada e implementada na sociedade de um modo geral. No Brasil a prática da exclusão aos empobrecidos tem sido fortalecida e pouco tem sido realizado para a criação de uma política que venha extingui-la

O carreiro Joaquim Cadute, morador em Ordália afirmou:

“É muito importante até mesmo para sentir bem mais perto o que é não ter um lugar para morar, não ter o que comer ou vestir e porque passamos por tudo isso na romaria. Nem sempre somos bem recebidos nos lugares de dormida. Às vezes não tem agasalho suficiente e passamos muito frio.”

O santuário existe para abrigar o pobre que passa por diversas provações, dentre elas, a fome e a doença física e mental. Para chegar a Trindade enfrentam dificuldades sofrendo humilhações quando pedem carona. Nas calçadas, ao redor das duas igrejas (santuário velho e novo), concentram-se centenas deles.

Na festa a Rodovia dos Romeiros intensifica-se o movimento nos últimos três dias. A caminhada a pé torna-se a cada ano um meio de chegar até o santuário.

Nivaldo Moreira de Brasília, proferiu o seguinte:

“Eu estou caminhando para agradecer uma graça que recebi do Divino Pai Eterno. Eu era alcoólatra e fui libertado da bebida. Todos os anos venho fazer esse mesmo percurso de Goiânia à Trindade. Não canso porque a fé é forte e a alegria é maior ainda. Eu poderia estar na cadeia ou morto se não fosse a Luz que me iluminou.”

A quantidade de milagres torna-se incontável quando se depara com a sala onde ficam as lembranças depositadas por milhares de pessoas que agradecem benefícios recebidos do Divino Pai Eterno.

Na sala dos milagres destacam-se os pertences do cantor Leandro da dupla Leandro e Leonardo. São objetos que representam o cantor Leandro, e trazem a todos que ali passam uma lembrança viva.

Para que os carros entrassem na cidade foram retirados os meios fios. O asfalto ficou com as marcas dos pregos das rodas dos carros. O asfalto quente deixou os bois inquietos. Estavam fora do seu habitat. Os cascos dos animais não resistem ao calor e à dureza do asfalto, uma vez que estão adaptados com a terra.

Terminado o desfile dos carreiros, passaram também aproximadamente trezentos cavaleiros. Segundo estatística, neste ano, os carreiros bateram recorde com a apresentação de duzentos e vinte e cinco carros de bois, além daqueles que não se expuseram ao sol durante três horas, por não concordarem com a organização. Em primeiro lugar, para os carreiros em geral, está a fé no Divino Pai Eterno e na Virgem Maria. Os cavaleiros uniram-se aos carreiros por diversos motivos: muitos são filhos de carreiros; uma parte deles auxiliava os carreiros revezando para tocar os bois.

Um grupo de cavaleiros foi à romaria para fazer farra na estrada e cultivar uma cultura diferente, semelhante à cultura *country*. Lucas Francisco, de Anicuns, disse:

“em nossa romaria não há um chefe . todos se reúnem livremente. O que temos em comum é só a fé no Divino Pai Eterno e a tradição passando de pai para filho. Aqui todos se ajudam e chegamos juntos. Não aceitamos política no meio da romaria .O maior valor para nós está no Santuário”.

Tanto na romaria de Anicuns quanto na de São José de Mossâmedes existiu um cuidado especial para que não houvesse envolvimento político. A romaria de Damolândia diferenciou-se no aspecto político. Valorizou-se a presença da prefeitura devido a assistência à saúde, por ela propiciada.

João Batista, de Damolândia, informou sobre um estilo diferente de romaria:

“Hoje temos mais de sessenta carros na romaria é, também pelo apoio da prefeitura de Damolândia, que fornece lanches e a presença de remédios, ambulância, a presença da TV e rádios que divulga a nossa romaria. Nas cidades nos oferecem cafezinho e água. Se não fosse os meios de comunicação e os políticos não teríamos essa quantidade de carros e pessoas.”

O aumento existente, tanto na romaria dos carreiros de São José de Mossâmedes quanto na de Damolândia, é verídico, contudo os motivos são

diferentes. Em São José de Mossâmedes a tradição é mantida enquanto preservam-se valores que humanizam.

As pessoas sentem-se bem, caminhando e dialogando e, ao mesmo tempo, fugindo do isolamento que as cidades provocam.

Os valores tradicionais e familiares são mantidos pela presença e atuação dos seus componentes. A importância da liderança mantém-se de pai para filho; no sistema hierárquico o filho mais velho deve ser mais responsável. As mulheres em sua maioria vão à romaria para exercer trabalhos domésticos e proporcionar mais alegria aos maridos. Apenas os jovens quebram a tradição através da bebida alcoólica, da música, da dança. Outros comportamentos são criados; embora haja a resistência outros valores continuam modificando a tradição.

Em Damolândia os valores tradicionais vão sendo substituídos por outros novos, com mais intensidade. O aumento em quantidade de carros aconteceu especialmente pela divulgação feita pelos meios de comunicação e pela presença da prefeitura. Existe uma aceitação por parte dosromeiros e até sentem necessidade da presença de elementos da modernidade que passam a somar forças para o êxito da romaria dos carreiros. Embora mantenham o carro, os bois, a caminhada e os elementos necessários para continuar a tradição, acreditam e dependem de mecanismos modernos.

Modernidade e tradição misturaram-se ao desfile que durou três horas, sob um sol extremamente quente. As ruas por onde passaram os carros de bois ficaram repletas de famílias que não se importaram com o calor; .no desfile tudo passou a ser curiosidade. Por exemplo, quando passaram carros mais característicos, com bois mais iguais, com crianças montadas em algum boi manso, ou com donzelas vestidas a rigor, conduzindo os bois, senhoras e crianças dentro dos carros, os

espectadores batem palmas. O momento especial do desfile dos carreiros representa simbolicamente a contradição entre modernidade e antiguidade.

Gerônimo, de Damolândia, explicou a importância e o crescimento da romaria:

“Faz vinte anos que caminho na romaria dos carreiros. Neste ano foi beleza a viagem. Viemos em uns sessenta carros. O número cresce a cada ano que passa. Para mim não existe sacrifício. Os políticos e os padres têm ajudado muito. Quando chego em Trindade parece que tudo muda de figura. Tudo é facilitado para que o romeiro permaneça na festa. O desfile é uma beleza, por isso trago toda a minha família para desfilar. Trago até o lulu nosso cachorrinho de estimação. Este ano ele vai desfilar amarrado no eixo da carro. Trago tudo o que ainda tenho de antigo para mostrar ao povo da cidade: a cabaça de carregar água para os trabalhadores na lavoura e um berrante.”

O cansaço das pessoas que migraram para as cidades com o barulho e o contato com a máquina tornam-nas mecânicas, com saudade da convivência com a natureza. Lembram-se ao verem os carros de bois da importância da tranquilidade da vida rural e da necessidade de pisar a terra, de beber a água da nascente, de saborear a alimentação natural e fazer a experiência do silêncio. Por outro lado, as famílias têm necessidade de se mostrar e sair por um momento do anonimato. A realidade rural permite apenas o contato limitado do homem com a própria natureza. Pelas necessidades de alimentação e de sobrevivência aprende-se um pouco de tudo.

O Divino Pai Eterno representa a vida plena, a paz sonhada durante o ano inteiro quando o romeiro se prepara para voltar ao Santuário, renovam-se a esperança de uma vida melhor, da fé perdida pelo consumismo moderno, a

confiança de que tudo na vida se encaminhará bem: a plantação, a preservação dos bens, a produção, a saúde, a convivência fraterna.

O atendimento nos Santuários torna-se a prioridade dos padres redentoristas que coordenam desde 1894, com a finalidade de evangelizar as romarias a Trindade em Goiás e a Aparecida do Norte em São Paulo.

Na parte inferior do santuário novo, em Trindade, está localizada uma secretaria para a organização e orientação dos romeiros e, ainda, de um lado, os confissionários e, do outro, uma capela para duzentas pessoas esperarem para as confissões comunitárias.

De Sexta- feira a domingo, na primeira semana do mês de julho do ano 2000, passaram pelo santuário oitenta padres e aproximadamente dez mil fiéis para o atendimento espiritual. A procura para as confissões intensifica-se a partir da Sexta- feira à tarde.

Irmã Sônia, da sala de atendimento às confissões, explicou sobre a organização daquele departamento:

“Para mantermos um bom atendimento os catequistas ficam sempre a disposição para orientar os romeiros. Quando aperta para os padres nas confissões individuais convidamos para as confissões comunitárias. Com a reforma realizada recentemente para o melhor atendimento facilitou bastante o acesso daquelas pessoas que chegam cansadas e abatidas. Aqui podem descansar e beber da fonte espiritual tão esperada pelos romeiros, pois o acolhimento é muito bom, tanto pelos missionários redentoristas e outros padres quanto pela equipe preparada pelo reitor deste santuário, padre Vicente André”.

Ao lado das escadarias do santuário fica localizada a sala dos milagres.

João Batista, de Trindade, esclareceu:

“Ajudo na organização desta sala há vários anos. Houve várias ampliações, mas não está comportando tantas lembranças deixadas pelos romeiros do Divino Pai Eterno. A cada ano que passa a tendência é aumentar. Neste ano a sala será ampliada para que os romeiros tenham lugar de deixarem suas fotos, peças de madeira ou gesso, ou até mesmo roupas e quadros com pinturas que retratam os milagres concedidos pela Santíssima Trindade. O movimento é muito grande especialmente em volta das lembranças deixadas pela família do cantor Leandro, da dupla Leandro e Leonardo. A sala dos milagres representa a realidade brasileira em diversas dimensões: em relação à fé do povo simples e humilde, em busca de uma proteção diante de tanto sofrimento, como exemplo: a falta de moradia, a terra, o emprego e a fome.”

Em vista das necessidades inclui-se o comércio.

Agemiro, de Trindade, disse:

“Neste ano as vendas de salgados caíram porque o dinheiro diminuiu, e as autoridades locais não oferecem condições para trabalhar. Estou pagando 180 reais de aluguel. Se continuar parado assim não vou tirar nem o aluguel.”

Luciano, que vendia frutas falou:

” neste ano o comércio de frutas está fraco. A fiscalização não deixa a gente vender perto da igreja onde fica o maior movimento.”

De um modo geral os romeiros vão à Trindade para pagar promessas e renovarem-se espiritualmente participando das celebrações e confissões, porém, aproveitam o tempo para atenderem outras necessidades: fazer compras e se divertirem.

1.6.3- A solidariedade: uma extensão do santuário

Os carreiros peregrinos que vão de São José de Mossâmedes têm uma finalidade especial ao chegar em Trindade: visitar a *Vila São José Bento Cottolengo, levando alimentos para os internos. Essa vila foi fundada pelo padre redentorista Gabriel Vilela, em 11 de fevereiro de 1951, com o objetivo de atender aos portadores de deficiência e rejeitados pela família.. São acolhidos, no momento, trezentos e trinta e um internos.*

A concentração de mendigos e portadores de doenças tem sido um dos maiores problemas sociais em todos os anos, desde o início do santuário.

Após quarenta e nove anos de existência a Vila São Cottolengo, assim conhecida, funciona como uma instituição filantrópica, voltada essencialmente para o trabalho com os portadores de deficiência .mental e/ ou física. Para o atendimento mais completo estende-se também à área de saúde, educação e trabalho, como prestação de serviço à população de forma geral. Pertence à Arquidiocese de Goiânia, sendo administrada pela Congregação do Santíssimo Redentor e pelas Irmãs Filhas da Companhia da Caridade de São Vicente de Paulo de Belo horizonte.

Para o funcionamento o estabelecimento conta hoje com quatrocentos e dezenove funcionários, com uma equipe interdisciplinar composta por assistentes sociais , enfermeiras, farmacêuticos e bioquímicos, fonoaudiólogas, fisioterapeutas,

médicos de várias especialidades, nutricionistas, odontólogos, psicólogos e terapeutas ocupacionais.

Recentemente esta instituição foi considerada pelo Governo Estadual, através da Secretaria de Saúde do Estado, referência regional na área de habilitação e reabilitação, pelo trabalho que vem sendo desenvolvido por toda a unidade hospitalar, atendendo pacientes de todo o Brasil.

A Vila São Cottolengo tem sido referência de um modo especial dos romeiros que vêm do interior do Estado de Goiás, trazendo suas ofertas.

Todos os domingos, após a missa das 8h 30, os visitantes chegam de todos os lados para fazerem visitas aos internos, trazendo alimentos ou dinheiro para manifestar o gesto de solidariedade. Os carreiros chegam trazendo uma parcela da colheita em alimentos. Neste ano o sr. Tota trouxe um carro cheio de arroz e feijão, alimentos básicos para a manutenção da vida.

Sebastião Joviano, residente em Ordália, município de Itauçu, aproximadamente a 100 km de Trindade explicou o motivo de sua caminhada:

“Vou à Trindade na romaria porque acredito no Divino Pai Eterno. É gostoso participar da romaria. Vou agradecer as graças recebidas: a saúde, a vida, as colheitas que neste ano foram boas, a chuva e o aumento da água. O que mais valorizo é a visita ao Divino Pai Eterno, a visita ao São Cotelengo, depois vem o encontro com os amigos. É um povo que nos recebe sorridentes. Ir a Trindade torna-se uma necessidade para mim. Lá sinto mais perto de Deus e dos amigos.”

A prática da caridade é uma das principais finalidades dos romeiros. Especialmente aqueles que moram mais distantes e vão poucas vezes em Trindade.

A prática da solidariedade através de gestos concretos, doando parte do fruto do próprio trabalho está intrínseca na cultura popular. Não tendo uma religião racionalizada e sistematizada, pratica-se, através de ações objetivas, para receber em troca os benefícios do alto, conforme acredita o sr Tota quando refere-se a um passado pobre e a um futuro rico promissor.

“Antes, quando cortei o braço eu era pobre, hoje, melhorei de situação graças à fé e ao trabalho constante.”

A fé do romeiro é como um motor que o empurra para a frente transformando-o tornando-o consciente da existência do Pai Eterno.

2- MEMÓRIA, TRADIÇÃO, MODERNIDADE E TRANSIÇÃO

O deslocamento dos carreiros de suas origens para Trindade é um exemplo de reconstruir a memória viva da própria identidade.

O desprendimento das normas de cada família, saindo de suas regiões, o encontro com outras famílias que partiram vindas de lugares diferentes caminhando juntas, o contato com a natureza, as paradas nos pousos, tudo isso são momentos especiais de lembrar e reconstruir uma realidade passada a partir do presente.

Valores atuais que estão inseridos na romaria: a cultura country e os meios de comunicação influenciaram a tradição e provocaram uma transição. As diferenças entre tradição e modernidade é evidente na romaria dos carreiros entre a cultura country e os carreiros que vão ao santuário para pagar promessas. É a partir do reconhecimento e da aceitação das diferenças que ocorre a transição. Em consequência do confronto das diferenças surge os novos hábitos. A resistência é um modelo de querer preservar costumes mais antigos e básicos na estrutura do grupo dos carreiros: a prática da solidariedade que se realiza através dos elementos fundamentais do catolicismo assimilados pelo tipo cultural popular dos carreiros é um exemplo da resistência.

Este segundo capítulo tem a finalidade em toda a dissertação de descrever sobre a memória, a modernidade e a transição da tradição à modernidade. A base

desta análise se encontra na tradição mostrada pela romaria dos carreiros no percurso de Mossâmedes à Trindade.

A partir do encontro entre tradição e modernidade acontece a reinvenção da cultura provocando uma transição modificando os hábitos em novos valores. Estes, se refletem no santuário do Divino Pai Eterno: no estilo de sua construção, no culto, no atendimento espiritual e no comportamento dos romeiros.

2.1- MEMÓRIA E RESISTÊNCIA

Halbwachs (1968:136) assim se referiu à resistência da tradição em relação às mudanças: “Os hábitos locais resistem às forças que tendem a transformá-las e essa resistência permite perceber melhor até que ponto em tais grupos a memória coletiva tem seu ponto de apoio sobre as imagens espaciais.”

O Santuário do Divino Pai Eterno é o grande cenário na memória daquelas pessoas que acreditam na Santíssima Trindade e são devotas da Virgem Maria. A romaria dos carreiros-romeiros é um exemplo que se inclui como memória, pois tem regras e leis próprias. Eles expressaram constantemente em seus depoimentos a memória dos seus pais e avós carreiros.

O sr Tota, líder dos carreiros-romeiros de Mossâmedes, reclamou:

“Existem carreiros que não se ajuntam com o grupo mais tradicional. São diferentes e levam as coisas de camioneta. Nossos carreiros não estão de acordo e lamentam por eles terem perdido a tradição dos seus pais e avós.”

No entanto confirmamos através dele que o número de carros de bois na romaria cresceu nas últimas décadas. “ *Em 1940 iniciamos com apenas 4 carros. Hoje são mais de 40.*”

Bosi (1999:55), tendo como base Halbwachs, lembra que o caráter espontâneo da memória é excepcional: “*Na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e idéias de hoje, as experiências do passado.*”

Os carreiros romeiros reconstroem e repensam o passado com o jeito de serem hoje, influenciados pelos mecanismos da modernidade. O desinstalar-se, dedicando-se a uma caminhada aventureira pela distância e oscilação da temperatura, carregando as crianças em risco de contraírem doenças, levando as mulheres para o trabalho de cozinha, a presença de cavaleiros e pedestres em todo o percurso, a presença do carro de bois com as semelhanças ao tempo antigo, conservando peças antigas, a preparação do carro com couro curtido são elementos que fazem vir á torna a memória do passado. Porém, as mudanças estão sempre presentes comprovando que se torna impossível reviver ou trazer à atualidade uma memória completa.

Existem nas ações comportamentais dos carreiros expressões que demonstram o impacto da resistência pela mudança, por isso, possibilitam a reconstrução através das imagens e idéias de hoje. São os filhos, netos, bisnetos daqueles que foram os símbolos originais da cultura tradicional.

Quando não havia sinal do asfalto, as estradas eram apenas carreiras, com uma grande quantidade de porteiras feitas de tábuas ou colchetes de arames. Hoje, as máquinas tocadas a combustível invadem o espaço dos carros de bois. A dificuldade de permanecer em estradas de chão é grande.

O asfalto cada vez mais se aproxima, a ponto de não ter lugar para o carreiro passar. Por outro lado, o crescimento da romaria tem como base os meios de comunicação, além da prefeitura e da igreja, a exemplo de Damolândia. A cultura *country* e a presença de lideranças que atuam em comunidades na Diocese de Goiás na romaria de São José de Mossâmedes são fenômenos novos que representam a modernidade e ganham espaço reconstruindo os valores tradicionais dos carreiros caminheiros nas romarias para o Santuário do Divino Pai Eterno. O conflito existente entre tradição e modernidade localiza-se, também, entre os próprios carreiros. Narrado pelo líder dos carreiros confirma a influência da racionalização que instrumentaliza as crenças e os sentimentos. É através das influências dos mecanismos modernos que surgem as resistências que são evidentes na romaria. A separação de alguns carreiros que optaram pelos meios modernos para ir ao santuário constituiu um ato de desobediência aos antepassados, segundo a visão daqueles que permanecem utilizando meios tradicionais, pois estes guardam, pela resistência, uma memória viva dos antepassados ao utilizarem o mesmo método e materiais semelhantes: o carro, os bois, a canga, o cambão, a tiradeira; preferem a estrada carreira bem distante do asfalto e do movimento da cidade.

Segundo Bosi (1999:55), “a memória não é sonho, é trabalho.” Todos os materiais que compõem a romaria são representações que constituem o trabalho dos carreiros em reconstituírem a memória viva. A desconfiança acerca das mudanças existe e é manifestada através da resistência, em comportamentos visíveis. A lembrança do passado passa por uma mudança pelo tempo e pela transformação do comportamento, à medida que a pessoa humana cresce e atinge a maturidade. Os valores para a vida são escolhidos e diferenciados em cada fase

da existência. Os materiais apresentados pelos carreiros representam uma visão de mundo e trazem a tona pela lembrança, a memória da tradição.

Nora, (1993: 9) ao definir diferenças entre memória e história evidencia-se que é necessário conscientizar-se da oposição de uma à outra. Ao mesmo tempo esclarece que a memória é : “ a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento”. Dando seguimento a autora supracitada define a história: “ é a reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais. É uma representação do passado, afetiva e mágica.” Enquanto a história pertence a todos e a ninguém qualificada de universal, “a memória se enraíza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem, no objeto.” (Nora, (1993: 9)

A pacatez, o gozo do tempo, a saída bem antes da festa no santuário para recordar e praticar gestos de solidariedade, diálogo e trabalho conjunto, enfim, a realização de um ritual entre o profano e o sagrado fazem aparecer nos romeiros uma vinculação dos limites. A insistência em manter valores do passado e a presença cada vez mais intensa da modernidade fazem acontecer o novo que não é totalmente antigo nem é totalmente moderno.

Um exemplo desse encontro foi a presença dos monges de Goiás na romaria com um jeito novo de rezar, mas que conserva pela origem da ordem beneditina o valor da meditação e contato com a natureza.

Joaquim Cadute, confirmou a mesma resistência ao afirmar que vai ao Santuário porque é uma tradição dos seus pais:

“Para mim, ir ao santuário tem sentido quando vou de carro de boi. Se for de outro jeito a festa não tem sentido. Essa tradição passa de pais para filhos. Depois que participa uma vez não quer deixar mais.”

Para o sertanejo que pouco frequentou escolas e se formou numa família com princípios bem específicos do passado percebemos o apego aos seus antepassados: pais, avós. A identidade do carreiro romeiro é ferida se a romaria for diferente. Para a realização das necessidades pessoais e familiares torna-se como um sacramento a necessidade de continuar o mesmo estilo da geração passada Joaquim Cadute representa os carreiros romeiros que têm uma finalidade definida. Embora continue enfrentando diversas dificuldades na modernidade com resistência e teimosia une-se a um grupo do seu meio social rural. Para os carreiros quem deixa de ir com o carro de boi para ir de automóvel é granfino. O rompimento entre os próprios carreiros é interpretado como um fenômeno da modernidade pela influência da racionalização.

Segundo Bosi (1999:55), a alteração do ambiente, por menor que seja atinge “a qualidade íntima da memória.” As manifestações dos carreiros refletem a angústia da perda dos seus valores. Falam daquilo que o inconsciente revela através dos seus antepassados e do desejo de continuarem como antes. Amarrar a memória da pessoa ao grupo e à tradição, conforme analisa Bosi, citando Halbwachs, significa tornar presentes os anseios de uma sociedade ameaçada, os carreiros.

A peregrinação ao santuário é um momento importante para lembrar e sonhar com um tipo de sociedade em transformação. O encontro do carreiro romeiro com o Divino Pai Eterno no santuário provoca uma transformação no

comportamento elevando-o a uma condição de sonho e realidade ao mesmo tempo. No sonho faz transparecer pela magia aquilo que foi gravado no inconsciente. A reminiscência do passado é uma forma de lembrar, mas Halbwachs evidencia o caráter social da memória, mostrando que o espaço é um meio durável de fazer presente a lembrança e a memória. A lembrança, para o autor está presente na sociedade, através do ambiente, do outro, especialmente nas instituições onde se estabelecem sistemas ou estruturas

No conflito entre racionalização e tradição chega-se ao momento do rompimento em que os carreiros resistem. Para isso apegam-se ao passado, aos costumes e fórmulas utilizadas pelos seus pais. Aqueles carreiros influenciados pela modernidade que não resistem às mudanças passam a utilizar-se dos benefícios criados pela racionalização.

Para o grupo tradicional a fé um Deus transcendente, todo poderoso, mas também misericordioso move as vontades através do sacrifício na longa caminhada em direção à eternidade. O santuário representa a plenitude ou a continuidade da vida. Este mundo não oferece elementos para uma felicidade completa, apenas o céu onde não haverá tristeza, mas, alegria.

A caminhada para o santuário e a manifestação num Deus trino e na Virgem Maria estão vinculadas à tradição e à população rural pela compreensão do mundo ou da natureza que envolve o homem. O romeiro não está preocupado com o significado teológico racionalizado conforme o modelo romano. A sua compreensão do sagrado acontece de outras formas a partir da sua cultura e valores rurais. O carreiro na sua labuta diária associa a presença da divindade à natureza, ao seu trabalho e às ferramentas que utiliza. A fé do romeiro sertanejo liga-se à sua existência. Quando faz promessa ou reza para o santo chama-o de Divino Pai

Eterno. O que mais importa para o homem simples é a recompensa segundo as suas necessidades.

Pelo surgimento de outros valores e mecanismos modernos e especialmente pelo capitalismo industrial e sua globalização, os valores tradicionais correm o risco de extinção. Por isso os carreiros-romeiros resistem à modernidade e confirmam a esperança de continuidade, até mesmo com o surgimento do asfalto e os meios de comunicação.

Na dinâmica social e cultural do presente constatam um dilema ou um drama dialético entre tradição e modernidade. Ressaltamos nessa dinâmica social que se realiza em torno do Santuário do Divino Pai Eterno a reinvenção pela inserção de mecanismos inovadores que provocam uma crise social, fazendo surgir mudanças significativas. Um exemplo verídico de tais mudanças, com mais evidências, acontece na romaria dos carreiros, especialmente aquela que sai de Damolândia, influenciada pelos meios de comunicação e pela prefeitura.

2.2- NA TENTATIVA DE COMPREENDER A MODERNIDADE

Touraine (1995:17) compreende a modernidade como a difusão dos produtos da atividade, “racional, científica, tecnológica e administrativa.” Então, a concepção ocidental mais forte é de que “a racionalização impôs a destruição dos laços sociais, dos sentimentos, dos costumes e das crenças chamadas tradicionais.”

A *razão* é apontada pelo autor supracitado como a agente da modernização, isso, pela necessidade que a história exige.

Na mesma linha de pensamento, em 1961, Acquaviva (1995:283) propôs a distinção entre secularização e dessacralização. Fundamentando-se nos clássicos

Durkheim, Baeker, Otto e Eliade, “chega-se finalmente à psicologia, averiguando a progressiva perda da capacidade individual e pós-industrial.”

A teoria da dessacralização tem suas origens nos clássicos, através das três vertentes: o organicismo positivista de Comte e Durkheim, o materialismo dialético de Marx e Engels e a teoria da ação social de Weber, Simmel e Troeltsch.

A primeira chamada funcionalista tem como pensador original Durkheim. Que considera a religião intrinsecamente ligada à sociedade. A função da religião é integradora. “O sentimento religioso venera na divindade o todo social” (Martelli 1993:32). Esta teoria leva a crer que a religião existirá enquanto houver sociedades. A religião, numa visão durkheimiana com a sua função integradora, transforma-se numa forte estrutura normativa, podendo interferir na liberdade individual e coletiva. Cada romero permanece apenas na superficialidade do sentido que abrange a religião e a sociedade.

Ao mesmo tempo em que o indivíduo reencontra no santo a esperança de ser atendido através de uma fé mágica, carrega consigo o medo e o cumprimento de normas compensadoras: procissões, sacrifícios através de promessas, longas caminhadas e esmolas.

Torna-se comum encontrar nas escadarias do santuário homens e mulheres de todas as idades subindo ajoelhados até chegarem à imagem do Divino Pai Eterno.

As três teorias são utilizadas neste trabalho com suas especificidades, apenas como uma explicação do pensamento de cada clássico sobre a dessacralização, mostrando os avanços do pensamento nos dias atuais.

A comparação de uma realidade popular, no santuário em relação à função integradora de Durkheim leva-nos a uma compensação da continuidade mágica na

prática dos romeiros que pagam promessas. A normatização dogmática ainda se faz presente na religiosidade do povo conduzindo a integração de almas angustiadas à divindade que cura. Mas, a fé popular é tão forte que supera a normatização e chega vitoriosa no fim do segundo milênio.

Se, por um lado o santuário continua reelaborando a sua estrutura normativa, por outro, a fé de muitos romeiros ultrapassa as normas, enquanto deixam de valorizar e praticar costumes antigos: a reza do terço, a frequência às missas, a prática dos sacramentos.

Na romaria dos carreiros são poucos os que rezam o terço e fazem questão de participar da missa. Enquanto alguns rezam, a maioria pratica outros valores mais ligados à identidade cultural. Um exemplo é a conversa entre grupos de uma maneira descontraída e o valor à comida, convidando outros, criando um sentido imanente, cultural mais do que o transcendente religioso.

O sagrado faz-se presente no social formando uma integração, embora se diferencie. A integração provocada pela religião, segundo Durkheim existe porque existe sociedade. Esta é definida pelas leis próprias que a estruturam. O que se avalia da teoria proposta é que a sociedade é constituída dentro de um grupo com seus valores e leis próprias, enquanto a religião foi inserida impondo suas normas. No santuário há mudanças em vista de uma aproximação do oficial ao popular, todavia, sabe-se que a normatização continuará como uma necessidade de manter a devoção.

O materialismo dialético de Marx e Engels tem sua importância na comparação da resistência e modernidade pela finalidade crítica dos mesmos sobre a religião, especialmente o cristianismo.

Marx retoma Engels quando se trata da questão dos movimentos trabalhistas na sociedade industrial, tomando como base a idéia do cristianismo.

Engels culpa o cristianismo primitivo pela responsabilidade de desviar o impulso revolucionário das massas para metas escatológicas. Ao mesmo tempo transformou o clero num fator de sustentação das classes dominantes. (Martelli (1995:49).

A teoria marxista tem sido útil enquanto crítica ao poder ideológico. Este perdeu a plausibilidade numa sociedade diversificada. Somente, a partir de 1960 o catolicismo desacreditado e atrasado em comparação com as transformações sócio-político-econômicas iniciou um processo de avaliação e mudanças internas.

O marxismo, enquanto ideologia, chegou ao facismo e ao nazismo no final do século XX, com a morte dos judeus. O catolicismo oficial-estrutural vem passando por uma mudança, purificando-se dos seus próprios aparatos dogmático-doutriniais, aproximando-se cada vez mais da dimensão popular.

As necessidades dos tempos atuais forçam as mudanças das culturas e instituições, especialmente àquelas mais tradicionais.

Nas romarias ficam explícitos os sinais inovadores que comprovam a continuidade de influências filosóficas marxistas-iluministas: a diocese de Goiás, como exemplo, apresenta um tipo de teoria e prática a partir de lideranças daquela localidade.

No Brasil destacaram-se as Comunidades Eclesiais de Base (CEBS), nas três últimas décadas, com seu novo jeito de ser igreja, inserindo na prática religiosa a prática política, na tentativa de um equilíbrio entre fé e vida. A partir dos debates atuais sobre as diversas teorias constata-se que as ideologias, em geral, passam deixando lesões nas sociedades e ficam na história como marcas negativas.

É o caso do marxismo leninista e nazista. Outra forma de pensar característica em todo assunto discutido sobre religião e sociedade é a teoria weberiana da dessacralização do sagrado.

As transformações ocorridas no século XX vêm ao encontro com a carência e busca do sagrado no fim deste milênio.

A teoria weberiana da racionalização de todos os aspectos da vida, encorajada pela Reforma Protestante e pelo comportamento ascético calvinista esperava o fim da religião. Esta, para Weber, exercita uma certa autonomia na sociedade. Para este autor, “foi o protestantismo que trouxe a racionalização do agir em nível mais radical.” Difundiu aos leigos um tipo de espiritualidade para um compromisso ativo no mundo (Martelli:1995:78). Segundo Weber, um novo tipo de homem surgiu através da ética protestante o bom desempenho na profissão e, em consequência, uma melhor produção. Através de uma nova descoberta do sentido da vocação como um meio próprio para ganhar dinheiro, aproveitando todo o tempo possível por meio do cálculo racional, fundou-se uma nova ética: “A idéia do piedoso aborrecimento do paraíso exerce pouca atração sobre sua maneira ativa. A religião apresenta-se comum meio de afastar as pessoas do trabalho neste mundo.” (Weber, 1989:46).

O sistema econômico capitalista apoia-se em tais fundamentos. A vocação é fazer a vontade de Deus que traduz em tornar-se rico em dons e bens através do trabalho com as próprias mãos. Ganhar o pão com o próprio suor.

Weber analisa o impulso do lucro existente naturalmente nas pessoas antes de instituir o capitalismo. Através da racionalização do Estado, do direito, da administração empresarial realizam-se no capitalismo as próprias necessidades. Esse novo espírito é próprio do Ocidente.

A pregação do fim da religião não veio a acontecer, mas, a racionalização provocou, até meados deste século, transformações profundas nas sociedades ocidentais. As culturas dos nativos estão em fase de extinção. A urbanização provocou uma miscigenação étnica, especialmente nas Américas.

O crescimento dos santuários, pode ser atribuído, também, à desarticulação dos laços culturais, à intensa imigração e migração do século XX.

Nas romarias aparecem as diversidades de ações e comportamentos em fase de dessacralização. Vê-se, também, a busca intensa do sagrado para dar sentido à vida, portanto, a modernidade caracteriza-se a partir das teorias vistas acima, por uma diversidade de fatores que influenciam na dessacralização da religião. O distanciamento entre a religião oficial e a popular sempre foi marcante, reduzindo o espaço de participação e manifestação da segunda.

Na pesquisa realizada evidencia-se, dentre diversas manifestações da cultura popular, a memória dos carreiros-romeiros em peregrinação ao Santuário do Divino Pai Eterno. A memória dos carreiros é identificada, especialmente pela resistência em manter a antiguidade, recordando e revivendo os valores dos seus antepassados.

2.3- A PEREGRINAÇÃO E OS SANTUÁRIOS

A transição é compreendida através da peregrinação como um ato de desapego do mundo, exigindo renúncia e desacomodação reiniciando um novo estilo de vida guiada através do mistério. Entre o mundo real e a divindade transcendental os peregrinos se transformam e transformam o seu meio.

Da Matta (1997:46) lembra Marx quando define o conflito entre a dinâmica social e a tradição. A singularidade de uma sociedade encontra-se na “tradição viva.” Passado e presente se confundem numa dialética constante.

O conflito é real na romaria, conforme Silva descreve, a presença de Dom Eduardo Duarte Silva e as normas estabelecidas em vista da romanização no Brasil contribuíram para a proibição dos abusos ou superstições praticadas pelo povo. Outros conflitos aparecem entre Igreja e Estado em que o catolicismo iluminista, formado pelas bases da Revolução Francesa através das idéias de liberdade, fraternidade e igualdade combatia o autoritarismo do militarismo no Brasil. Entre as dioceses de Goiás e Anápolis é latente o mesmo conflito pelas diretrizes conservadoras (Goiás) e progressistas (Anápolis). A presença da mulher na romaria dos carreiros é inovadora enquanto esposa juntamente com o esposo e filhos, mas permanece a prática da dependência.

Entre catolicismo renovado e tradicional destaca-se a reflexão de Oliveira no tocante ao controle da Igreja sobre o Estado. Ao desligar-se do Estado a Igreja passou a combater o liberalismo, a maçonaria e outras religiões. Desde o final do século dezenove o catolicismo, através do Concílio plenário Latino-Americano unificou em termos pastorais, doutrinários e jurídicos, as diretrizes romanas para a América Latina.

Na renovação inclui-se a prática pastoral de Dom Tomás Balduino, da Diocese de Goiás, no final da década de 60, que se posicionou em favor dos empobrecidos contra os latifundiários. Através de uma visão política destaca-se uma realidade crítica entre ricos e pobres, a constatação de um caos social no final do segundo milênio, especialmente pelas guerras e empobrecimento em todo o mundo, mas, especialmente na América Latina.

Para compreender a transição da tradição à modernidade citam-se, Marcelo Barros e Artur Peregrino (1996), que relataram sobre a importância dos santuários e da peregrinação em busca do sentido para a vida e da terra para garantirem o sistema

A peregrinação está ligada desde a antiguidade ao sentido de *caminhada*. A experiência de fé leva o crente a iniciar um processo de desacomodação em direção ao mistério.

Em todas as religiões mais conhecidas existem peregrinações: no oriente o induísmo tem peregrinações em regiões mais altas (no Himalaia) e lugares baixos (nas águas do Rio Ganges). Para os indus a peregrinação significa “a marcha interior de cada ser humano que busca o núcleo do seu mais profundo eu e a sua libertação das sensações ilusórias do mundo exterior. Monges e monjas bem como devotos de todas as classes vivem a peregrinação como um ato de renúncia a si mesmos e um processo de iluminação espiritual.”

O crescimento de peregrinações é conhecido de um modo geral não só na América Latina. O número de peregrinos aos santuários de Lourdes, Roma e Fátima vem aumentando cada vez mais.

Para as sociedades primitivas a fé era o fundamento da vida. Tudo em sua volta fazia parte do culto: as relações humanas, a caça, a pesca, a medicina, o nascimento, o crescimento e a morte. Os lugares onde existiam alimentos em abundância eram consagrados a um Deus. A caminhada exige renúncia a comportamentos que acomodam as pessoas.

A desinstalação exige mudança de mentalidade e uma prática na experiência do mistério que impulsiona para a frente, por isso toda romaria traz um sentido de mudança, de conversão, conforme chama o cristão católico.

Um exemplo de peregrinação mais intensa é a *mística*, pois leva o adepto a um caminho mais profundo a partir da fé em Deus que é mistério. O desapego às coisas do mundo e a entrega total ao Deus misericordioso, mas justiceiro, que reina sobre a verdade, a justiça e o amor, enviando ao mundo o seu Filho amado para ser escutado e seguido é uma realidade na vida do romeiro. É, também pela *loucura da cruz*, conforme lembra o apóstolo Paulo (1Cor. 1, 18). A cruz representa a miséria e os limites humanos. O *místico* em sua experiência mais aprofundada abandona deliberadamente todos os lugares comuns e vai para outro lugar. Analisando a peregrinação a partir do Antigo Testamento lembramo-nos do Êxodo dos patriarcas: Abraão, Isaac, Jacó e Moisés. Deixaram os lugares de origem para seguirem as promessas de Javé, em busca de uma terra prometida onde havia possibilidade de viver sem escravidão.

Os profetas são exemplo de caminhadas, fazendo a experiência de um Deus exigente que os destinava a uma missão difícil em vista de transformações sociais. Para chegar à maturidade profética passavam por experiências difíceis: Jeremias se sentiu chamado, mas não teve forças suficientes para responder. Foi tão profunda a crise que voltou às origens, quando era ainda criança. Jonas fugiu de Deus e passou por um processo de mudança. Engolido por uma baleia distanciou-se da própria existência, debaixo da mamoneira ficou transpassado. Chegou-se ao *Xeol*, ou seja, o estado de maior sofrimento que existe. No Novo Testamento é destacada como experiência de peregrinação Jesus de Nazaré, rejeitado em sua própria terra. Desde os 12 anos começou o percurso da peregrinação enfrentando as autoridades da sua época, pela discussão e deixando-as confusas por tanta sabedoria.

A desinstalação leva à aquisição de novas experiências e a um conhecimento adquirido pela própria existência.

O Santuário de Guadalupe no México é um exemplo de uma peregrinação popular diferente. Na tradição de Guadalupe conta-se que uma moça apareceu ao índio Juan Diego e não apareceu no convento dos Jesuítas, nem na cidade onde estavam os reis e magistrados. A moça escolheu o monte *Tepeyac*, onde os índios adoravam *Tonantzin*, a nossa mãe, a mãe dos deuses. A novidade do surgimento do Santuário de Guadalupe está no lugar onde constitui-se o espaço sagrado. No meio dos índios excluídos e marginalizados. O *mascaramento* da religião autêntica dos índios levou a um mal menor, ou seja, a reconhecerem em Maria a imagem de um Deus que não está de acordo com o poder político opressor e se solidariza com os índios

Steil (1996:24) desenvolveu um estudo antropológico sobre o Santuário do Bom Jesus da Lapa, na Bahia. O santuário está situado no médio vale do São Francisco, em meio ao sertão, onde a terra é arenosa, com uma vegetação baixa e rala, característica da caatinga e dos cerrados.” O surgimento do Santuário de Bom Jesus da Lapa se liga ao ciclo do ouro, no século XVIII. Em sua fonte de pesquisa, Steil (1996:25) recorre a Segura, (1937:99), no relato da estratégia da ligação entre o litoral e o interior do país, quando os moradores das províncias à beira-mar saíam com os escravos em direção à Minas. A Lapa do Bom Jesus, assim chamada a cidade onde se localiza um dos maiores e mais importantes santuários do Brasil e do mundo, está localizada no Centro Oeste do estado da Bahia, a 900 km de Salvador e a 800 km de Brasília.

Steil, (1996:37) apud Eliade (1972), compara o Santuário de Bom Jesus da Lapa a um “arquetipo de um centro místico onde o céu e a terra se encontram.”

Numa perspectiva moderna ele lembra a importância do surgimento dos santuários a partir da iniciativa dos peregrinos.

A participação da igreja oficial acontece depois que o nativo, o garimpeiro, o vaqueiro, o pescador ou o agricultor encontrou a imagem e sacralizou o lugar. Geralmente são lugares altos ou beira rios.

O autor supracitado lembra que a concepção humana existencial do sagrado torna-se aceita pelo catolicismo oficial a partir do Concílio Vaticano II, quando se assume o discurso moderno a partir das “ciências sociais, que coloca na ação humana o princípio fundante e instaurador do sagrado, como a explicação mais plausível para a origem do culto. Ou seja, o sagrado deixa de ser visto como algo instituído por Deus e se torna uma instituição humana.

Beozzo (1978:750), em *irmandades, santuários e capelinhas* refere-se aos santuários que “brotam assim meio à margem da religião oficial desde os primeiros tempos da colônia.” Conta que o santuário da Penha, em Vila Velha, foi fundado por Pedro Palácios irmão franciscano, que convivia com os *índios e os pobres*. O autor supracitado refere-se à origem dos santuários como fonte de inspiração da fé e da esperança do povo sertanejo. A visita ao santo preferido na época da festa principal, geralmente uma vez por ano, era a maneira que os sertanejos encontravam para manterem sua devoção e perseverança no catolicismo popular.

Os santuários atraem especialmente os empobrecidos para lhes oferecer consolo e esperança, diante dos sofrimentos, das desesperanças, do desemprego e até mesmo da fome. Ao ensinar que a Santíssima Trindade juntamente com Maria acolhem e confortam de todos os males as pessoas que nelas acreditam, a busca de consolo aumenta, e as pessoas fazem do santuário um céu e lá se transformam.

As origens da devoção popular no Brasil, em se tratando da peregrinação aos santuários, constatam que as mesmas se espalharam pelo país através da colonização.

Comprovando o vínculo rural, os santuários se localizavam geralmente nos litorais e beiras de rios. Os primeiros centros de devoção no interior apareceram na expansão paulista no caminho para o sul e leste, pelo Vale do Paraíba e ao Norte pelo Tietê.

No ciclo bandeirante foram fundados seis santuários: Bom Jesus da Cana Verde (Jesus flagelado no pretório de Pilatos); Bom Jesus do Iguape, ao sul do litoral paulista: 1647; Bom Jesus de Tremembé, no vale do Paraíba: 1669; Bom Jesus dos Perdões: 1706; Bom Jesus de Pirapora: 1724; Nossa Senhora da Penha de França: 1667. No ciclo mineiro de romarias populares essas se estabelecem ao redor de seis centros de devoção: Bom Jesus da Lapa (Rio São Francisco), fundado por Francisco da Soledade Mar, no final do século XVI; Nossa Senhora da Lapa, próximo de Ouro Preto, fundado por Antônio Pereira; Nossa Senhora da Conceição de Macaúbas às margens do Rio das Velhas, fundado por Félix da Costa: 1714; Ermida do Bom Jesus do matozinho, em Congonhas do Campo, fundada por Feliciano Mendes: 1759; Ermida de Nossa Senhora da Piedade, próximo à Caetés, fundada por Antônio Barbacena: 1770; Ermida de Nossa Senhora mãe dos homens, fundada por irmão Lourenço: 1770.

De pequenas ermidas na época da colonização do Brasil surgem grandes santuários no último século. Isso acontece especialmente pelo crescimento populacional e o alto índice de empobrecimento especialmente na América Latina.

O Santuário de Nossa Senhora Aparecida, em Aparecida, São Paulo é considerado um dos maiores templos do mundo.

Pe José Bertanha, nascido em Aparecida, deu a seguinte explicação: “o Santuário de Nossa Senhora Aparecida tem 18 mil metros quadrados de construção, ocupa uma área de 405 mil metros quadrados. Só para o estacionamento foram destinados 272 mil metros, também quadrados, acomodando 30 mil pessoas de cada vez” .É conhecido em todo o mundo como um dos principais centros de revitalização cristã da igreja católica no Brasil.

Tudo começou em 1717, com três pescadores: Felipe Pedroso, João Alves e Domingos Garcia acharam uma imagem da Imaculada Conceição no fundo do Rio Paraíba, junto ao Porto Itaguaçu. A imagem era de barro cozido e media 36 cm. A cabeça estava separada do corpo. Aos sábados a casa de Felipe Pedroso passou a ficar cheia de devotos que se reuniam para rezar o terço e a ladainha diante da imagem. O culto a Nossa Senhora da Conceição Aparecida foi aprovado em 26 de julho de 1745, pelo bispo do Rio de Janeiro, Dom Frei João da Cruz. A primeira capela foi construída no Morro dos Coqueiros onde está localizada a matriz-basílica hoje. Em 1904 a imagem foi coroada por Dom José de Camargo Barros, arcebispo de São Paulo. Em 5 de setembro de 1909 a Santa Sé a reconheceu como Basílica Menor. Em 16 de julho de 1930 o Papa Pio XI constituiu Nossa Sra Aparecida como padroeira principal do Brasil. A aclamação popular foi reconhecida em 31 de maio, no Rio de Janeiro por um milhão de pessoas.

A cidade de Aparecida se localiza próxima à Rodovia Presidente Dutra que liga as duas maiores cidades do país: São Paulo e Rio de Janeiro.

O santuário é conhecido pelos peregrinos como o lugar santo onde Deus falou e fala ainda a seu povo por meio de um acontecimento, ou pelo testemunho de um mártir, da vida de um santo e, em primeiríssimo lugar, da Virgem Maria, mãe

de Cristo e mãe de Deus. Essa foi a definição do primeiro congresso mundial de Pastoral dos Santuários e Peregrinações.

“Pela sua própria natureza, os Santuários servem para acolher os peregrinos”, diz o décimo plano bienal dos organismos nacionais da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB). Mas quem são os peregrinos?

A interpretação é de que o *ser peregrino* faz parte da própria natureza, pois o homem está sempre à procura do infinito que é Deus. O homem se encontra insatisfeito com a rotina, como se tivesse preso a uma cadeia, de onde necessita de libertação.

A vida pode ser interpretada como uma caminhada à pátria definitiva, à Casa do Pai Eterno. A peregrinação na estrada da vida que passa pode ser comparada a Jesus que caminhou nas estradas da Palestina consolando as pessoas marginalizadas pelos poderes político e religioso até se encontrarem definitivamente com o Pai Eterno.

No Santuário de Nossa Senhora Aparecida acontece uma pastoral própria, como em todos os santuários. O objetivo geral da pastoral nos santuários é evangelizar os que chegam em grande número. Acolher, celebrar e preparar o povo de Deus para o retorno às comunidades de origem. Esse tipo de Pastoral é chamada de *massa*. Em Aparecida do Norte, segundo Pe Bertanha a pastoral de *massa* está sendo organizada por setores. “São realizadas reuniões periódicas com os chefes de romarias. Com criatividade, usando cânticos, gestos e símbolos as celebrações estão sendo aprimoradas. Através de serviços e ministérios de leigos. Tudo para que os peregrinos participem mais ativamente.”

Os redentoristas, desde o final do século XIX chegaram ao Brasil e estabeleceram um estilo próprio de evangelizar através das missões populares,

derrubando as barreiras culturais, começando pela língua alemã e os valores cultivados em um país desenvolvido. Esses missionários se adaptaram ao estilo popular, passando do automóvel para o cavalo ou burro para cavalgar longas distâncias ao encontro das famílias abandonadas no meio das matas e distantes dos privilégios da civilização.

Em Aparecida, na casa da Mãe de Deus, os romeiros encontram acolhimento, confissões, bênçãos, serviço de informações e segurança. No santuário a religiosidade popular tem espaço com uma programação especial. Durante os trezentos e sessenta e cinco dias do ano doze sacerdotes e oito irmãos redentoristas dedicam-se à ação pastoral. É uma *missão permanente*, um “compromisso de vida.”

Diversos autores como: Euclides da Cunha, Afrânio Peixoto, Pedro Calmon apud (Steil 1996: 28) analisaram o Santuário de Bom Jesus da Lapa: “O mais celebrado dos santuários sertanejos de peregrinação onde os caipiras de todas as bandas, levantando com as alpercatas o pó das estradas vêm a Bom Jesus da Lapa a implorar chuva para as suas plantas.”

Bom Jesus da Lapa é o nome dado a uma imagem do Cristo crucificado que se tornou o objeto principal da romaria.

A sacralização do lugar que se tornou um santuário é atribuída a acontecimentos existenciais a partir de pessoas humildes de cultura popular rural. Geralmente os migrantes que buscam em suas angústias um consolo para amenizar tanto sofrimento ao desligar de suas raízes culturais e sair para longe em busca de trabalho e moradia para a subsistência. Peregrino (1995:68), após fazer a experiência de nove peregrinações por diversos lugares do nordeste, a fim de recuperar a memória dos beatos e beatas, afirmou: “O fato foi uma peregrinação

da esperança e do destemor. Foi uma caminhada que induziu a todos nós à bem-aventurança daqueles(as) que têm fome e sede de justiça.” Conta que em todos os percursos dos peregrinos encontrou uma realidade *perversamente cruel* em que se encontravam os empobrecidos do campo e das periferias das cidades. Chama os piores lugares de “bairros mais miseráveis (bóias-frias) e nos campos os sítios e engenhos.”

A devoção aos santos, chamada de devoção popular, está intrinsecamente ligada à cultura rural que marcou na história do Brasil como um jeito de ser, marcou um sustentáculo também da fé, de um povo essencialmente ligado à natureza, que dependeu e continua dependendo da terra para a produção dos alimentos para o sustento.

O surgimento das ermidas está fundamentado no desejo dos leigos de viverem a fé, independentes dos dogmas estabelecidos pelo catolicismo oficial. São pessoas humildes e em sua maioria sem leitura que depositam em santos a fé a partir de rezas aprendidas, como exemplo: o terço, as ladainhas e os benditos. Para os leigos que assumem essa coragem de desobedecer a religião oficial e criar o próprio modelo de prestar culto a Deus, tendo como base uma catequese frágil apenas com base nos sacramentos, destaca-se um tipo de reinvenção, mais pela prática do que pela teoria.

Com a falta de padres até o final do século XVIII no Brasil as comunidades de leigos se organizavam com mais independência. Os poucos padres existentes passavam pelas colônias poucas vezes ao ano. Realizavam apenas sacramentos deixando a desejar a formação humana e social.

Com a implantação da romanização no final do século XVIII, exigiram-se novas posturas a partir do clero oficial que retirou os santuários do poder dos

leigos. A mesma reinvenção que aconteceu no catolicismo popular desde as suas origens é constatada com mais evidência na modernidade. Através da palavra, um tipo especial de linguagem, e a partir da música e da propaganda, formou-se a opinião pública. Como veículo da palavra a utilização de diversos símbolos e mecanismos, formando opiniões e fortalecendo a fé dos fiéis do Divino Pai Eterno.

2.4- O MISTÉRIO

O santuário, um lugar privilegiado do peregrino, é também a expressão do mistério. O carreiro romeiro caminha através da fé que lhe dá forças. Sua humildade é capaz de fazê-lo suportar todos os sofrimentos encontrados no caminho. A abnegação de si mesmo, o desprendimento das coisas em favor do santo proporcionam-lhe abertura para o mistério que provoca uma transformação necessária para a caminhada e para a continuidade da vida com mais sentido. A relação com outros companheiros de caminhada e com a família torna-se mais humana.

Na ambiguidade do *tremendum* e do *fascinans* os romeiros vão à frente, enchendo os corações de esperança em busca do consolo ou do milagre. Encontram uma força nova que os move, envolve e impulsiona sempre para a frente. Por trás da complexidade da sociedade moderna existe uma força poderosa que tudo pode mudar. É a força do Divino Pai Eterno, um santo glorioso que, do céu, tem compaixão daqueles que nele acreditam aqui na terra. O deus do romeiro é compassivo, justiceiro e pode até mesmo castigar. É preciso andar nos seus caminhos e seguir seus mandamentos, ser humilde e pobre.

Em Otto apud Penzo; Gibellini (1998:147) compreendemos o “*numinoso*” como um sentido objetivamente fora de nós. O desprendimento de si mesmo e das coisas é fundamental para que o fiel se aproxime do mistério pela fé.

Dona Ivone, esposa do sr Tota contou que alcançou uma graça por intermédio do Divino Pai Eterno:

“ Eu tinha diabete. Implorei ao meu santo protetor de Trindade e fui curada. No dia 17/12/99 fiz exame e levei ao médico, O dr Alberto me disse: o organismo da senhora está normal.”

A razão do crescimento rápido das romarias para o santuário é a fé do romeiro, que é capaz de fazer todo o sacrifício possível para chegar ao objetivo traçado. O nível de fé do romeiro simples do sertão é ainda mágico. A finalidade é direta de acordo com as necessidades básicas e urgentes: a cura de uma doença física, o agradecimento por uma graça alcançada, a esperança de uma boa colheita, o desapego, a libertação de um vício. Para o peregrino a fé exige sacrifícios. A caminhada longa conduzindo o carro de boi e a família é uma grande responsabilidade, mas pelo valor que ele dá ao sacrifício torna-se uma atividade normal. A caminhada como sacrifício significa a realização de uma necessidade de purificação ou de perdão das dívidas, conforme reza-se no Pai Nosso tradicional: “perdoai as nossa dívidas , assim como nós perdoamos aos nossos devedores e não nos deixeis cair em tentação.” O conceito “dívida” está ligado ao conceito pecado para o católico praticante, formado através de uma catequese tradicional sacramental.

O pecado restringe a liberdade de consciência e requer uma penitência para que a libertação seja plena. Tanto a dívida como o pecado restringem a condição de agir da pessoa humana, ferindo a identidade.

A desinstalação do romeiro demonstra também o cansaço de uma rotina que o sertanejo vive numa realidade rural, quase sem vizinhos e isolado. Isso ocorre em consequência da migração em massa para as grandes cidades da maioria de seus conterrâneos.

A caminhada, o encontro com novas pessoas, o contato com diversos tipos de paisagem, a troca de experiências com outras famílias, o desfile e o encontro com o Divino Pai Eterno em Trindade são elementos que contribuem na reinvenção da cultura dos romeiros. O romeiro de fé acredita num Deus que está distante. Não o conhece, pois está longe das suas possibilidades, embora acredite que será atendido através do sacrifício realizado na caminhada e pela caridade prestada. Leva, por isso, esmolas aos pobres e doentes e também para os cofres do santuário que, para eles, representa o lugar do santo. A meta de encontro do pecador com o perdão se realiza no santuário, no encontro com o transcendente, pela oração ou pelo cumprimento da dívida. Realiza-se o contato do profano com o sagrado que se traduz pela retratação do pecador e humilde trabalhador rural, sem proteção do Estado, espoliado pelo lucro e ambição do capital, isolado do progresso moderno e excluído de uma participação social capaz de conquistar a sua cidadania.

A Santíssima Trindade coroando a Virgem Maria representa o senhor dos senhores, o pai dos pais, que contém em si o poder e a misericórdia, que salva os que nele acreditam através do filho amado, Jesus, que protege os fracos e liberta os presos de suas cadeias.” Bem aventurados vós, os pobres, porque vosso é o

Reino de Deus. Bem aventurados vós, que agora tendes fome, porque sereis saciados.” *Lc 6,20b-21^a*,. É esse mesmo Jesus de Nazaré que é ungido pelo Espírito do seu Pai que ele chama de Senhor: “O Senhor está sobre mim porque ele me ungiu. Para evangelizar os pobres, enviou-me para proclamar a remissão dos presos e aos cegos a recuperação da vista. Para restituir a liberdade aos oprimidos e para proclamar um ano de graça do Senhor”. *Lc 4, 18-19*.

A condição que o Pai estabelece para o Filho é que, não só conviva com os pobres, mas que seja um deles, como mostrou Fernando, um dos monges que caminhou na romaria de Mossâmedes no ano 2000. Ele afirmou que o sentido da peregrinação na romaria dos carreiros está ligado á prática da solidariedade com os pobres, sendo um deles.

A Trindade Santa coroando a Virgem Maria, razão da existência do santuário, é a representação simbólica maior da romaria. O mistério existe para que alguém o contemple. Mesmo que a divindade se mantenha distante e intocável da existência humana, os seres existenciais com inteligência capaz de compreendê-lo e sondá-lo continuarão procurando-o até encontrá-lo, nem que seja pelo sentimento e imaginação, desde que preencham o vazio de suas almas.

Na imagem do Divino Pai Eterno, assim chamada pelos romeiros, encontram-se simbolicamente o céu e a terra, o que forma uma hierarquia de poderes e deveres. O Pai Eterno é mistério e se revela através de símbolos, o Filho assume a humanidade carregando os pecados do mundo, o Espírito Santo renova, reanima, fortalece, enche de sabedoria.

Maria é coroada através do mérito de ser mãe de Jesus, o Filho de Deus Pai. Representa a mulher simples e humilde, sábia e profetisa.

A imagem do Pai, Filho e Espírito Santo coroando a Virgem Maria contém o mistério, mas nem por isso deixa de ser um ícone representativo, que se identifica com a cultura da população sertaneja.

2.5- A CULTURA

Geertz (1989:15) acredita que “o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu.” Assumiu a mesma idéia de Weber de que as ações humanas que se transformam a partir de sua dinâmica existencial são comparadas a uma teia de significados que o mesmo homem teceu. Ele ressalta a importância dos significados que surgem pela interpretação, ao mesmo tempo constata a importância da modernidade quando relativiza os conceitos prontos e acabados.

Na romaria dos carreiros, retomando-se o sentido e a importância da publicidade a que Geertz se referiu e, conseqüentemente, o significado da mesma, pode-se interpretá-la como uma forma de mostrar ao público um estilo do passado. Esse modelo cognominado por tradição, por vir de longo tempo, ficou escondido através de séculos, abafado pela força da razão científica e pelo descrédito dos arquétipos da modernidade.

Nessa tentativa Da Matta (1997:46), reflete sobre a visão marxista de que “os homens fazem sua própria história, mas não a fazem como querem; não a fazem sob circunstâncias de sua escolha e sim sob aquelas com que se defrontam diretamente, legadas e transmitidas pelo passado”.

A tradição é compreendida por Marx como um peso sobre o cérebro dos vivos. O jogo entre passado e futuro na perspectiva social e cultural é percebido

como *drama*, uma insegurança provocada entre os valores do passado e a necessidade de adquirir novos valores para tornar dinâmica uma determinada sociedade. Isso provoca uma profunda crise de identidade.

Para compreender melhor Da Matta (1997:47) deve-se distinguir o social do cultural lembrando que tais fenômenos são parte de uma mesma coisa, a realidade humana.

A *consciência* de regras e normas é a garantia de uma presença social.

Para que exista uma sociedade supõe-se um conjunto de regras como *uma tradição viva*, elaborada que passe de geração para geração, que permita individualizar ou tornar singular e única uma dada comunidade relativamente às outras (constituídas de pessoas da mesma espécie). Da Matta (1997:48).

Há uma dialética nas tradições culturais autênticas numa interação complexa entre o grupo e suas práticas sociais. Aplicando esta teoria à romaria dos carreiros, num primeiro momento constata-se que existe uma *tradição viva*, conforme Da Matta, ao notar que em sua peregrinação para o santuário, em parte, explicita uma resistência contra as inovações. Porém, grande parte adere àqueles valores que atendem as suas necessidades de aparecer publicamente e motivarem mais famílias para a romaria, mesmo que não seguem até o fim. Em um segundo momento, na dialética entre os carreiros romeiros e as suas regras constata-nos um drama de momentos “em que o passado e o presente se confundem.” A partir daí entende-se o social com um plano e um dinamismo especial capaz de formar a si próprio. O conflito entre as regras antigas e os valores novos ou modernos é constante e não se sabe se terá fim. Alguns exemplos esclarecem: enquanto o carro de boi demora cinco dias e cinco noites para chegar a Trindade, saindo de Mossâmedes o automóvel demora apenas três horas no asfalto. Mas, ao olharmos

por outro prisma, enquanto a viagem de automóvel é ameaçada pelo perigo do trânsito, tornando-se mecânica, sem ambiente para a convivência, o diálogo os carreiros caminham tranquilamente, parando e sempre comunicando entre si, sem maiores preocupações. Param cedo nas pousadas, descansam e fazem festa do início ao fim da romaria. Em Goiás, por exemplo os carreiros ficaram isolados nos recantos do sertão, esperando momentos adequados de se mostrar. Sabe-se que tal fenômeno se estende a uma realidade ampla. A instrumentalidade racional e a dessacralização tornam-se uma ameaça à tradição.

Geertz (1989:26) alertou: “Deve atentar-se para o comportamento, e com exatidão, pois é através do fluxo do comportamento – ou, mais precisamente, da ação social – que as formas culturais encontram articulação.”

A cultura dos carreiros, embora voltada para a tradição, é reinventada segundo comportamentos que se modificam através das influências modernas. Dentre tais influências destacam-se os meios de comunicação acompanhado pelos interesses da Igreja e do Estado. Em Damolândia é mais evidente a presença aparentemente harmoniosa da Igreja e da prefeitura que utilizam o mesmo local para a celebração e o discurso.

O conflito entre Igreja e Estado liga-se ao santuário de forma mais evidente a partir da romanização.

2.6- O CONFLITO

A existência do homem, a conquista e a ocupação do seu espaço são, por natureza, conflitivas. Os próprios conceitos construídos e assimilados no passado

comprovam isso. Por exemplo, aqueles conceitos que se contradizem: primitivo/moderno; ignorante/sábio; atrasado/adiantado; fraco/forte; pobre/rico; alienação/libertação e outros.

Através da história geral sabe-se que, desde as origens das sociedades, os primitivos construía sistemas defensivos de guerras. Aqueles que se organizavam com mais técnica aos ataques venciam os conflitos apossando-se das riquezas e das propriedades dos adversários.

O século XX apresenta-se com duas guerras mundiais: a destruição de Hirochima e Nagasaki, e o massacre dos judeus, o que comprova que a luta pelo espaço individual torna-se uma competição coletiva, tão acirrada a ponto de eliminar o outro.

As romarias definiram-se em Goiás a partir de uma sociedade conflitiva, num período da história em que Igreja e Estado se confrontaram e se separaram.

No final do século XVIII a romanização, um movimento organizado pelo clero europeu, tendo como base o Concílio de Trento, realizado no século XVI, foi uma maneira de impor ao homem do sertão um tipo bem definido de catolicismo. A finalidade era controlar a religiosidade popular, proibindo assim as manifestações espontâneas do povo simples, consideradas pelo clero como abusos e superstições.

Silva (1984:233) analisou os documentos deixados por Dom Eduardo Duarte Silva que chegou em Goiás, vindo de Roma em 1991.

As normas reformistas do bispo são as seguintes: os casamentos, batizados e missas foram proibidos em casas, a não ser através de autorização do bispo local. Esta norma permanece até os dias de hoje, mas nem sempre é cumprida. Para ser padrinho ou madrinha a pessoa deve ser casada religiosamente. Nos tempos

atuais há um número grande de filhos de mães solteiras e de casais que preferem não se casar. Surge a questão: A lei deve prevalecer, ou a misericórdia?

Foram especificados pela Igreja Católica quinze dias santos por ano no calendário católico. Hoje restam apenas quatro: Sexta feira da Semana Santa, Natal, Corpus Christi e dia 12 de outubro. Este último está sendo questionado pelas igrejas pentecostais.

O fortalecimento dos atos cristãos: fé, esperança, caridade e contrição, a criação de grupos de coroinhas e uma campanha vocacional para a vida sacerdotal e religiosa. Por outro lado são proibidas na igreja as músicas que não são essencialmente religiosas. Por fim, Dom Eduardo Duarte estabelece o incentivo às devoções nas primeiras sextas feiras de cada mês ao coração de Jesus, ao mês de Maria e São José, vias sacras, mês do rosário e a fundação de conferências vicentinas. As devoções ainda continuam em parte. As vias sacras existem na semana santa e as conferências vicentinas multiplicam-se cada vez mais.

Ao analisar as normas acima como uma forma de mudar os rumos do catolicismo brasileiro e proibir as manifestações a partir do povo, a romanização surtiu efeito positivo enquanto mudanças a partir do clero. Mas, percebe-se que os primeiros padres que chegaram ao Brasil para a romanização ou cristianização encontraram muitas dificuldades. Tiveram que aprender a língua portuguesa e adaptar ao clima, à alimentação, às longas viagens a cavalo e ao convívio com um povo simples, sem escola.

Dom Eduardo Duarte Silva ordenou aos padres que visitassem frequentemente as famílias que residiam nos sítios, fazendas e povoados, batizando, casando e confessando. A catequese tornou-se uma norma para o ensino dos mandamentos e sacramentos às crianças.

No Santuário do Divino Pai Eterno destacam-se uma administração e coordenação leigas, em um clima bastante conflitivo, pois a irmandade era comandada pelo coronel Anacleto Gonçalves de Albuquerque. O bispo ameaçou acabar com a romaria, retirar a imagem milagrosa e fechar a igreja proibindo a ida de padres a Trindade. Mesmo com as ameaças a resistência continuou e o bispo solicitou a pregação de missões em 1898, com bons resultados. No mesmo ano, Dom Eduardo Duarte Silva enviou uma carta aos superiores dos padres redentoristas mostrando as normas traçadas para cristianizar as romarias. Ordenou aos padres que extinguissem o incentivo ao mal que existia: jogos, cavalinhos, teatro e prostituição. Caso não extinguissem a imagem do santo seria retirada de Trindade. As ameaças revoltaram o povo que tinha suas devoções próprias e que nada compreendia sobre o catolicismo racionalizado. Na festa de 1900, as ameaças foram respondidas com o arrombo à igreja, que causou uma tensão ainda maior entre o clero e os leigos. O coronel Anacleto Gonçalves de Almeida exigia que as chaves da igreja fossem entregues argumentando que esta pertencia ao povo e os padres eram apenas empregados do povo. Diante de tal tensão, no final da festa, o padre e um irmão leigo voltaram assustados para Campininhas relatando o fato aos seus confrades.

No mesmo ano o bispo lançou um *interdito* sobre o santuário e transferiu a romaria de Trindade para Campinas. Tal conflito trouxe a Trindade em 4 de outubro de 1903 o superior dos missionários redentoristas que veio da Alemanha e foi recebido por Anacleto Gonçalves de Almeida. Este falou em nome do povo, que os redentoristas deveriam assumir a cura de almas em Trindade. Eles estabeleceram em conjunto com os representantes leigos que a festa seria celebrada no primeiro domingo de julho e que parte das rendas fosse aplicada na igreja. O

superior dos redentoristas sugeriu recursos ao bispo e a nomeação de um tesoureiro leigo e um livro de anotações.

Diante de tamanho conflito entre o clero e leigos no santuário de Trindade observou-se um esforço dos padres em compreender a simplicidade dos romeiros, retirando pouco a pouco as proibições tornando-se cada vez mais maleáveis, estabelecendo um diálogo e cativando os romeiros que aumentavam cada vez mais.

O que parece ter acontecido a partir da época da retomada das funções pelos padres redentoristas foi uma adaptação e compreensão da parte dos missionários à realidade popular, através do *carisma redentorista* de acolhimento aos peregrinos mais pobres e abandonados como se fossem o próprio Cristo.

Ao perceber nas pregações e catequese um Cristo desfigurado, crucificado o peregrino identifica-se e sente-se parecido com o próprio Cristo numa cruz de madeira humilhante.

Na tentativa de adaptação de um tipo de evangelização a partir de ordens dos bispos para cristianizar as romarias os padres redentoristas aplicaram como estratégia pastoral o carisma de sua fundação: a hospitalidade, o acolhimento, a misericórdia através da confissão e do perdão, a oração e uma linguagem acessível aos romeiros do Divino Pai Eterno. Mas, mesmo com uma prática pastoral mais acessível, o conflito continuava de um modo mais amplo pela exigência de independência da Igreja do Estado que a controlava antes da separação no final do século XVIII.

O isolamento do clero e a centralização do culto controlado pelos dogmas da igreja foram distanciando a hierarquia católica da sociedade moderna que passou por profundas transformações no século XX.

O Concílio Vaticano II abriu as portas para deixar sair o ar represado de dentro da Igreja. Tornou-se evidente aquilo que estava latente e intensificou-se o conflito entre duas alas da Igreja, chamadas de progressista e conservadora.

Ao analisar o conflito entre Igreja e Estado retomou-se na história, uma prática gerada pelo catolicismo iluminista que se deparou com a política, e especialmente, no período da Revolução de 64 até o fim da década de 80, solidarizando com os revolucionários, artistas, religiosos, trabalhadores que rejeitavam e denunciavam as atitudes autoritárias do militarismo no Brasil. Essa pequena parcela de cristãos, entre leigos e clero, fundamentou-se numa visão marxista da defesa dos direitos humanos individuais e coletivos e de uma educação do senso crítico através da *dialética* que forma as consciências para uma militância realista, contra todo tipo de imperialismo e dominação individual e social.

Entre a Diocese de Goiás e a Diocese de Anápolis há uma grande diferença quanto à prática pastoral. Enquanto na primeira existe uma tentativa de continuar a militância contra a dominação dos ricos sobre os pobres e a pastoral da terra, na segunda as orientações concentram-se na prática da oração e da moral, com a preocupação voltada mais para a exterioridade do que para a interioridade.

Depois de trinta e cinco anos após o Concílio Vaticano II verificou-se que uma parte da Igreja ainda continua mantendo mais a tradição romana do que as orientações descritas nos documentos do Concílio.

O conflito entre Igreja e Estado continua latente e pouco evidente no final deste milênio, dado o cansaço de uma grande população massificada e dominada pelos poderes organizados e globalizados. Por outro lado a diferenciação impulsionada pela ciência racional e pelo engodo divulgado pelos meios de

comunicação entorpece as mentes fazendo com que desapareça aquilo em que Marx acreditava: as organizações populares em luta contra os poderosos.

A questão política está intrínseca no comportamento humano. As práticas religiosas no percurso da romaria de Mossâmedes, embora resguardadas da presença dos meios de comunicação e da política, demonstram renovadas em suas celebrações e tipos de orações mais espontâneas. Em Damolândia os meios de comunicação e a Igreja tradicional se encontraram embora com conceitos divergentes sobre a sociedade. É nesse encontro que acontece a reinvenção no tipo de Igreja tradicional aceitando misturar-se com a política partidária, princípio negado por ela no passado. A modernidade caracteriza-se por tornar público aquilo que estava escondido, sem interesse ou motivação para ser mostrado. É o que ocorria nas romarias dos carreiros antes do surgimento dos meios de comunicação.

Dona Luci, romeira de Damolândia, comentou:

“No início nada era feito e ninguém dava importância. Achava que era um sistema antigo e que deveria acabar. Depois que os meios de comunicação descobriram e divulgaram a chama acendeu e iluminou a romaria. Pessoas que até então, nunca tinham ido de carro de boi começaram a marcar presença, mas não chegam na festa e, nem voltam com os carreiros. Vão apenas por interesse político e para aparecerem na divulgação”.

A reinvenção da tradição e a volta dos carreiros à romaria tomaram uma nova dimensão a partir das influências da modernidade.

Os meios de comunicação, o clero, os políticos, a cultura *country* misturaram-se à romaria dos carreiros que tem suas origens em Mossâmedes e Damolândia.

Na romaria dos carreiros de Mossâmedes destacam-se elementos marcantes em se tratando da tradição e memória. No depoimento de Sebastião Carvalho, de Anicuns, a linguagem é totalmente rural. Não houve preocupação com a expressão correta do Português, Porém as idéias foram claras, cumpriram a função e atenderam às necessidades da comunidade rural. A preocupação com tudo de que precisavam para a caminhada começou bem antes da peregrinação. Necessitavam de cuidado para que não faltasse nada desde a preparação do carro de bois até a alimentação. A presença das mulheres, como foi mencionada, tem finalidades significativas. Elas alegraram o ambiente com o jeito comunicativo e proporcionaram num sistema familiar, a descontração.

2.7- A PRESENÇA DA MULHER NA ROMARIA

Francisca de Mossâmedes, destacou em seu depoimento o valor da mulher na romaria de um modo geral, mas ressaltou o trabalho na cozinha. Isso significa que o estilo familiar tradicional ainda é forte e determinante. Há um interesse da parte dos homens que se cumpriu: manter a idéia antiga do domínio masculino. Os trabalhos externos expressaram, entre outras coisas a coordenação e a condução do carro e dos bois, a negociação com os fazendeiros sobre as pousadas, a exposição ao público durante o desfile, a condução da imagem do Divino Pai Eterno no carro enfeitado e a premiação pelo prefeito.

Num contexto antigo as mulheres, em maioria, apareciam no desfile dentro dos carros com as crianças. Elementos da cultura *country* apareceram na romaria dos carreiros dando a impressão de uma renovação indesejada para o sistema familiar, como por exemplo as moças vestidas com camisas e calças compridas de cores escuras, botas e chapéus grandes. No percurso acompanhavam os carreiros sempre a cavalo, no meio dos rapazes e não se misturam com as famílias nos carros de bois ou caminhando. Nas pousadas a cultura *country* criou o seu espaço mostrando não se adaptar ao estilo familiar tradicional. Procuravam lugares afastados dos carros, debaixo de árvores, usavam aparelhos modernos: churrasqueiras, gravadores com CD e som alto, com letras de músicas sobre a vida do peão destemido, romântico que assume com bravura a sua profissão de boiadeiro e namorado apaixonado ao lado de belas mulher.

As mulheres que continuam a manter o tipo familiar passaram todo o tempo da caminhada preocupadas com os maridos, zelando pelos pertences que iam dentro dos carros, mas, especialmente com as crianças que levavam, sem perdê-las de vista. O espaço ocupado era restrito. Quando não estavam caminhando à frente estavam dentro dos carros sempre com algo ou com alguém que fazia parte do convívio familiar. Nesse contexto torna-se de fundamental importância a compreensão de que a solidariedade, ainda que mecânica, predominou na romaria de Mossâmedes.

Durkheim, utilizou dois conceitos, *solidariedade mecânica*, e contrapondo a *solidariedade orgânica*, explicando que as sociedades primitivas construíram sistemas rígidos de leis determinantes para manter tal tipo de comunidade. Com o surgimento do pensamento científico racional esses sistemas rígidos são quebrados, o que provoca crises de identidade, forçando a uma mudança, segundo

as exigências da modernidade, transformando, então, em sociedades orgânicas com normas racionalizadas.

No decorrer das transformações ocorridas, em Durkheim e Marx, a religião tem destaque. Enquanto o primeiro transferiu a religião para o social, considerando a solidariedade como mecanismo essencial para compreender as funções das instituições, o segundo criticou o catolicismo como religião oficial que era chamada de alienadora das consciências.

As críticas ao catolicismo hierárquico e romanizado, especialmente no século XX, surtiram efeitos positivos. Beozzo (1996:11) comentou: “João XXIII e, de modo particular, o Concílio foi para a Igreja do Brasil, como se águas longamente represadas se houvessem soltado, correndo livremente, abrindo e aprofundando o próprio leito.” Comparou ainda o concílio Vaticano II com *a* primavera inesperada e destacou a formação de novas eclesialidades que vão sendo tecidas a partir da base, ou seja, das Comunidades Eclesiais de Base (CEBS).

2..8- CATOLICISMO RENOVADO X CATOLICISMO TRADICIONAL

Oliveira (1985:275) argumentou que a preocupação da cúpula do catolicismo na época da romanização era a sobrevivência do clero sem o apoio do Estado que controlava a Igreja de um modo geral e, no Brasil, através do padroado. Os bispos eram escolhidos pelo imperador.

Dentre as práticas da Igreja no período de romanização, em linhas gerais, estão: o combate ao liberalismo, à maçonaria, à República num primeiro momento e a outras religiões, como o espiritismo, o protestantismo, o candomblé, a macumba; mais tarde não poupou o pentecostalismo que foi trazido para o Brasil

por volta de 1910 ou 1911. Sobre o encontro do catolicismo romanizado com as culturas do negro e do índio, por volta de 1880, Beozzo (1977:741) comentou que na convivência exige-se pelas normas da romanização a *purificação* ou *embranquecimento* dos reizados, congadas, irmandades e romarias e a sua europeização ortodoxa.

Beozzo analisa dois tipos de catolicismo no Brasil: um existente antes mesmo da romanização com características menos rígidas nas suas formas de controle. Era leigo e doméstico e quase não se via nele a presença do sacerdote. Era essencialmente rural, pois a população existente no Brasil no fim do século XVIII residia em sua maioria na zona rural. O segundo tipo de catolicismo tratava-se do romano normatizado e controlador que tinha a sua base fundamentada no Concílio de Trento (século XVI) e priorizava a prática sacramental para impor nas mentes a doutrina católica.

Como já foi mencionado em outros momentos, o Concílio Ecumênico Vaticano II, na década de 60 deste século, caracterizou-se por uma renovação nunca vista na igreja Católica. João XXIII foi o papa que percebeu o atraso em que a igreja católica se encontrava, em comparação com as transformações políticas, econômicas e sociais e teve a coragem de implementar com sua ousadia as mudanças necessárias

Beozzo (1996:17) descreveu algumas mudanças em relação à igreja Latino americana, que vinham acontecendo desde Pio IX, em 1858, quando foi criado o Colégio Pio Latino-Americano em Roma, primeiro instituto a serviço do conjunto das igrejas do continente..

O autor acima mencionado conta que “Em 1899, o concílio plenário Latino- Americano unificou, em termos pastorais, doutrinários e jurídicos as

diretrizes romanas para a América Latina, impondo uma uniformidade até então desconhecida e uma clara ruptura com a tradição anterior herdada de regimes eclesiais sob o patronato régio da Espanha e de Portugal.”

Em 1934, Pio XI doou um terreno onde foi construído o Colégio Pio Brasileiro, separado do Pio latino.

Dom Helder Câmara fundou em 1952, a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) e Pio XII deu sugestão para que, durante o Congresso Eucarístico Internacional no Rio de Janeiro em 1955, fosse fundado o Conselho Episcopal Latino Americano (CELAN) com sede em Bogotá.

Em 19 de abril de 1958 foi criada em Roma a Pontifícia Comissão para a América Latina (CAL) Como marco de excelente qualidade da renovação da igreja católica durante o Concílio Vaticano II destaca-se a Encíclica *Mater et Magistra* do Papa João XXIII, centrando-se sobre a *questão operária*. A mesma denunciava a penetração no campo do capitalismo industrial provocando o crescimento do *proletariado agrícola*, antes do surgimento do *proletariado industrial*.

Consoante Beozzo (1996:43), “as resistências, revoltas e revoluções tiveram origens no campo desde os movimentos chamados de “fanáticos”, como Canudos (1894-1897) e Contestado (1913-1916), no Brasil.”

Em contraposição ao movimento de renovação que se desencadeou a nível de mundo, mas, especialmente no Brasil pela grave situação de proletarização dos camponeses, em 1960 surgiu a entidade *Tradição, Família, Propriedade* que combatia a idéia de reforma agrária que vinha bem explícita na Encíclica *Mater et Magistra*. Os idealizadores de tal entidade foram dois bispos: Dom Antônio de Castro Mayer, de Campos RJ e Dom Geraldo Proença Singaud, de Diamantina MG.

Na mesma época Plínio Correia de Oliveira e Luiz Mendonça de Freitas escreveram o livro: *Reforma agrária, questão de consciência* que representou a reforma agrária como objeto genuinamente socialista e anticristão.

Percebeu-se que depois de quarenta anos, ao atravessar o segundo milênio, ainda se depara com o conflito interno que se polariza cada vez mais criando uma situação de rejeições, tanto entre os bispos e padres como entre os leigos que assumem responsabilidades mais diretas na igreja.

Dissimulados nas dioceses e paróquias, em Goiás, tais conflitos refletem, também, no santuário de Trindade. Muitos católicos que pertencem às dioceses mais conservadoras marcam presença no santuário para rezarem, reconciliarem pela confissão e pelo perdão ao Pai Eterno, através do sacerdote que atende com atenção e misericórdia.

Há no Santuário do Divino Pai Eterno, que pertence à Arquidiocese de Goiânia, coordenada por Dom Antônio Ribeiro de Oliveira, considerado um bispo progressista, percebe-se a valorização dos símbolos e movimentações do corpo humano, sem apegos ao ritual romano.

Os padres missionários redentoristas, por orientação do próprio carisma, dirigem-se ao povo com linguagem bem simples e acessível, mas com uma mensagem profunda sobre a Trindade Santa e Maria, levando aos mais abandonados a Palavra de Deus integrada na vida dos romeiros. A questão do tipo de evangelização planejada no Santuário de Trindade em consonância com a Arquidiocese de Goiânia está intrinsecamente ligada à reinvenção da tradição que será melhor explicitada no próximo item.

2. 9. A RENOVAÇÃO DA PRÁTICA CATÓLICA NA ROMARIA DOS CARREIROS

Para manter a solidariedade é destacada a fé em um Deus todo poderoso e misericordioso.

Sônia, de Mossâmedes, esclareceu em seu depoimento que o encontro de pessoas é fundamental na romaria dos carreiros. A fé e a vida integradas sustentam a caminhada, não apenas para o Santuário de Trindade, mas, no dia a dia, até o fim.

As influências de uma renovação na prática da fé foram evidentes pela presença dos monges beneditinos de Goiás, que caminharam na romaria, em direção ao santuário do Divino Pai Eterno. A linha pastoral da Diocese de Goiás, nos anos passados, coordenada por Dom Tomás Balduino, torna-se presente nas práticas de seus agentes monges e animadores de comunidades.

A renovação da prática católica pelo Concílio Vaticano II (1963-1965), em âmbito mundial deparou-se na América Latina com uma realidade conflitante especialmente na área social, política e econômica.

O Brasil é um país formado com base na estrutura agrário-latifundiária. Até meados do século XX o poder do latifúndio predominava, culminando com Getúlio Vargas. É nesse contexto que a igreja católica se situa e na América Latina faz opção pelos pobres.

Para alguns bispos brasileiros, como para Dom Tomás Balduino, será omitir ou negar a própria missão de evangelizador se não conscientizar o povo sobre as causas do seu empobrecimento. A postura clara de um bispo responsável pelo pastoreio de uma parcela significativa da população tem influências, pois forma consciências e define atitudes que imprimem na mente humana uma práxis

fundamentada em princípios marxistas, criando organizações e reunindo trabalhadores desempregados, diaristas, mulheres, negros e índios.

As chamadas minorias são priorizadas no sistema pastoral diocesano, o que se estende a todas as comunidades paroquiais, levando a uma nova consciência de que a desigualdade econômico-social não é vontade de Deus. A aquisição de uma consciência crítica torna-se um imperativo para que cada militante religioso passe a compreender a sociedade a partir dos extremos ricos e pobres, escravidão e libertação morte e vida..

A integração fé e vida é um princípio importante para a Igreja que acredita na transformação social tendo como base a Boa Nova de Jesus Cristo encarnado na História. A visão horizontal tem um fundamento para que o agente e o animador de comunidade procurem equilibrar o discurso entre imanência e transcendência, entre teoria e prática. Constatou-se que houve um silêncio por parte do sr. Tota sobre o assunto. Dona Ivone revelou que ele não é frequente na prática católica. Um dos seus filhos optou pela Assembléia de Deus e uma de suas noras pertence à igreja batista. A prática do catolicismo na família do sr Tota tem como base a matriárca dona Ivone. Segundo Sônia, sua nora, a sogra vem de uma família católica praticante que reza o terço todos os dias.

Percebeu-se na romaria dos carreiros de Mossâmedes uma mudança que condiz com a prática pastoral da diocese local. Não se vê ninguém rezando terços ou com outras práticas antigas. As celebrações foram atualizadas. Preocuparam-se com a leitura da bíblia e a interpretação de acordo com o memento vivido. As orações foram mais espontâneas procurando desvencilhar-se dos sistemas dogmáticos arcaicos. Essa mesma prática pastoral é notada também no santuário por ocasião das celebrações que utilizam símbolos, gestos, danças, palmas,

movimentos das mãos e os folhetos e cânticos com ritmos populares e fáceis de serem aprendidos. A mudança constatada no Santuário de Trindade é reflexo das mudanças realizadas no catolicismo pela sua universalidade mas especialmente pela postura da Igreja latino-Americana.

O conflito que se tornou intenso na Diocese de Goiás, desde o final da década de 60, segundo Pessoa (1999:73), tem a sua base na postura dos agentes e violências dos ricos contra os pobres. O autor ao referir-se às ocupações de terras no município de Goiás, na década de 70 ressaltou a presença de uma parcela da igreja oficial do Centro Oeste na defesa dos trabalhadores expoliados pela concentração do capital. O autor supracitado trouxe à memória acontecimentos significativos: “os bispos da Regional Centro – Oeste da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), mais precisamente o da Arquidiocese de Goiânia e os das dioceses de Anápolis, Goiás, São Félix, Marabá e Porto Nacional deram naquele momento uma contribuição decisiva par o processo de “reorientação institucional” da Igreja no Brasil.” O autor continua contando que na data de seis de maio de 1973 a Encíclica “Pacem In Terris” fez dez anos e a Declaração Universal dos Direitos Humanos, vinte e cinco. Foi nesta mesma data que os bispos do Centro Oeste publicaram um documento com o título: “marginalização de um povo: grito das igrejas.” Este foi acompanhado por outro: “ouvi os clamores do meu povo” publicado por bispos e superiores religiosos do Nordeste.

A atitude corajosa dos bispos do Centro Oeste e do Nordeste do Brasil demonstra uma mudança ou conversão de uma parcela do clero em defesa dos mais pobres concretizando a “opção preferencial pelos pobres” incluída nas diretrizes gerais da Igreja do Brasil.

A realidade política influencia em grande parte a manifestação religiosa na sociedade ocidental, no caso do Brasil, um país formado por uma população diferenciada e economicamente desigual.

2.10- A REINVENÇÃO A PARTIR DE UMA VISÃO POLÍTICA

Conforme análise marxista, a sociedade divide-se em classes com diferenças de poder aquisitivo concentrando riquezas e acumulando lucro. A partir de tal análise a tendência é crescer o número de populações empobrecidas, desempregados, sem um grau de escolaridade que dê condições de uma participação significativa na sociedade capitalista. Essas populações continuam sendo utilizadas como mão de obra barata, formando cada vez mais uma massa excluída de um sistema econômico-político concentrador e excludente.

A tentativa de acordar a *massa empobrecida* no século XIX e através da visão marxista trouxe à tona um conflito entre ricos e pobres que se organizou em todas as instâncias da sociedade. Nos partidos políticos, nas associações, sindicatos e na Igreja, as opiniões se dividiram de tal forma que chegou-se a confrontos mundiais. A primeira e a segunda guerras, mundiais deixaram marcas profundas da violência e destruição de populações inteiras. Hirochima e Nagazaque foram arrasadas pela bomba atômica.

A chacina dos judeus em Auchwitz comprova as consequências do ódio que se esconde no interior de uma coletividade.

A visão marxista da sociedade moderna contribui esclarecendo o conflito existente entre o sistema capitalista e a sociedade que tomou dimensões globais no século XX, especialmente após a derrubada do muro de Berlim.

A partir daí o sistema econômico capitalista adquiriu novas proporções de poder globalizador dominando e fortalecendo alguns sistemas concentradores: o

Fundo Monetário Internacional (FMI) as Organizações das Nações Unidas (ONU); Mercado Econômico do Sul (MERCOSUL) a nível de América do Sul.

As mudanças surgidas nos dois últimos séculos, analisadas a partir de uma interpretação marxista, chegam a uma conclusão catastrófica no presente. Enquanto cresce o número de populações empobrecidas nas periferias das metrópoles e, ainda no campo, são poucos habitantes do globo terrestre acumulam riquezas e passam a dominar também as consciências corrompendo a sociedade.

É comum encontrar centenas de mendigos em volta do santuário velho e do santuário novo em Trindade durante toda a festa. Analisa-se o empobrecimento extremo no presente como uma consequência do liberalismo, conceito assumido pela igreja católica para denunciar tal problema. Comblin (1968:66) relatou o surgimento dos grupos revolucionários a partir da década de 1920, com o Centro Dom Vital. Afirmou esses grupos manifestam o advento de formas da consciência ocidental atual na igreja. Trata-se essencialmente da consciência revolucionária européia. Dentro da Igreja Católica no Brasil surgiu o catolicismo revolucionário.

Através da dessacralização e secularização ocorridas na modernidade, o catolicismo foi renovado adquirindo novas formas: a formação dos leigos para exercerem ministérios torna-se prioridade nas paróquias e dioceses, a intersubjetividade leva à valorização da interioridade, voltando-se para a mística. A psicologia passa a ser priorizada nos grupos de convivência para a cura de crises familiares e sociais. Os conceitos missão e apostolado criaram força nas ações de igrejas. O catolicismo revolucionário, conforme Comblin, teve como base a constituição *Gaudim et Spes* ou a encíclica *Populorum Progressio* de tal modo que o marxismo de muitos não é outra coisa a não ser uma forma de catolicismo revolucionário”. O catolicismo revolucionário asseessorado pela ideologia

marxista da desalienação dos dógmas, na tentativa de uma militância pela liberdade humana torna-se também uma ideologia.

Gamsci (1984: 21) definiu a religião nos *Quaderni* como um sistema de análise com três momentos: a confessional, a leiga e uma concepção própria. Na definição confessional foram levantadas três elementos: primeiro, a crença de que existem divindades, segundo, a dependência dos seres superiores,. terceiro, a existência de relações (culto) entre o homem e os deuses.

O autor supracitado criticou especialmente o catolicismo com a pretensão de unidade. A religião dos intelectuais se diferencia da religião das classes subalternas. Uma das questões chaves, para ele, é a crença de que Deus fez o mundo antes da existência do homem. Essa idéia torna o homem passivo, convencido de que o mundo está construído. São ainda, o catolicismo e o protestantismo ópio, de modo especial, depois da Contra-Reforma e da Revolução Francesa, pela desarticulação e controle das massas. Depois de trinta e cinco anos de renovação através do Concílio Vaticano II, nos santuários, ainda está presente a valorização sacramental e ritual, herança da romanização.

Entre tradição e reinvenção o catolicismo oficial e popular é apenas uma demonstração de que as sociedades, especialmente na América Latina são constituídas de peregrinos imigrantes e migrantes.

Hoje, há uma miscigenação que caracteriza a perda de identidade e, até mesmo, o risco de extinção de alguns grupos culturais, como exemplo os índios.

No despreendimento de um sistema romano tradicional reinventa-se, no Santuário do Divino Pai Eterno um novo modelo, começando do estilo de construção arredondado, do atendimento diversificado, aberto e da linguagem e símbolos utilizados no culto. As lideranças, clero e leigos preparam um ambiente

inteiramente festivo para que os caminheiros, sejam quem for, de qual origem, sintam-se como se chegassem em sua própria casa, a casa do Pai Eterno.

3- PEREGRINAÇÃO E FESTA

A peregrinação tem um sentido bem definido: de uma necessidade individual de caminhar até o santuário, torna-se, durante o percurso da romaria, um acontecimento coletivo.

Meslin (1992:149) descreve sobre a fenomenologia das peregrinações mostrando que os processos humanos são quase idênticos. Toda peregrinação é uma experiência individual, voluntária. O autor aponta três aspectos da experiência religiosa na peregrinação: em um primeiro momento a partida voluntária para longe supõe o abandono da pátria.

Num segundo momento a vida terrestre é concebida como um exílio, bem distante de Deus criador. O homem se sente como estrangeiro nesta terra.

Por fim, compara-se a peregrinação dos cristãos neste mundo com a peregrinação para Jerusalém.

Os romeiros do Divino Pai Eterno vivenciam o sonho da eternidade. Ao fazer a experiência na caminhada para o santuário sente-se num mundo que não é o seu. São apenas peregrinos do Pai Eterno do céu, aqui na terra.

A experiência de fé dos romeiros é individual e vai se tornando coletiva pelo engajamento no grupo de romeiros. A emoção é tocada através da experiência do mistério. A fé eleva o indivíduo que se encontra isolado e necessitado de uma força que o impulse para uma nova realidade.

Conforme Brandão (1989:25), na festa do catolicismo popular, o deslocamento tem uma grande importância. A própria existência de cada pessoa é marcada por momentos festejados. O nascimento, o batismo, a primeira eucaristia, a crisma, o aniversário, o casamento, o jubileu, a morte, a lembrança pela missa de sétimo dia ou de vários meses e anos.

Quando a pessoa é festejada ou festeja emerge a “idéia antiga e atual de que a festa é uma fala, uma memória e uma mensagem.”(Brandão, 1989:8)

Há uma seleção daquilo que deve ser lembrado e esquecido. A festa exagera o real. Faz a mensagem sair do anonimato para bailar nas ruas e praças despindo-se e mostrando-se nos carnavais da vida, invertendo os papéis considerados aceitos pela sociedade.

3.1- TRADIÇÃO E PEREGRINAÇÃO

A peregrinação existe de forma diversificada a partir de cada sociedade. Numa dimensão universal caracteriza-se especialmente através de crenças mais abrangentes: o Budismo, o Islamismo e o Cristianismo.

Neste item serão lembrados apenas aspectos bíblicos e locais da peregrinação, sendo que no próximo item o mesmo assunto será desenvolvido com mais abrangência.

Peregrino (1995:64) narra o movimento de peregrinos do Nordeste, surgido em 1986, com uma peregrinação para Juazeiro, no Ceará cuja finalidade é “reinventar o cristianismo primitivo.”

Peregrino (1995: 64) toma como base o texto do Evangelho de Marcos (6,34;8,2;14,27) e encontra a motivação pela misericórdia de Jesus que ao ver um povo, como ovelhas sem pastor, teve compaixão.

Lembrando de Israel retoma-se na história a manifestação de Deus a Abraão: “Sai da tua terra e vai.” Abraão partiu com sua mulher Sara para uma longa peregrinação.

Deus Pai apareceu simbolicamente a Moisés na sarça ardente, causando o temor, fazendo-o tirar as sandálias para pisar o chão sagrado, um deus Iaweh que coloca o profeta Jonas a prova determinando que um grande peixe o engolirá: “então orou Jonas a Iaweh, seu Deus, das entranhas do peixe. Ele disse: de minha angústia chamei a Iaweh e ele me respondeu. Do seio do xeol pedi ajuda e tu ouviste a minha voz.” Jn 2,2-3

Tanto Jonas como Moisés são personagens de fé num Deus distante, todo poderoso ou o *mystérium fascinans et tremendum* (o aspecto fascinante e o repelente do numinoso (Otto apud Penzo e Gibellini 1998:150). Segundo este autor o mistério indica aquilo que é impenetrável à razão e causa temor.

Lembra também dos profetas que saíram para o deserto e denunciavam a opressão. Desde a Idade Média, especialmente nos séculos XII e XIII formaram movimentos em defesa dos pobres. “Pedro Valdês e Francismo de Assis entre muitos outros assumiram as aspirações dos pobres dentro de um movimento de renovação evangélica.”

No Nordeste existe ainda o movimento dos beatos e beatas, mas, foi mais forte no século XIX. Como estratégia de sobrevivência se colocavam distantes das instituições e foram atingidos pela romanização. Representavam uma igreja de

leigos a serviço dos desvalidos. “Eram conselheiros (as) nos interiores mais afastados. Sempre em mutirão construíam casas, cemitérios, igrejas, plantações e roçados.”

A experiência de peregrinação no Nordeste, conforme narra Peregrino, caracteriza-se pelo encontro de um povo sofredor numa região onde a pobreza e a fome são evidenciadas na maioria da população.

A peregrinação para o Santuário do Divino Pai Eterno em Trindade, cidade localizado no Centro Oeste do Brasil, apresenta uma característica marcante em comparação com a experiência de Peregrino no Nordeste.

Constata-se uma diversidade de romarias que chegam ao santuário na época da festa, primeira semana de julho, em todos os anos.

Na segunda metade do século XIX e primeira metade do século XX a romaria em Goiás tinha características totalmente rurais. O carro de boi e o cavalo eram meios de transportes preferidos e muito úteis às famílias que estavam em grande maioria no sertão. O asfalto ainda não havia chegado e até mesmo a capital, Goiânia, era uma pequena cidade.

3.2- ORIGENS DA CIDADE DE TRINDADE:

Jacob (2000:56) conta como foi a chegada dos missionários redentoristas em 1894. Eles assumiram a coordenação do santuário de Trindade inculcando na mente dos romeiros que a festa era da “Santíssima Trindade.” Houve resistência da população de manter o nome “Divino Padre Eterno”. Este permanece até os dias de hoje.

padre João Cardoso de Souza relata sobre o poético arraialzinho do Barro Preto com poucas casinhas de folha de buriti, no centro da capelinha, também de buriti.

Numa realidade rural os homens trabalhavam cultivando a terra ou cuidando de animais enquanto as mulheres se dedicavam aos trabalhos domésticos. Constantino Xavier e Ana Rosa eram pessoas de destaque social e de muita honestidade e respeito.

Conta-se, também, que em 1843 a medalha passou do recinto residencial e teve lugar próprio, a casa de oração coberta de folhas de buriti. Padre Basilio que celebrava em Barro Preto uma vez por ano faleceu em dezoito de março de 1856. Em 1860 foi demolida a pequena casa de oração para construírem uma capela maior. No mesmo ano o casal Constantino Xavier e Ana Rosa doaram um terreno, com uma légua de comprimento, para a construção da nova capela.

No dia 12 de dezembro de 1894, dia de Nossa Senhora de Guadalupe, por volta do meio dia, debaixo de uma forte chuva, depois de terem andado a cavalo de Uberaba a Campininhas, chegaram da Baviera, Alemanha, os primeiros missionários redentoristas para cristianizar a romaria, em fase de crescimento. Eram oito os missionários: três sacerdotes, quatro irmãos e um diácono. Foram aconselhados por Dom Eduardo Duarte Silva a se fixarem em Campininhas por Ter um clima sadio e água de boa qualidade. A entrada dos redentoristas em Trindade ocorreu no dia 29 de maio de 1895. Pe Miguel Siebler e os irmãos Gebardo e Floriano prepararam a capela e a casa para a romaria da festa que iniciou no dia 29 de junho do mesmo ano. A residência dos redentoristas foi fixada em Trindade a partir de 1924 e a confirmação canônica se realizou em 1948. Quando os missionários redentoristas chegaram o meio de transporte era o cavalo ou o burro. Este ultimo era preferido por ter mais resistência.

Nas peregrinações feitas pelo sertão os missionários levavam tudo o que precisavam: alimentação, roupas e todo o material religioso, pois passavam vários dias ou meses caminhando nas colônias em longas distâncias, celebrando missas, batizando, casando, crismando e confessando os católicos que se multiplicavam pela migração de outros estados. No deslocamento dos missionários naquela época quando de dois ou às vezes solitária se caracterizava pelo contato com a natureza, sem as preocupações da modernidade.

Analisando a tradição do santuário do Divino Pai Eterno, recorre-se a Brandão(1989:26), que descreve a existência de um “Deus vivo, mas situado fora da vida cotidiana.” Um mistério que se distancia do estilo popular simples e que caracteriza tamanha fé de alguém que acredita na cura de uma doença física ou na recuperação de algum desvio psíquico.

Brandão destaca o santuário de Trindade, dedicado ao Pai Eterno:“ Fora raros casos não há festas populares a Deus Pai. Fora a exceção de Trindade, em Goiás não conheço cortejos e, menos ainda, procissões ou romarias a ele.”

A experiência de fé é individual e vai se tornando coletiva pelo engajamento no grupo de romeiros. A emoção é tocada através da promessa. O sentimento faz evidenciar o entusiasmo através da experiência do mistério. A fé eleva o indivíduo que se encontra isolado e necessitado de uma força que impulse para uma nova realidade, ainda que seja fantástica.

A peculiaridade do santuário de Trindade se fundamenta na realidade de um povo abandonado no sertão de Goiás no final do século XIX.

A Revolução Industrial estava em fase de expansão na Europa e não havia se implantado na América Latina.

A Região Centro Oeste estava ainda atrasada em seu desenvolvimento em todas as dimensões. Embora rica em terras férteis, madeira, ouro e pedras preciosas etc. não havia estradas para o escoamento da produção. O único meio de transporte era o trem de ferro que vinha de São Paulo até Uberaba (MG).

Todos os que viajavam de trem de ferro chegavam em Goiás a cavalo. É no meio da precariedade e desafios que surge o santuário do Divino Pai Eterno. O atual Reitor Oliveira (1999:17) analisa o surgimento do santuário como um “presente especial do Pai Eterno, primeiro dado aos goianos e hoje ao Brasil e ao mundo.”

O romeiro tem fé e esperança. Por isso mergulha no mistério e sente-se o milagre da proximidade de Deus que o transforma.

Oliveira (1999:15), observa no peregrino do Divino Pai Eterno o peso de um cansaço da vida e a busca de um Deus misericordioso e compassivo. É a partir de um estado de sofrimento que o romeiro “passa a ter uma consciência da presença de Deus que o ama muito e que olha a cada pessoa com um carinho especial.”

3.3- O DEUS TRINDADE E MARIA: A CAUSA PRIMEIRA DA DEVOÇÃO

O Santuário do Divino Pai Eterno, em Trindade, é o centro de devoção a “um deus vivo mas situado fora da vida cotidiana, isto é, não lembrado como relacionado pessoalmente com os homens como sujeitos” (Brandão 1989:26). É esse deus distante, mas que se torna bem próximo do sertanejo pela fé tão intensa que move milhões de romeiros a caminharem, formando romarias a pé, a cavalo,

em carroças, tratores, carro de boi e automóveis. Pessoas de todos os lados e idades vão a Trindade na primeira semana de julho.

O autor supracitado mostra que a fé em Deus Pai, no Santuário de Trindade é uma excessão em todo o mundo.

A fé do romeiro no Divino Pai Eterno é semelhante à fé de Moisés e Jonas. Enquanto o primeiro deixa-se envolver unindo e fazendo a experiência concreta do Deus *Tremendum*, o segundo sente-se distante e abandonado no xeol (lugar terrível). Foi preciso suplicar para que Iaweh respondesse e criasse uma nova condição de aproximação, pois Jonas havia fugido de Deus por se achar incapacitado de converter os habitantes ninivitas. Dando seguimento à análise de Brandão (1989:26): “Eis-nos diante de um ser sagrado do espaço, mas não do lugar, da natureza e do cosmos, mas não da cultura e da história. Um ser da crença, sem o culto. Pois já que ele existe e aparece mas não nos vem não há por que ir infestivamente a ele.” Somente uma fé profunda pode levar tanta gente a um lugar sagrado, divinizado, onde aqueles que acreditam na existência do Divino Pai Eterno entram no santuário semelhantes à Moisés e Jonas: arrastam-se ajoelhados pelos degraus das escadarias pagando promessas, arrependidos e suplicando a volta de Iaweh. Presizam aproximar-se da divindade que está distante ou perto, segundo o estado de espírito de cada romeiro. Numa contraposição à idéia de um deus distante inclui-se a tese defendida por Costa ao refletir sobre “ABBÁ PAI”! “O Deus de Jesus é diferente.” Costa (1999:25), descreve a experiência singular que Jesus, o Filho, fez do Pai. Do conceito hebraico de “deus todo poderoso” ele acolhe e passa a utilizar “deus misericordioso.” Jesus muda, também, a idéia de um deus distante e transcendente para um deus presente e histórico que caminha com o seu povo. Jesus, ao ser batizado por João sente revelado em seu próprio

interior que o Pai Eterno é bondoso e transmite a paz através da presença de uma pomba.

Pela mística praticada por Jesus no deserto, vence todas as tentações do poder, do ter e do prazer. Ao contrário de João Batista que pregava a cólera de Deus, Jesus descobriu um Deus Pai compassivo e próximo daqueles que querem a sua presença.

Um Pai distante e perto ao mesmo tempo pela experiência de fé contem ao seu lado o Deus Filho encarnado e próximo da humanidade.

Jesus de Nazaré, nascido de uma virgem chamada Maria, torna-se parecido com a humanidade, humilha-se e confronta-se com as autoridades do seu tempo, contra as injustiças, sendo levado à cruz. Tem fome e sede, sua sangue, é traído e perdoa os arrependidos.

O conhecimento, a proximidade e a semelhança humana de Jesus não são suficientes para torná-lo mais adorado. Deus Pai sempre foi mais adorado e temido pelos fiéis romeiros, num contexto de religiosidade popular.

A imagem constituída de três pessoas: Pai, Filho e Espírito Santo coroando a Virgem Maria não é distinguida pelos romeiros. Todos continuam referindo-se ao Divino Pai Eterno no sentido explicado por Brandão (1989:26), “um Deus Pai obscuro, princípio de tudo” e Otto (1998:145) “o mistério tremendo e fascinante.”

Enquanto o Deus Pai é chamado de onipotente, todo poderoso, misericordioso, o filho é conhecido como o filho do carpinteiro, amado por uns e odiado por outros. Nenhum profeta é bem visto em sua própria terra. O distante, o diferente, o invisível é sempre mais temido do que amado, pois a distância inviabiliza o contato,

o conhecimento para que o encontro se transforme em comunhão, atingindo o sentimento.

O amor platônico, utópico, é próprio do catolicismo, também, pelo distanciamento do Pai Eterno dos seus filhos da terra.

O eterno invisível distancia de uma realidade terrena impregnada pelos limites humanos e mundanos. Quanto mais distante da humanidade mais o Divino Pai Eterno atrai seus pobres servos e servas da terra, que peregrinam num mundo tomado pelas injustiças e a falta de amor ao outro. O Filho não é lembrado, a não ser através do culto, no santuário, organizado pelo clero, representante do catolicismo oficial. Jesus Cristo é lembrado, também, nas orações e celebrações diárias nas romarias.

Tradicionalmente a manifestação dos católicos ocorre na sexta feira santa quando celebram a paixão e morte de Jesus. Comprova-se pelo fato de tal constatação da fé católica uma dificuldade de assimilação do culto católico ritualizado, a não ser àquelas como os santuários, que vão, pouco a pouco, adaptando-se à realidade popular. A presença dos romeiros nos cultos se dá especialmente pela fé no Divino Pai Eterno, sem uma distinção das três pessoas e a Virgem Maria

Nota-se a proximidade do clero pregando de maneira acessível, com uma linguagem mais simples, sem se apegar ao ritual romano.

A tendência nos cultos é aumentar a utilização dos símbolos litúrgicos: a bíblia, a cruz, a imagem da Santíssima Trindade, a veste branca.

Esses símbolos se misturam com outros mais regionais: a terra, a água, o alimento,

A ressurreição de Jesus Cristo, um conceito teológico abrangente para a prática no catolicismo assemelha-se ao conceito de Deus Pai quanto ao

distanciamento da compreensão popular. O ressuscitado, pelo mérito da prática do amor e da justiça aos mais pobres e excluídos (preferidos do Pai Eterno) diviniza-se e se transforma. Sem o corpo o espírito torna-se intocável pelos seus discípulos que se dispersam com medo das autoridades políticas daquela época.

A morte de Jesus na cruz e a entrega total ao Divino Pai Eterno, torna real a mesma entrega dos romeiros peregrinos no serviço gratuito e repleto de amor autêntico pobres, doando-se e não medindo esforços no percurso da caminhada.

O surgimento do Espírito Santo se fundamenta no distanciamento de Jesus Cristo, o mestre. A dispersão dos discípulos e apóstolos faz aparecer uma crise de fé.

O Espírito Santo é enviado por Jesus Cristo, com os títulos de consolador, iluminador, animador que conforta os fracos e enche de sabedoria as mentes abrasando os corações frios e desanimados. É uma figura de Deus sujeita a festas, mas não de romarias.

A diferenciação entre as três pessoas da Santíssima Trindade torna-se o lugar sagrado que se concentra no santuário do Divino Pai Eterno, mas que se estende por toda a cidade de Trindade e pelo caminho por onde passam os romeiros.

A fé num Deus todo poderoso e misericordioso, transcendente, tem a sua extensão no filho Jesus, um pobre caminheiro sem lugar definitivo para morar.

Na mesma diferenciação da Santíssima Trindade insere-se a Virgem Maria, a mãe de Jesus. A coroa simboliza o reconhecimento por ser ela a escolhida do Pai que envia um anjo saudando-a e anunciando o nascimento de Jesus, criando no mundo um projeto de renovação, transformação social e promessa de salvação da humanidade. Maria responde positivamente ao anjo. “ Eu sou a serva do Senhor.

Faça-se em mim segundo a tua palavra. ”Lc 1, 31b: 1927. A obediência ao Pai leva Maria a profetizar: “ Seu nome é santo e sua misericórdia perdura de geração em geração para aqueles que o temem. Agiu com a força do seu braço, dispersou os homens de coração orgulhoso. Depôs poderosos dos seus tronos e a humildes exaltou.(Lc 1, 49-52)

A Virgem Maria, como é chamada nas orações do missal romano é a representação da mulher obediente ao Pai Eterno, mas que profetiza e sonha com uma sociedade renovada, sem exploração dos ricos sobre os pobres.

Na romaria fica explícita uma prática tradicional da mulher que explica teoria da obediência cega que restringe a liberdade feminina: ir à romaria dos carreiros para ficar na cozinha.

No santuário a presença da mulher é maioria, embora a coordenação dos cultos e o exercício do poder de um modo geral sejam de responsabilidade dos homens.

O Pai na Trindade mantém-se à distância na onipotência e torna conhecido o seu projeto através do Filho em conjunto com o Espírito. O último aparece como um intermediário e distante, pois exerce sua força através dos símbolos ou dons. Em 1Cr. 12, 1-11 o apóstolo Paulo explica àquela comunidade que os *dons* ou *carismas* esclarecem aos humanos quem é Jesus.

Há, conforme Paulo, uma diversidade de dons, mas o espírito é o mesmo, uma diversidade de serviços, mas o Senhor é o mesmo. Cada pessoa recebe o dom de manifestar o espírito para o bem de todos. Paulo aponta sete dons do Espírito Santo que se tornam presentes nas pessoas pelo grau de abertura que cada cristão coloca diante do espírito. Os sete dons são os seguintes: sabedoria, ciência, fé, curas, discernimento, profecia, fala e interpretação.

O significado da Santíssima Trindade, para os romeiros, associada ao lugar de sua habitação, o Santuário, pode ser incluído na interpretação de Brandão sobre o deslocamento. Para os romeiros que ainda estão vivenciando um estilo de catolicismo antigo, característico da área rural, a visão que prevalece é de um Deus Pai distante e poderoso.

Mas para quem acompanhou a renovação da igreja após o Concílio Vaticano II mudou sua compreensão, passando a divulgar a idéia de um Deus Pai misericordioso, encarnado na história.

Em diversos depoimentos obtidos nesta pesquisa, percebe-se uma compreensão diversificada: Marcos, monge de Goiás falou da festa, da alegria contagiante, do diálogo, da troca de experiências, do desinstalar-se e da constatação de dois grupos na romaria. Na sua fala ficou evidente a finalidade da romaria dos carreiros de São José de Mossâmedes: deslocar-se para o santuário e festejar. Percebe-se, também, uma dinâmica do deslocamento que, ao fugir da rotina e de uma tradição ainda mecânica renova-se sonhando com uma nova realidade que o santuário lhe proporciona, conferindo sentido para a vida. Nessa dinâmica da peregrinação a compreensão que prevalece na mente do romeiro é de que Deus é Pai, é Santo porque nele não há o mal. É poderoso porque está no Céu e na terra. Embora rezem e adorem a Jesus Cristo e ao Espírito Santo, os romeiros continuam fixados na idéia do Divino Pai Eterno. O culto à Virgem Maria é reconhecido e praticado com assiduidade.

3.4- PEREGRINAÇÃO E FESTA ENTRE O PROFANO E O SAGRADO

Brandão (1989:25) diz: *“Crer é no imóvel, mas rezar é para quem se move.”*

A festa, segundo o autor Brandão, pode ser interpretada como uma forma de mistificação dos aspectos racionais. Estes não se incluem nos mesmos parâmetros do deslocamento ou peregrinação na romaria.

Dona Laurinda de Goiânia, participou da romaria de São José de Mossâmedes para pagar uma promessa que a sua mãe fez quando ela era ainda criança e foi ofendida por uma cobra. Sendo curada sente, aos 65 anos de idade, no dever de cumprir a promessa caminhando para o santuário.

Para chegar até o Divino Pai Eterno e pagar a promessa o romeiro é capaz de se sacrificar a ponto de andar até fazer calo nos pés, como aconteceu com Dona Ivone. Por mais cansada que se sentisse não desanimou e resistiu às dificuldades até chegar ao santuário e cumprir com o dever.

Mauro de Goiânia acompanha a romaria dos carreiros há seis anos e o faz como mostra seu depoimento, pela necessidade de manter o vínculo familiar, embora vive numa cidade grande, faça curso superior, bem ao estilo da modernidade. Caminhar a pé à frente da romaria e participar diretamente das atividades nas pousadas com a família do sr. Tota é uma necessidade. Realiza durante os quinze dias o percurso de ida e volta um verdadeiro exercício de convivência e liberdade.

Sônia de Mossâmedes, por ser animadora de comunidade na Diocese de Goiás fala sobre sua visão de um Deus Trindade que está bem perto do seu povo . Fala ainda sobre a fé e a solidariedade na romaria que é maior do que o sacrifício.

O Sr Lili conta a origem da romaria dos carreiros de Mossâmedes e testemunha há uns, aproximadamente trinta e cinco anos a sua experiência de solidariedade oferecendo condições adequadas para o terceiro pouso dos carreiros.

Os depoimentos esclarecem uma diversidade que caracteriza o sentido do deslocamento pelo objetivo comum entre as diferenças: chegar ao santuário e cumprir promessas ou fazer algum pedido.

O profano e o sagrado são marcantes em toda a romaria. Os gestos de solidariedade entre os membros das famílias e entre estas fortalecem o sistema comunitário. É a prática da partilha que faz crescer o desejo de convivência. A divisão das tarefas nos pousos cria momentos para o diálogo e para as brincadeiras levando ao conhecimento mútuo.

É a caminhada juntos à frente dos carros, conversando, em silêncio, ou meditando sobre a natureza, na poeira, ou no sol quente que definem e atribuem sentido a tal acontecimento.

A romaria é consumada no santuário, o lugar da festa por excelência. Numa realidade mágica e divina, ao mesmo tempo o camponês e o citadino, o fazendeiro e o peão, os jovens e os adultos, as crianças e os idosos, a poeira e o asfalto se misturam.

Na caminhada acontece um ritual mais profano do que sagrado. A preocupação com o próprio sustento carregando alimentos com sobra para ir e voltar, a bebida da *aguardente* por um grupo de jovens e a roda de amigos para contar piadas e rirem a vontade, o grupo country com suas particularidades da

música e do romance, os jogos com cartas de baralho em sua diversidade marcam o lado profano da romaria. Apenas alguns comportamentos explícitos marcam o sagrado: as orações pela manhã, quando saem em caminhada, e as celebrações realizadas no final de cada dia, quando todos estão preparados para o descanso da noite.

O que mais ressalta na romaria são os comportamentos festivos. A alegria estampada no rosto dos romeiros, mesmo quando estão cansados, é uma realidade. A comida feita com carinho pelas mulheres e às vezes auxiliadas pelos homens (família do Sr Tota e os monges), torna-se convidativa para um encontro alegre e comunicativo, ainda mais quando sacia a fome. A presença dos monges na romaria representa o sagrado que se confunde com o profano, na maior parte do tempo da caminhada. Se tornam parecidos com os romeiros, mas são místicos e fazem parte do catolicismo oficial- racional. O espaço é preenchido pela diversidade de ações humanas que tornam dinâmica a caminhada. A desinstalação e o clima de festa, o encontro e o diálogo proporcionam a memória ou a lembrança.

Às vezes numa conversa surge o nome de uma pessoa que participou ou ao receberem alguém desconhecido os dialogantes se lembra de outra pessoa que já se foi, mas que era de grande valor para o grupo.

Ao final de cada dia, após a armação das barracas, do banho, do jantar e da celebração, quase sempre reúnem-se os homens idosos separados das mulheres. Nesse momento a memória é revivida. O mesmo acontece com as mulheres que a muito tempo não se viam. A conversa se estende até enquanto o corpo não se desfalece pelo sono.

Ao chegar ao limiar do terceiro milênio a romaria para o santuário do Divino Pai Eterno tende ao crescimento em sua multiplicidade de transportes: a pé, a cavalo, de ônibus, em caminhões ou automóveis, em carroça ou carros de bois.

A romaria pode ser por um período curto ou longo. O carro de bois, na primeira metade deste século, foi bem acessível, até porque no sertão raramente se encontrava um automóvel. “O carro de boi chega, na última década, aos olhos dos espectadores, como um símbolo troféu pitoresco, recuperado dos arquivos da história, num maravilhoso “museu mambembe.” (De Deus 2000:25)

A autora supracitada lembra Sanchis, utilizando-se do conceito “reinterpretação” e “a capacidade que o povo possui de mascarar de um modo aparentemente submisso, formas de dissimular resistências, a espera de uma conjuntura favorável.” (De Deus, 2000:25)

Os carreiros, por pertencerem a uma tradição e viverem, ainda na área rural, conseguem reproduzir os costumes do passado, mas carregam influências da modernidade. A luz elétrica, a televisão, a ideologia capitalista do lucro e da necessidade de consumo, enfim, a virtualidade pouco a pouco vai ocupando espaço na área rural. Numa visão mágica, etnocêntrica, o homem do campo, o carreiro, faz questão de preparar o carro de boi, com originalidade: o couro bem curtido, a madeira mais resistente de acordo com as exigências do peso a ser carregado, geralmente de aroeira para as peças centrais e de jacarandá para as cangas. O tirante que liga uma canga a outra deve ser de couro novo e curtido. Não pode faltar o chapéu e a botina de couro para resistirem ao sol quente e as estradas roceiras.

A preparação dos carreiros romeiros realizada com tanto carinho, observando cada detalhe das peças necessárias para a interligação do carro, dos

bois e das famílias se inclui ao profano em vista do sagrado que se realiza de um modo completo no santuário. Desde a preparação da romaria até o encontro do romeiro com o santo no Santuário, aparentemente mostra-se o profano carregando consigo, implicitamente, o sagrado que pouco se mostra, mas sustenta a caminhada. A dimensão do sagrado está ligada ao espírito, ou seja, ao mais profundo do ser. Aparece nos momentos de oração individual e comunitária, na meditação em contato com a natureza, nos momentos de recolhimento e silêncio interior, durante a alimentação quando as famílias se reúnem para rezar e agradecer os frutos da terra colhidos e ofertados pela bondade de Deus e pelo trabalho humano.

3.5- RESISTÊNCIA E MODERNIDADE ENTRE O PROFANO E O SAGRADO NA FESTA

depoimento do Sr Joviano morador de Ordália um povoado a 110 km de Trindade caracteriza-se pelo sentido da romaria ligado à festa:

“Saímos no domingo de manhã às 5h da manhã. Primeiro rezamos o terço. Vamos pelo caminho comendo bolo, chupando laranja, comendo doce. Quando chegamos no pouso armamos a barraca, tomamos banho e preparamos a janta. A viagem é divertida. Somos bem acolhidos nas fazendas. Rezamos, cantamos e contamos mentiras, dançamos catira e forró. O percurso dura de quatro a cinco dias com muita fé e devoção ao Divino Pai Eterno, até chegar no seu Santuário.”

O coração do romeiro se enche de alegria do início ao fim da romaria. Caminhar, comer, cantar, dançar, contar mentiras, trabalhar e celebrar fazem parte

do processo de resistência do romeiro que acredita no Divino Pai Eterno e quer manter seus valores tradicionais.

O homem do campo vive através da fé. Seu comportamento se fundamenta em valores existenciais, sem se preocupar com ideologias que o desviem da existencialidade que o torna mais humano e integrado à natureza. Mas esse mesmo homem que resiste e preserva seus valores tradicionais e existenciais é questionado e ameaçado pelos valores modernos.

Eliade (1996:165), analisando as transformações ocorridas na modernidade refere-se ao homem a-religioso que passa a assumir uma nova situação existencial, reconhecendo-se como o único sujeito agente da história e rejeitando todo apelo à transcendência. “Em outras palavras não aceita nenhum modelo de humanidade fora da condição humana, tal como ela se revela nas diversas situações históricas.”

(Eliade, 1996:165). A partir de tal compreensão o homem dessacraliza a si e o mundo. Vê-se que a dessacralização transforma, desmistifica todo tipo de crença na transcendência. Todavia,, segundo o mesmo autor, a idéia de liberdade a partir da modernidade é um engano. pois o homem é resultado dos antepassados. “o homem a-religioso descende do homo religioso.” (Eliade, 1996:165). Percebe-se que os romeiros preservam os valores sagrados dos seus antepassados. Observam-se, aparentemente, os comportamentos profanos, ligados à preservação da vida externa material, embora sabendo que o espírito é que vivifica e fortalece o corpo para a jornada que é longa.

Em depoimento o sr Tota, líder da romaria de Mossâmedes, conta:

“ Durante o percurso da romaria, nas paradas os homens brincam nas barracas, lutam uns com os outros como se fossem crianças. Derrubam panelas e as mulheres jogam água neles. Depois de muito risco e suadeira, como se estivessem trabalhando na roça eles param de brincar. Fazem misuras para as mulheres que correm atrás deles com o cabo de vassoura ou um pedaço de pau qualquer.”

Os gestos demonstrados pelos carreiros em um ambiente familiar podem ser interpretado como uma volta ao inconsciente através de atitudes infantis. As brincadeiras entre homens e mulheres demonstram um tipo de afetividade compensada e proximidade entre os sexos opostos. Na relação de brincadeiras, o homem predomina através de gestos violentos chegando a destruir utensílios de utilidade para a alimentação do grupo. Durante a recreação tudo se torna motivo de risos que pode ser interpretado como terapia. O sistema familiar patriarcal carrega ainda uma rigidez que vem do passado e que evidencia na romaria dos carreiros. A descontração através das brincadeiras é uma maneira de fugir da rigidez e da moral que pesam sobre as mentes das famílias.

Discutindo a realidade popular, Wilges (1998:11) faz uma análise sobre a cultura elitista que define o popular de ignorante, sem cultura. Sabe-se que todo tipo de cultura recebe influências da religião. O homem popular explica a vida através de um conjunto de crenças que estão envolvidas em condutas sociais: “Assim, fazia parte de nossa cultura cristã: o não trabalhar aos domingos, celebrar o natal, a proibição do divórcio e do aborto, as procissões, a missa dominical, o respeito sacral pela autoridade.”

O mesmo lembra a importância da reunião dos bispos em Santo Domingo (Outubro 92) quando acentuaram a necessidade de evangelizar as culturas e a de

inculturar-se A inculturação, para o clero que resistiu por mais de um milênio às renovações internas, representa, ao atravessar os dois mil anos, segundo o calendário cristão, um compromisso que merece comemoração. Embora, vem se desenvolvendo timidamente pelo próprio clero.

Uma questão fundamental a ser analisada é o poder institucional da igreja e a mensagem cristã libertadora. Os conflitos são constantes no decorrer da história. As estruturas criadas desde a realização dos primeiros concílios e especialmente a partir do século IV, com o vínculo da Igreja e do Estado, os poderes imperial e papal se estruturaram de tal forma que a distância entre clero e leigo foi crescendo, chegando ao ponto de o leigo se tornar um mero espectador do culto latino da Igreja. Por outro lado o Império controlou a Igreja Católica até o final do século XIX.

O catolicismo e o Estado hierárquicos se confundiram e se confrontaram como os dois maiores poderes organizados no mundo.

A partir do Concílio Vaticano II, uma parcela do clero aderiu à renovação interna para uma ação mais integrada e eficaz como igreja na sociedade, enquanto uma maioria resiste às transformações e continua sustentando os métodos antigos, com práticas ultrapassadas para uma sociedade moderna. Uma minoria dos bispos em âmbito de América Latina continua assumindo a postura de denunciar as injustiças, tentando apontar caminhos para as nações exploradas pelos países desenvolvidos.

Atualmente a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) unida a sindicatos e movimentos sociais, tomou a iniciativa de coordenar um plebiscito a nível nacional para uma alerta, sobre o grave problema da dívida externa e interna

que aumentam constantemente. Evidencia-se na atualidade a Igreja que continua implementando a renovação do Concílio Vaticano II.

A questão entre evangelização e culturas tem sido debatida nas últimas décadas com mais intensidade pela mesma gravidade apontada acima ao se tratar do interior da igreja católica.

Wilges (1998:12) refere-se ao impacto criado pela religião em contato com as culturas: “Se religião produz cultura e influência ela também sofre impacto dessa mesma cultura que ajuda e limita na transmissão de sua mensagem libertadora.” A festa nesse caso acontece quando o leigo conquista seu espaço assumindo tarefas, animando e coordenando serviços nas comunidades. Ao participar de estudos e escolha das diretrizes da Diocese de Goiás, ao receber do bispo a condição de poderem coordenar comunidades se sentem motivadas e passam a defender um estilo de igreja mais integrada na sociedade ao lado dos empobrecidos.

As festividades estão interligadas ao estado interior da pessoa humana, pelas perspectivas que encontram no decorrer da vida. O santuário representa esse lugar onde culmina a esperança de grupos culturais populares. Em Goiás destacam-se os carreiros que ainda insistem em manter seus valores culturais, recriando e incluindo-se na modernidade, sem se excluírem no fechamento. O desfile em Trindade depois de cinco dias de viagem pelas estradas poeirentas que a ligam a São José de Mossâmedes, é exemplo desse ressurgimento religioso e cultural de uma forma criativa e nova. Portanto, a reinvenção da cultura rural, tomando como exemplo os carreiros, acontece entre o profano e o sagrado. Embora durante a

romaria aparentemente o espaço profano apareça com mais evidência, tudo vai acontecendo em vista do sagrado que culmina no santuário, numa missa especial e apropriada, pois até o padre que celebra se veste com os trajes do carreiro.

O encontro entre cultura e religião sofre transformações ou podas na adaptação ou aculturação. Há um impacto que leva à perda da originalidade tanto da cultura quanto da religião.

O problema que permanece conflitivo nas sociedades é o poder já lembrado no Catolicismo e no Estado. O mesmo constitui-se de ideologias que falseiam a realidade mascarando-a e mantendo posturas autoritárias.

Suess (1995:16) refere-se à importância da complementação entre cultura e evangelho, de ordens distintas: “ambos apostam na continuidade da vida coletiva e em sua emancipação das contingências da fatalidade da sorte do determinismo biológico e da arbitrariedade do mais forte.”

Este é o sonho de todas as pessoas que trabalham para uma humanização proporcionando aos indivíduos e culturas diversas a manifestação livre.

Consoante Berger (1985:23), “a cultura é objetiva por se defrontar ao homem como um conjunto de objetos do mundo real existente fora da sua existência.”

Para o autor a cultura está fora e pode ser experimentada e conseqüentemente apreendida e interiorizada pelo homem. É no compartilhar do homem com os objetos culturais externos que acontece a transformação, tanto do indivíduo e da coletividade, como da própria cultura. A instrumentalização e depreciação dos valores da cultura rural vem sendo constatadas Não se reza mais o terço como se rezava no passado. A presença de aparelhos modernos como o

rádio, o fogão a gas, o automóvel e o asfalto vai tomando conta do espaço na romaria. dos carreiros

Silva (1984:109) lembra que o “brasileiro em seu conjunto é o produto de três etnias diferentes: a portuguesa, a africana e a ameríndia.”

Não existe no Brasil uma cultura pura mas, uma mistura que influencia também, a romaria de um modo geral. O autor analisa o poder da cultura racional, ordenadora, disciplinadora formando uma índole marcada pelo individualismo, sentimentalismo, indolência e tolerância. Os efeitos indiretos aconteceram a partir das procedências portuguesas.

As culturas nativas de diversas tribos indígenas foram exterminadas através dos interesses econômicos capitalistas ocidentais. Quanto mais originais e vinculadas à natureza, mais dificuldades enfrentam de permanecerem numa sociedade industrializada capitalista competitiva.

Constata-se que as origens dos carreiros em Mossâmedes estão vinculadas a uma miscigenação, mas restam apenas lembranças pela história contada. Os carreiros surgiram em São José de Mossâmedes através de migrantes, especialmente mineiros que trouxeram a devoção aos santos e à Virgem Maria.

Num processo de aculturação o choque cultural provocou o desaparecimento dos índios e a perda, em parte, da cultura negra, permanecendo intacta a cultura branca.

Embora exista aparentemente uma liberdade de participação na romaria dos carreiros, predominam como líderes os brancos.

Ao se perderem totalmente ou, em parte, os valores de um povo predominou a raça mais forte. Se, os índios perderam a própria identidade, os negros conseguiram apenas sobreviver. A mistura das crenças, embora

consideradas supersticiosas pelo catolicismo oficial, tornou-se um meio de sobrevivência. Baseando-se nos santos católicos os negros associaram as suas imagens aos seus deuses: orixás, xangôs, além de outros.

Silva (1984: 110) analisa as procedências africanas e constata que a religiosidade portuguesa não foi conservada intacta no Brasil, recebendo, também “influências africanas e ameríndias que lhe emprestaram a configuração típicas.”

Destacam-se dois aspectos da contribuição africana no Brasil: num primeiro momento os negros não assimilaram a religião dos brancos, pois foi precária na América Latina. A profanação do sagrado acontece historicamente através da escravidão e cristianização, formando *um sincretismo religioso*. Os angolanos eram batizados sem uma catequese esclarecedora. Em um segundo momento eram as *mães pretas* que influenciavam os filhos das senhoras brancas com ensinamentos religiosos.

A escravidão, segundo Comblin (1998: 22), é um mecanismo para matar o ser *humano*. “ É um morto com morte adiada. Por isso pressupunha que não tivesse pensamento, nem sentimento, nem vontade. O escravo tornava-se objeto passivo nas mãos do amo, não tendo direito algum e não existindo civilmente.”

O sonho de liberdade na romaria se vincula à realidade histórica da destruição dos índios e das suas crenças. O sentido da festa fica prejudicado ao deparar-se com uma miscigenação brasileira onde, ainda, o negro e o índio vivem coagidos, sem liberdade e marginalizados pelo preconceito e pela ganância de riquezas que roubam as terras dos índios. A alegria é a manifestação de um desejo latente no carreiro lavrador e sertanejo que ainda vive distante de um Deus misericordioso, que cura e concede aos seus filhos e filhas inúmeros benefícios. Os carreiros consideram o tempo especial. O percurso torna-se

pequeno diante da abertura, esperança, espírito de alegria e liberdade. Tempo e espaço se cruzam. Voltam ao passado no presente, manifestando os valores que ficaram escondidos no inconsciente. Aí está o anseio de liberdade e felicidade, que é manifestada de forma mais visível no encontro com o Divino Pai Eterno.

A fé ficou gravada no mais íntimo do ser humano, juntamente com os costumes e valores apreendidos.

Para Suess (1995:16), “o Evangelho pertence à ordem da gratuidade, as culturas ao campo das necessidades. As culturas não precisam do Evangelho. O Evangelho, porém, precisa das mediações culturais.”

No Brasil, um grande conflito surgiu através da colonização dos índios, pois a ideologia que predominava era de que a conquista das riquezas deveria ser implementada a qualquer custo. O esforço dos jesuítas em defender os valores culturais dos índios foi em vão. O poder imperial insistiu e fez valer a ideologia da *civilização*. As consequências foram catastróficas, com o extermínio de tribos inteiras. Se o Evangelho pertence à ordem da gratuidade não deveria impor o seu jeito de catequizar, mas ouvir e assimilar os valores do outro. O profano surge impondo-se e disfarçando-se através de leis e idéias enganosas para conseguir seu intuito. O mais frágil, o popular, sem leitura, perdeu seu espaço para o mais forte, através da racionalização ideológica. As culturas existiram antes do Evangelho, por isso o ato de evangelizar levando em conta a inculturação, parte das culturas e não do magistério da igreja e das determinações do estado, como foi no passado. Cada vez mais depara-se, no Brasil, com a dizimação dos índios e convive-se com um preconceito que parece não ter fim. Se as culturas têm prioridade e existem antes de qualquer tipo de evangelização,

por que o catolicismo e o imperialismo europeu impuseram sobre os índios e negros suas leis e costumes?

Boff (1996:53) critica a versão romano-católica do cristianismo que deixou *um lastro de negatividades*. Lamenta a imagem passada pelo diálogo intercultural, mostrando limites dolorosos àquelas pessoas que não são católicas. Olhar criticamente, segundo Boff, faz ver que o cristianismo surgiu como produto da cultura ocidental. Em processo global da humanidade o autor analisa o “ocidente cristão traumático onde gestaram as grandes ideologias e práticas de dominação mundial. O Iluminismo, o Capitalismo, e o Comunismo de visão leninista. Foi no ocidente cristão que promoveu o colonialismo a subjugação das culturas da Ásia, África e América Latina.”

Os carreiros-romeiros que caminham para o santuário incluem-se em uma cultura brasileira, ocidentalizada e profanizada pelo poder autoritário que prevalece até os tempos atuais. Ao se destruírem culturas destroem-se também os deuses, as crenças, porém, estas permanecem enquanto existem viventes.

O surgimento dos santuários representa a força que a fé em um santo o imaginário popular pode implementar. O santuário do Divino Pai Eterno surgiu através de um casal de agricultores migrantes, distantes da sua origem. Os mesmos tinham sonhos e esperanças de realizações por meio da riqueza e da formação da família.

A fé era, também, como uma força para se apegarem e vencerem os desafios cotidianos que eram muitos: as matas, a falta de recursos, o analfabetismo e outros.

Os carreiros têm suas raízes em outros estados, especialmente em Minas Gerais. Representam uma minoria que preserva os valores adquiridos pelos antepassados através do catolicismo. Ao mesmo tempo resistem às transformações acontecidas na modernidade, com o intuito de disseminar o cristianismo dogmático e a cultura ocidentalizada e elitizada, Por isso os valores conservados pelos carreiros são antigos: o carro com sua tralha, oito, dez ou mais juntas de bois, couro para cobrir o carro, cordas para tirantes e brochas nas cangas, preferência por estradas de chão, com água em abundância para que os romeiros e os bois não passem sede, estradas com sombras para o descanso, pousos em barracas de lonas, de preferência nas beiras de rios ou córregos, guidas de madeira escolhida para os bois resistirem às ferroadas nos lombos quando forem necessárias, a alimentação guardada em latas de alumínio, preparada em panelas de barro e a abundância de quitandas feitas em fornos de tijolos

Dona Luci, em Damolândia, em um de seus depoimentos afirmou:

“A mudança de carro de boi para carro a gasolina aconteceu pela evolução dos tempos, a melhoria das estradas, a necessidade de locomover-se mais rápido.”

“Em Damolândia existem dois fenômenos interessantes: o primeiro é a perseverança de dois carreiros, o senhor José Furtado Pacheco Sobrinho e Domingos Ferreira Maia que iniciaram na romaria em 1959. Movidos pela fé iam ao Santuário na época da lamparina ou candeia, fornalhas de tijolos e banhos na bacia. Muitos romeiros iam com crianças recém nascidas.”

O surgimento do asfalto e o uso do movido à combustível vieram ao encontro das necessidades do homem, facilitando a viagem e preservando as

peças do frio, da poeira, além da economia de tempo para chegarem ao santuário. Ir de automóvel tornou-se necessidade das pessoas que não conseguem acompanhar os carreiros, mas também pela rapidez e facilidade, aproveitando o tempo e preservando o corpo descansado. Existem, ainda carreiros que vão por tradição, mesmo possuindo automóvel.

Tradição e modernidade se misturam. Os valores surgidos pelo capitalismo industrial se espalharam porque são chamativos e tentadores, possibilitando uma diversificação de gostos para a escolha.

Parker (1996:98) analisa a urbanização e o ressurgimento religioso mostrando que a mudança na cosmovisão tradicional do camponês acontece pelo desmoronamento do seu mundo agrícola tradicional. “o modo de produção capitalista urbanizante vai estendendo sua influência cultural em todos os âmbitos da vida, na medida que vai penetrando em cada sociedade.”

O *mistério* no campo religioso e o *arbitrário* no campo profano, confrontam-se na modernidade, fazendo com que o primeiro fique à margem, escondido para se manifestar especialmente no santuário.

João da Silva, de São José de Mossâmedes, depõe sobre a demora da viagem quando ia ao santuário com seu carro de boi. Ressalta a importância do automóvel que gasta apenas duas horas em comparação com cinco dias e cinco noites no carro de boi. O mesmo vai ao santuário porque o Divino Pai Eterno atende os seus pedidos. Ao mesmo tempo faz a sua observação sobre os romeiros em geral: “Prá mim alguns vão pra cumprir promessas, outros pra mostrar seus carros bem traiados. Mas, pra quem vai de automóvel ou carro de boi é a mesma coisa. O que importa prá o Divino Pai Eterno é a fé.”

A vida do romeiro é consumada no santuário, o lugar da festa essencial. Numa realidade mágica e divina ao mesmo tempo o camponês e o citadino, o fazendeiro e o peão, jovens e adultos, crianças e idosos, mendigos e abastados se misturam. A romaria tem um objetivo em sua mobilidade de tornarem explícitas suas diversidades e defenderem seus valores, sejam eles tradicionais ou modernos, conforme as mudanças que vão ocorrendo. Por isso, seja para o carreiro ainda ligado aos costumes rurais, seja para o homem urbano que optou por uma realidade inovadora, o santuário é o lugar de parada, descanso, meditação e oração, de agradecimento e solicitação, o lugar da festa. Aí se consome uma caminhada na romaria que representa a vida toda.

Ao agradecer um milagre ou pagar uma promessa o romeiro deposita aos pés do Divino Pai Eterno toda a sua confiança e esperança de que a vida será melhor.

O trabalho, para o homem do campo, torna-se um ritual porque acredita que o sucesso da colheita depende das graças derramadas pelo Divino Pai Eterno e também pelas bênçãos da Virgem Maria. Quando o agricultor colhe arroz, feijão, milho, alimentos básicos para o sustento, isso significa a continuidade da própria existência.

Os trabalhos desenvolvidos do homem da cidade no comércio, em órgãos públicos ou desempregados vendendo bugigangas nas feiras ou nas esquinas das avenidas centrais caracterizam a diferença da visão de mundo em realidades diversas.

O tempo utilizado na caminhada dos carreiros estende-se segundo a sua fé ainda mágica. O Divino Pai Eterno é que cumula seus filhos de bens, conforme

a sua fidelidade. O trabalho manual tem sentido à medida que Deus concede ao homem as condições para a produção.

Os romeiros que residem na cidade têm pouco tempo para participar da festa. Vão à novena à noite e voltam para as suas casas. Têm uma visão mais crítica da realidade. Compreendem a importância da misericórdia de Deus e são conscientes da importância do trabalho e da produção material.

3.6- A MÚSICA

O sr. Joviano, de Ordália, lembra a importância da música:

“ Ao ouvir a música vem Uma animação, uma saudade tão forte que nem mesmo a doença faz a gente desanimar.”

O Sr Joviano conta que na romaria passada estava resfriado e não resistiu a partida dos seus companheiros carreiros. Quando chegou a Trindade estava bom. A viagem torna-se alegre e divertida porque se desprende das normas familiares. A medida que rezam e cantam eles voltam ao tempo da infância ou da adolescência, brincando, contando histórias

Existem músicas que caracterizam a peregrinação e a festa contemplando o mistério da Santíssima Trindade e a Virgem Maria.

Somos povo de Deus caminhando

Para a luz da Trindade sem véu

Se a Trindade aqui vimos rezando

Somos todos romeiros do Céu. (bis)

(Valter José)

Na primeira estrofe o compositor que é também escritor e intérprete trabalhando para o santuário a mais de dez anos, apresenta simbolicamente o significado da romaria. A palavra *caminhar* é fundamental porque especifica a maneira de se chegar até o santuário, o lugar do mistério. Caminhar é deslocar-se de uma estado de vida para outro. É através da caminhada que o romeiro se torna humilde, sofredor, como se tivesse carregando uma cruz. O sacrifício no percurso, o cansaço, as orações, o silêncio, as longas distâncias são meios de amenizar o sofrimento da vida. Ao chegar ao santuário depositam os sacrifícios aos pés do Divino Pai Eterno e saem mais aliviados. A Santíssima Trindade representa para o romeiro cansado e desanimado uma luz que brilha mostrando-lhe um novo caminho ou iluminando-lhe a mente para seguir um caminho e dar sentido à vida.

A oração é própria daquele que se desloca em direção ao mistério. É o confronto do humano com o mistério que faz tomar nova direção. A alegria que brota no rosto do romeiro é uma consequência da experiência ou do encontro com o mistério. Esse encontro leva o peregrino a acreditar que somos romeiros do Céu.

Pelo Espírito Santo guiados

Demandamos à casa do Pai

Para nós em Deus Filho irmanados

Uma voz vem do céu, caminhei.(bis)

(Valter José)

Mediador entre o céu e a terra, o Espírito Santo é o guia do romeiro que caminha em direção ao santuário, em busca do mistério. Deus Filho é aquele que representa na terra a vontade do Pai Eterno. Deus Filho se fez homem, passando a sentir as fraquezas humanas, tornando-se simples e pobre no meio dos pobres. Mas foi desacreditado, embora sendo Deus não se exaltou, mas se humilhou até a cruz. O Pai é que representa o mistério, falando através do Filho e enviando o Espírito renovador da humanidade.

A voz que vem do céu é sempre poderosa e ordenadora. O romeiro está sempre atento a ela e, por isso, é capaz de se sacrificar. Em sua fala está sempre vivo um agradecimento ou pedido: “ Obrigado meu Divino Pai Eterno,” ou: “Eu te peço meu Divino Pai Eterno.”

Vendo a Virgem coroada na Glória

Junto a Deus no seu trono de luz

Comprendemos que a nossa vitória

É conquista de amor pela cruz. (bis)

(Valter José)

Maria é coroada pelo mérito de ser mãe de Jesus. Foi a escolhida entre todas as mulheres. Pela descendência de Davi, ela representa um estilo tradicional moral fechado. A concepção de Jesus aconteceu através do mistério e foi um anjo que a anunciou. Houve dúvidas, mas o mistério foi mais forte levando José a compreender e aceitar Maria como sua esposa.

É venerada como rainha dos pobres e marginalizados; apareceu a um índio no México para defender a cultura que estava em extinção. Apareceu no Rio Paraíba, em São Paulo para defender a cultura dos negros escravos no Brasil. Apareceu juntamente com o Pai e o Filho, sendo coroada em um medalhão de barro, em Barro Preto, Goiás, hoje Trindade, em defesa dos agricultores abandonados no sertão. Maria, juntamente com a Trindade Santa, representa a vitória sobre a morte, caminhando com seu Filho até a cruz.

A ressurreição é o momento forte da vitória sobre a morte e caracteriza-se pela celebração da festa. A cruz é apenas uma passagem na caminhada. O sacrifício durante o deslocamento tem sentido enquanto dá forças e esperança para a chegada.

Maria representa também o sagrado quando no Apocalipse é venerada como a rainha que tem a lua sobre os pés e uma coroa de doze estrelas, lembrando as doze tribos de Israel, sinal de esperança, de vida e libertação de um povo escravo.

Nossa fé testemunho profundo

Alimenta-se em Graça e oração

Consagrar para Deus este mundo

Há de ser nosso anseio cristão (bis)

(Valter José)

O que dá forças para os romeiros é a fé profunda no Divino Pai Eterno. O testemunho garante a perseverança do cristão. É como um

Suporte que dá forças para conduzir a cruz de cada dia.

A oração é o alimento espiritual para o romeiro permanecer em sintonia com o espaço sagrado, mesmo tendo que conviver com o profano.

A consagração ao Divino Pai Eterno é realizada no final de todas as missas como um compromisso de fidelidade e seguimento de Jesus Cristo que se torna humano embora sendo divino.

A música transforma o ambiente; às vezes monótono dos romeiros e através dela eles relembram os antepassados, fantasiam o presente e projetam um futuro sonhador. O carreiro carente de sentido vibra com as músicas sacras dedicadas ao santo querido, Divino Pai Eterno, e à Virgem Maria.

Maria foi proclamada *Imaculada Conceição*, em 1950. Esse dogma fortaleceu a devoção mariana em todo o mundo motivando as peregrinações que crescem cada vez mais.

Imaculada, Maria de Deus

Coração pobre acolhendo Jesus

Imaculada Maria do povo

Mãe dos aflitos que estão junto a cruz

(*Filho e Fabretti*)

A música, *Imaculada, Maria de Deus* enfatiza o dogma da *Imaculada Conceição* apresentando uma mulher simples, sem mácula, exemplo do sagrado para a humanidade permeada de sinais de morte e violência. *Maria de Deus e do povo* ao mesmo tempo mostra o poder de intermediação entre o sagrado e o profano.

Àqueles que caminham para o santuário são pessoas aflitas carregando as suas cruces: muitos desempregados passam necessidades em suas famílias, os agricultores carreiros vivem abandonados dos poderes políticos e econômicos que

não priorizam mais a agricultura como um meio de negócios e fazem seus investimentos no setor de indústrias.

Um coração que era SIM para a vida

Um coração que era SIM para o irmão

Um coração que era SIM para Deus

Reino de Deus renovando este chão.

(Filho e Fabretti)

O sim é atribuído à Maria pela humildade em aceitar ser a mãe de Jesus. O sim de Maria contribui para que o reino de Deus seja sinal de renovação entre as pessoas que acreditam na Santíssima Trindade. O coração é analisado biblicamente como o centro da vida. Pelo coração passam todos os sentimentos, caracterizando a experiência do mistério. É pela sensibilidade que se atinge o mistério.

Olhos abertos pra sede do povo

Passo bem firme que o medo desterra

Mãos estendidas que os tronos renegam

Reino de Deus que renova esta terra

(Filho e Fabretti)

A renovação que Maria propõe é de elevar os humildes e destronar os ricos e poderosos. Maria apresenta-se angustiada com a pobreza e sofrimento, por isso se coloca ao lado dos marginalizados e oprimidos.

Faça-se ó Pai vossa plena vontade

Que os nossos pecados se tornem memória

Do amor fiel que Maria gerou

Reino de deus atuando na história.

(*Filho e Fabretti*)

Maria representa a fidelidade humana ao Divino Pai Eterno. Os pecados serão lembrados como momentos da história que marcou a humanidade. porém o momento é de regozijo e festa pelo reino de Deus que renova a terra.

A música traz um significado especial para completar a festa na romaria e especialmente no santuário. É através do canto acompanhado por gestos, levantando as mãos e folhetos que os romeiros transcendem-se unindo seus espíritos à Trindade Santa. O ritual é fundamental na aproximação da humanidade à divindade.

3.7- *O RITUAL NA FESTA*

Analisando-se o ritual a partir do conceito de catolicismo oficial e catolicismo popular percebe-se que as celebrações que contêm rituais estão fundamentadas no ritual romano oficial.

No Compêndio do Vaticano II, *Sacrosantum Concilium sobre a Sagrada Liturgia* (1995:270 n. 157), fala-se da importância de manter a *sã tradição* e uma investigação teológica, histórica e pastoral para obter-se um *progresso* na renovação da liturgia de acordo com as diversas culturas, línguas e costumes.

A renovação prescinde da tradição e do mistério que se escondem através dos atos litúrgicos. A idéia central é que a majestade de Deus deverá ser adorada pelo homem. Deus continua falando à humanidade através dos sinais

nos sacramentos, através do próprio homem que transmite a sua palavra inspirada pela Bíblia Sagrada.

Em Trindade, o santuário do Divino Pai Eterno localiza-se no alto em , destaque. As mudanças ocorridas a partir da descoberta da medalha de barro, foram muitas. O santuário foi ampliado de acordo com o aumento do fluxo de romeiros. O altar foi recentemente reconstruído e localiza-se no centro do santuário, o que possibilita melhor comunicação com a multidão que o cerca durante a festa e aos domingos pela manhã. As túnicas, estolas e capas usadas durante os cultos caracterizam o ritual romano. O missal romano acompanha o sacerdote em suas celebrações dominicais.

Durante a festa a coordenação prepara um texto especial de acordo com o tema que se diferencia a cada ano conforme com o planejamento da Igreja do Brasil e da Arquidiocese de Goiânia. No ano 2000 reflete-se o tema: “A Santíssima Trindade é a melhor comunidade.”

A pastoral conduzida em Trindade está em fase de renovação, conforme proposta do Concílio Vaticano II, embora ainda conserve o essencial da tradição romana.

O *carisma* redentorista favorece a aproximação do clero com os leigos por trazer como norma principal o acolhimento e a misericórdia aos mais pobres e abandonados a partir do Cristo Redentor.

Entre a romaria dos carreiros e as missas celebradas no Santuário há um fator que caracteriza e diferencia o estilo popular do estilo oficial.

Na romaria de São José de Mossâmedes, desde o início, as famílias reúnem para a celebração retirando os aspectos do rito que dificultam o entendimento e a participação dos fiéis.

Na casa do sr Tota, a celebração de abertura foi simples. De uma forma espontânea, de pé, fizeram um momento de silêncio para a interiorização. Em seguida fez-se o sinal da cruz e, logo após uma leitura bíblica, deixando a reflexão espontânea. Estas foram dirigidas com mais intensidade pelos participantes, na expectativa de uma boa caminhada. Enfim, de mãos dadas rezaram um pai nosso e uma ave Maria pedindo a proteção do Divino Pai Eterno. A bênção final foi pedida em conjunto, traçando o sinal da cruz e terminando com o tradicional amém.

A partir do primeiro pouso, os monges de Goiás reuniram-se aos carreiros. A partir daí as celebrações tornaram-se mais ritualizadas, com um modelo que se adaptou à realidade popular. Retirando do ritual romano os mesmos criaram fórmulas simples e fáceis de compreender adaptando-as ao momento existencial da caminhada. A maior parte do ritual foi cantado por dois monges que tornou a celebração mais festiva. Além dos cantos de entrada, ato penitencial, salmo, aclamação do Evangelho, ofertório, comunhão e final, os monges cantaram o prefácio e a consagração do pão e do vinho até no momento da elevação e da transubstanciação (transformação do vinho no sangue e do pão no corpo de Jesus Cristo). Essa mudança torna-se realidade pela fé no mistério que é revelado pelo Divino Pai Eterno.

No momento da homilia, ou sermão, conforme a tradição da Igreja Católica, a explanação é feita de maneira acessível. Após uma explicação breve sobre o sentido das leituras e da caminhada reserva-se um momento para cada participante agradecer ou relatar alguma graça alcançada. É o momento mais interessante da celebração quando expressam publicamente os milagres alcançados e o sacrifício que fazem pela fé no Divino Pai Eterno e a esperança de chegarem bem ao

santuário, A celebração é breve em respeito ao cansaço dos carreiros. Geralmente quando terminam, muitos ficam conversando assuntos profanos,, rindo e contando os fatos que ocorrem durante o dia. Alguns, sonolentos, retiram-se em silêncio, ainda meditando sobre as orações e a palavra bíblica.

A romaria dos carreiros pode ser comparada a uma festa através do encontro de famílias que não se viam a um ano ou mais. A algazarra e as brincadeiras são manifestações de alegria pelo encontro. Nas pousadas, após a celebração religiosa os homens e as mulheres se separam para conversarem reservadamente. As mulheres recordam os outros anos que caminharam juntas, lembram das diferenças que vão surgindo e compartilham-se os acontecimentos mais íntimos.

Os homens inventam brincadeiras e mostram o poder e a masculinidade, contando quantas mulheres tiveram no passado. É o momento de apresentar a traia de bois e propor algum negócio. Muitos trocam cavalos e até a tralha toda.

O ritual utilizado nas celebrações da romaria dos carreiros de São José de Mossâmedes tem uma característica peculiar da Diocese de Goiás, da renovação e tendências assumidas pelas lideranças. As orações e os símbolos ligam-se à realidade existencial dos carreiros e dos moradores da região de Goiás e de São José de Mossâmedes. Os pedidos e agradecimentos se dirigem aos empobrecidos daquela região caracterizando a coerência com as diretrizes da igreja latino americana e da Diocese local que se fundamentam na opção preferencial pelos pobres.

1.8- A SIMBOLOGIA NA FESTA

Geertz (1989:134) refere-se aos objetos de culto cercados por sentidos de “profunda seriedade moral: o sagrado contém em si mesmo um sentido de obrigação intrínseca.” O autor lembra, numa discussão antropológica recente, aspectos morais (e estéticos) de uma dada cultura resumindo os aspectos valorativos no termo *ethos*, enquanto os aspectos cognitivos, existenciais foram designados pelo termo *visão de mundo*.

A religião está implícita e, em parte explícita pelo sentimento. Há a necessidade da utilização dos símbolos para se tornarem claros os significados.

O santuário de Trindade, centro de expressão religiosa bem característica das pessoas humildes. Para lá dirigem-se centenas de carreiros em uma demonstração da religiosidade popular em fase de crescimento na passagem para o terceiro milênio.

Brandão (1989:8), analisa a importância do lugar simbólico: na festa: onde cerimonialmente separam-se o que deve ser esquecido e, por isso, em silêncio não-festejado e aquilo que deve ser resgatado da coisa ao símbolo, posto em evidência de tempos em tempos, comemorando, celebrando.”

A simbologia na festa da Santíssima Trindade em Goiás torna-se visível segundo os diversos estilos de romarias.

A época, final do mês de junho e início de julho marca o período da colheita dos alimentos básicos para o sustento das famílias residentes na área rural: em maio colhe-se o arroz e junho o milho. Muitos

romeiros fazem promessas contando com a produção, reservando uma porcentagem da mesma para a prática da caridade aos portadores de deficiências do São José Bento Cotolengo. Para o agricultor a festa de Trindade realiza-se no tempo certo de descanso daquele que lavra a terra e precisa de um descanso do trabalho e de comemoração de mais um ano de trabalho.

A simbologia na romaria dos carreiros, caminhando para o santuário é marcada, conforme já foi lembrado, entre o profano e o sagrado. Para aqueles carreiros que vão em Trindade pela fé no Divino Pai Eterno, o carro, os bois e todo o material utilizado na romaria, embora tenha características profanas são considerados como presente de Deus. A visão tradicional católica ainda predomina na mente dos carreiros de que tudo o que se tem foi graça (presente) de Deus que tudo criou. Essa visão tem origem no primeiro livro da bíblia (Gêneses), quando, em forma de história explica a origem do universo em sete dias. A mesma visão apresenta um Deus obreiro, que trabalha e descansa no sétimo dia. Os cristãos católicos guardam o domingo como um preceito, com base na mesma tradição. A festa em Trindade termina no primeiro domingo de julho, com procissão, missa campal, muita música, fogos de artifício, com vivas ao Divino Pai Eterno e à Virgem Maria.

No último domingo da festa, a cidade fica repleta de romeiros em recolhimento e mediação diante daquele que é o Senhor, criador da vida.

Por outro lado, milhares de romeiros trabalham como se fosse dia da semana. O comércio é intenso em toda a cidade. A ganância pelo lucro é o reflexo do capitalismo selvagem e da ideologia da alienação herdada de Marx. Muitos comerciantes trabalham para a sobrevivência, mas existem aqueles que acumulam riquezas.

O comércio ambulante, em maior quantidade, fica exposto dia e noite, enquanto existem pessoas nas ruas, na esperança de vender mais e conseguir lucro além das taxas que pagam de aluguel à prefeitura.

No último sábado da festa chegam romeiros durante toda a noite. Pela madrugada fria ajuntam-se milhares de pessoas enroladas em cobertores vencidas pelo cansaço, deitadas no chão ou nas calçadas. Dentro do santuário os bancos ficam cheios de romeiros que chegam com as pernas cansadas e os corpos exaustos pela caminhada.

O santuário do Divino Pai Eterno, é o símbolo mais expressivo, enquanto contém a imagem da Santíssima Trindade coroando a Virgem Maria.

1.9- OS VITRAIS

Os quadros pintados nos vitrais da parte interna do santuário de Trindade lembram a construção das grandes catedrais medievais na França, Inglaterra, Alemanha, Áustria, Espanha e outros países europeus.

Seguindo o mesmo estilo europeu o Santuário do Divino Pai Eterno foi contemplado através do projeto catequético coordenado pela própria administração elaborado artisticamente pelo artista plástico Silvio Ferigatto residente em Brasília e produzidos pela firma *Le Vitrail* da cidade de Itu, São Paulo.

Serão elencados apenas aqueles vitrais que explicam o sentido do santuário, o lugar essencial da contemplação e da peregrinação.

O encontro do medalhão: por volta de 1840, Constantino Xavier e sua mulher Ana Rosa encontraram o medalhão de barro enquanto cultivavam a terra. Ao encontrá-lo beijou-o com reverência a imagem da Santíssima Trindade coroando a Virgem Maria.

O carro de boi: lembra a tradição mantida pelos sertanejos. O carro de boi foi utilizado como um dos mais importantes transportes quando não existia o automóvel. A presença dos carreiros romeiros na festa de Trindade é marcante enquanto define a resistência dos carreiros na tentativa de preservar seus valores que são reinventados através da modernidade. Deus Pai apresenta-se no alto abençoando os carreiros.

A chegada dos missionários redentoristas: com muita dificuldade, em 1894, o Bispo Dom Eduardo Duarte Silva foi à Roma viajando até a Alemanha onde conseguiu alguns missionários redentoristas para *“cristianizar a romaria de Barro Preto.”*

O anjo do Senhor anunciou à Maria: nos mostra o início de um novo tempo, o tempo da libertação. Maria, uma mulher humilde é anunciada que será a mãe de Jesus, o Salvador da humanidade.

Jesus proclama as Bem-Aventuranças: Jesus se apresenta como um novo Moisés, na montanha proclamando a vontade do Pai Eterno que é libertar o homem e a mulher de todo o tipo de opressão.

Instituição da Eucaristia: na última ceia Jesus se despede dos apóstolos partilhando o pão e o vinho que serão transformados em seu próprio corpo e sangue.

Nossa Senhora é elevada ao Céu: é tradição da fé popular a Assunção de Nossa Senhora, isto é, Ela foi elevada ao Céu em seu corpo e alma. O Papa Pio XII no dia primeiro de novembro de 1950 proclama essa verdade de fé.

Salvo das garras de uma onça: por volta de 1913 através do relato no “Manual do Devoto da Santíssima Trindade” em sua terceira edição de 1925, conta-se que cinco homens resolveram caçar uma onça daninha nas proximidades de “Goiabeira”, hoje (Inhumas). Ao encontrar a fera Jerônimo atirou, mas errou. A onça avançou contra Jerônimo ferindo-o. Ao lchamar pelo Divino Pai Eterno a onça imediatamente o deixou atacando seu companheiro e matando-o Jerônimo foi salvo pela proteção da Santíssima Trindade.

A festa do Pai Eterno no Santuário: este foi projetado em 1943 para abrigar dez mil pessoas. Hoje a festa reúne centenas de milhares de pessoas. As celebrações nos três últimos dias da festa são realizadas num pátio preparado especialmente para a multidão.

O quadro de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro foi entregue aos missionários redentoristas em 1866 pelo Papa Pio IX que afirmou: “**tornai-a conhecida no mundo inteiro.**”

A imagem do Divino Pai Eterno: restaurada pelo artista plástico Veiga Vale caracteriza o Amor e a Vida Plena através da unidade entre Pai, Filho e Espírito Santo coroando a Virgem Maria.

O Santuário: espaço sagrado ocupado por milhares de peregrinos que caminham em busca de mudanças para as suas vidas através da fé e da busca de benefícios que são alcançados.

Eliade (1998:299) refere-se à construção do espaço *sagrado* pela revelação. Na pg 303 o mesmo afirma: “As cidades e os lugares santos são assimilados aos cumes das montanhas cósmicas. Por isso Jerusalém e Sião não foram submersas pelo dilúvio.”

O budismo origina-se de um” cume central e transcendente...” por sua vez “Buda torna-se contemporâneo do começo do mundo.”

A tradição mesopotâmica ensina que o homem foi feito no *umbigo da terra*.. um lugar do encontro entre o céu e a terra. O paraíso na visão bíblica é apresentado como o centro da terra, o lugar onde Adão foi criado a partir do barro.

As origens do santuário de Trindade estão ligadas ao valor da terra necessária como fonte da vida.

A devoção à Maria, chamada pelos padres redentoristas de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro cresce cada vez mais. É considerada padroeira das missões redentoristas

Em 1866 o Papa Pio IX entregou aos Redentoristas o quadro milagroso de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro pedindo que a tornasse conhecida em todo o mundo o quadro de origem oriental-grega era venerado na Ilha de Creta e foi levado à Roma em 1497 e entronizado na Igreja de São Mateus, sendo venerado por trezentos anos. Em 1798 a igreja foi destruída pelas tropas francesas que

invadiram Roma e o quadro foi guardado durante setenta anos. Os redentoristas construíram uma igreja próxima àquela destruída. “ No dia vinte e seis de abril de 1866, o quadro foi levado em procissão para a Igreja de Santo Afonso. Este foi o início de uma série interminável de ações de graças, não só em Roma, mas em todo o mundo onde os redentoristas prestam o seu serviço pastoral, proclama-se a bondade da Mãe do Perpétuo Socorro.” missionários redentoristas (1998: 26,27).

A quantidade de santuários marianos vem crescendo no Brasil confirmando a prática da devoção popular tendo a Virgem Maria em diversos títulos como Mãe de Deus e nossa.

Na América Latina destacam-se os santuários marianos: Nossa Senhora de Guadalupe, no México, representando a cultura indígena exterminada e excluída pelo sistema racional ocidental; o santuário de Nossa Senhora Aparecida no Brasil representando especialmente a raça negra escrava até o fim do século XIX. A sua imagem retrata uma realidade de opressão do sistema imperial no passado e hoje no sistema *democrático* às injustiças da corrupção e da ganância pelo acúmulo de bens materiais que levam milhões de brasileiros ao empobrecimento, ao desemprego, à fome e à exclusão social.

Em Goiás, foi num pequeno povoado Muquem a beira do Rio Tocantins destaca-se a devoção à Nossa Senhora da Abadia que cresce também em Minas Gerais numa área rural chamada de *Água Suja*.

Em Goiânia, será proclamado em setembro de 2000, o santuário de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro (Matriz de Campinas), assim conhecido desde 1994, quando chegaram os primeiros Missionários Redentoristas da Alemanha.

O novo santuário se caracteriza através do atendimento pastoral dos padres redentoristas especialmente nas terças feiras. Desde as seis horas da manhã até as

vinte horas padres e seminaristas se intercalam em 16 horários de celebrações das tradicionais novenas perpétuas. Com cânticos populares, orações e gestos a Igreja Matriz, fica repleta de romeiros peregrinos vindos, especialmente das periferias de Goiânia e, também, das cidades do interior.

Uma característica essencial dos redentoristas é marcante no novo santuário: as confissões individuais e aconselhamento aos milhares de sofredores que buscam na pessoa do sacerdote o perdão e palavras de animação e esperança

A Virgem Maria sendo coroada na imagem da Santíssima Trindade representa simbolicamente a mulher- mãe vitoriosa juntamente com seu filho Jesus. A imagem da Santíssima Trindade no santuário tornou-se o grande símbolo da fé, que mobiliza uma multidão cada vez maior a cada ano que passa.

Os últimos dias da festa, Sábado e domingo caracterizam-se pela diferença simbólica entre aquelas pessoas que vão pela fé e participam das missas, confissões e novena e os que vão para o trabalho comercial com a finalidade de ganhar dinheiro ou atender outras necessidades individuais e coletivas. A festa tem um sentido abrangente que vai além da dimensão religiosa. Enquanto acontecem os cultos com símbolos próprios para os rituais nas celebrações nas ruas, da cidade as ofertas de materiais diversos, as exposições teatrais, as músicas de maior sucesso e as brincadeiras com cobras falsas de borracha, as apresentações de duplas sertanejas e todo o tipo de criatividade para conquistar os compradores é utilizado.

Como afirma Brandão (1989:9), durante a festa provoca-se a exceção da lógica e ao ritual da *transgressão*: Aqueles que tanto trabalhar durante todo o ano, plantando, zelando e colhendo os alimentos, durante a festa mudam de atividades que consideram descanso, pois rezar é motivo de privilégio. Ir ao santuário uma

vez por ano torna-se um ato de grandeza para os que acreditam na Santíssima Trindade.

O real se transforma no mistério. Nessa experiência os romeiros não se cansam, pelo contrário encontram forças para se reanimarem e continuarem a vida.

O sentido da festa eleva a todos os romeiros que buscam uma solução para os problemas cotidianos. Enquanto o comerciante procura negociar os seus objetos aumentando o poder de investimento no sistema capitalista, centenas de mendigos participam da festa numa outra dimensão: a procura de alimentos para matarem a fome. Em vez de ocupar o espaço interno dos santuários velho e novo, se colocam-se em frente aos mesmos, onde passam os fiéis. A finalidade deles é única: Trata-se da própria sobrevivência. Muitos encontram-se doentes, acamados ou nas cadeiras de rodas. É comum durante a festa encontrar crianças pedindo esmolas a mando dos pais.

O cenário mais emocionante de toda a simbologia da festa localiza-se em frente aos santuários. Enquanto muitos arriscam a própria vida viajando de longa distância, sem proteção e, na maioria das vezes marginalizados pela própria sociedade, outros são carregados por parentes ou ficam à mercê de pessoas caridosas que as ajudem a deslocam-se para Trindade durante o período que ali permanecem, comemoram quando ganham dinheiro ou alimentos. Têm certeza de que o Divino Pai Eterno não deixará faltar-lhes alimentos e dinheiro para as passagens e, até para sal dar dívidas por ocasião do retorno.

Ao mesmo tempo que a mendicância representa as condições políticas e sociais do Brasil caracterizando as diferenças demarcadas pelo sistema capitalista, dá oportunidade de tornar real a prática cristã da caridade: *Dar o pão a quem tem fome.*

1.10- O SENTIDO RELEVANTE DA FESTA

O santuário pela localização representa o centro do mundo para aqueles que acreditam e torna-se marcante pelo sentido transcendental.

Ao se deslocarem de diversas regiões do globo todos os crentes caminham em uma mesma direção: homens, mulheres, crianças, sadios, doentes, em sua maioria empobrecidos, com os rostos cansados em busca de sentido para viverem. Em Trindade Goiás, aos milhares, chegam ao santuário do Divino Pai Eterno, para adorá-lo em sua plenitude e misericórdia. O reconhecimento pela fragilidade humana faz o romeiro prostrar-se diante da divindade num sentimento confuso de arrependimento pelas atitudes profanas. O santuário torna-se para os romeiros um lugar especial de encontro da humanidade com a divindade. Carente de transformações interiores fazem sacrifícios desde a saída de suas casas. Um grande número de romeiros caminha a pé longas distâncias, outros vão com carros de bois fazendo a experiência do desconforto, no frio e na poeira.

A fé no mistério eleva os caídos, cura os doentes, enche de bens os famintos e alegra os tristes.

Para tantas pessoas que já não têm perspectivas de uma liberdade maior ou nem sequer sonham com um futuro melhor, ir ao santuário é motivo para renovarem-se. A alegria renasce nos corações e nas mentes dos romeiros dando-lhes um novo sentido e elevando-os até aquele que consola e conforta diante das tristezas, o Divino Pai Eterno.

A incerteza e a insegurança do homem do campo e das periferias das cidades é cada vez mais intensa. São os despojados de bens materiais que trabalham para a sobrevivência na incerteza se continuarão empregados. Uma multidão vaga nas ruas das grandes cidades em busca de um emprego, muitos são

doentes ou deficientes físicos e mentais. Muitas doenças são consequências da acumulação do capital provocada pelo capitalismo que cresce em nível global.

O santuário durante a festa transforma-se em um cenário da realidade brasileira. As dimensões social, política, econômica, cultural e religiosa se confrontam numa realidade de verdades e ilusões. Verdades para os que acreditam e atribuem um novo sentido para as suas vidas. Ilusões para os que não procuram a divindade como um meio de renovação das esperanças, mas vão à festa apenas para trocar objetos por dinheiro (comerciantes), ou para matar a fome (mendigos).

A realidade que cerca o santuário faz lembrar o sistema político que se distancia cada vez mais do povo. Na maioria das vezes os governos são movidos por interesses da classe média ou da elite deixando os pobres à margem. Os projetos sociais ainda não são considerados pelas instâncias de governo como prioridade nacional. Em Trindade, cidade que recebe pessoas de todos os recantos do Brasil, o prefeito e vereadores preparam uma recepção calorosa aos romeiros deixando uma boa impressão. Nas vésperas da festa os funcionários da prefeitura trabalham redobrado para deixar a cidade bem limpa. Nas avenidas diversas faixas são fixadas com a finalidade de divulgar o trabalho do prefeito e da câmara de vereadores. Destaca-se, nas faixas as boas vindas aos romeiros à “capital da fé” e as obras realizadas pelas autoridades políticas locais.

A presença dos romeiros no santuário caracteriza-se, também, pela miscigenação racial brasileira. Uma quantidade maior de brancos seguida por um número bem menor de negros e alguns índios “civilizados,” muitos mestiços e poucos mamelucos.

O sistema religioso da festa. Destaca-se o catolicismo, mas é comum encontrar grupos evangélicos apresentando peças teatrais nas praças e locais mais espaçosos. Algumas lojas de imagens próprias para a manifestação dos cultos afros são encontradas. Tais manifestações são ainda realizadas às escondidas, pela discriminação que existe. A macumba geralmente acontece pela madrugada. Acendem velas para uma divindade, matam galinha preta e são ingeridas bebidas fortes para o transe. Numa diversidade de crenças torna-se natural a presença de pastores com prédicas na tentativa de convencer alguém.

O catolicismo popular é central enquanto crença numa divindade, durante a festa em Trindade.

O encontro da divindade com a humanidade é o momento forte. Faz com que o pecador se sinta renovado através de atitudes concretas: a purificação pela confissão ou pela paga da dívida se arrastando pelas calçadas do Santuário, ou entregando na Sala dos Milagres um quadro com uma foto, ou na participação fervorosa de uma missa e depositando no cofre uma esmola para o Divino, visitando os portadores de deficiência no internato São José Bento Cotelengo e fazendo uma doação.

A prática das obras em consequência da fé torna-se fundamental para os romeiros em Trindade.

O santuário, em fase de crescimento é, também, centro de evangelização dos mais abandonados. Sua renda financeira destina-se especialmente à própria manutenção e formação de novas vocações sacerdotais e religiosas da Arquidiocese de Goiânia e da Congregação do Santíssimo Redentor da Província de Goiás.

A missão de evangelizar os pobres e ser evangelizados por eles é um dos lemas dos padres redentoristas nos últimos anos. Este sentido marca a aproximação do clero aos leigos num estilo simples de pregar a Boa Nova, o Evangelho. Há uma aproximação da dimensão oficial ao popular desde que a iniciativa parte daqueles que se intelectualizaram e se distanciaram do povo. A volta aos humildes causa uma alegria imensa, pois resgata o sentido da fraternidade e do reconhecimento dos direitos dos leigos na Igreja.

O *carisma* redentorista vem se renovando a partir do Concílio Vaticano II, abrindo espaços para a participação de pessoas, formando grupos de leigos e leigas redentoristas. A congregação no mundo inteiro se lança diante de desafios atuais: a ousadia de enviar missionários para terras distantes é bem atual. Os redentoristas no Brasil decidiram enviar três missionários no próximo ano para as Ilhas do Suriname, região de miscigenação entre índios e africanos empobrecidos e colonizados por países desenvolvidos. Cada vez mais os para a igreja dos dias atuais.

A Arquidiocese de Goiânia faz-se presente no santuário com suas diretrizes elaboradas destacando-se as Comunidades Eclesiais de Base (CEBS) os excluídos e a formação da família e da juventude. Na preparação da décima Assembléia arquidiocesana para o Ano 2000 a ser realizada nos dias: 1, 2 e 3 do mês de dezembro. Segundo o Arcebispo Metropolitano Dom Antônio Ribeiro de Oliveira as mesmas prioridades pastorais serão As regiões pastorais juntamente com o Arcebispo supracitado fazem-se presentes levando os símbolos locais para as celebrações da novena que antecede a festa. Nas celebrações destacam-se, além da presença dos sacerdotes e religiosas, os leigos e leigas que participam ativamente das orações, leituras e encenações

O santuário é, também, símbolo essencial do jubileu do ano 2000 celebrado pela Igreja católica em todo o mundo. A celebração jubilar acontece através das peregrinações de congregações religiosas, romarias com a presença de todas as paróquias organizadas em regiões, com suas pastorais e movimentos juntamente com o Arcebispo Metropolitano que celebra a Eucaristia em agradecimento pelos dois mil anos do nascimento de Jesus Cristo.

A igreja oficial, na Idade Média, por ficar vinculada ao poder imperial defendeu a autoridade como o símbolo da presença de Deus na terra, com menos atuação no campo profético.

Na atualidade o conservadorismo na América Latina vem sendo precionado cada vez mais, pela situação de pobreza e fome de milhões de homens e mulheres desempregados e excluídos. Vai se tornando cada vez menos acreditável uma prática pastoral desligada dos problemas sociais, se a finalidade essencial da Igreja é manter a “opção pelos empobrecidos” a nível de América Latina.

A presença dos romeiros no Santuário de Trindade vem crescendo, também, pela adaptação dos padres redentoristas em traçar um projeto pastoral cada vez mais descentralizado, incluindo a participação dos leigos. O investimento na formação dos leigos tem sido uma das metas do atual reitor, padre Vicente André de Oliveira e do pároco, padre Geraldo Teixeira Borges, priorizando a catequese dos romeiros que, em grande quantidade cumprem promessas de fazer sacramentos no santuário.

As tentativas de mudanças do século XV ao XX foram restritas, se intensificando a partir dos anos sessenta deste século.

A peculiaridade político-religiosa da Europa e América Latina continuam marcantes nas transformações ocorridas e ocorrentes.

Portanto, as influências de um catolicismo oficial conservador torna-se menos determinante. Isso acontece na medida em que o clero é coordenado por um Arcebispo com visão de mundo atualizada. Para a integração do catolicismo numa sociedade diversificada, num contexto de América Latina, exige-se do poder institucional uma aceleração das mudanças iniciadas especialmente através do Concílio Vaticano II. Na medida que se integram o oficial ao popular reconhecendo seus valores de origem cultural-religioso vão corrigindo as distâncias, o tipo de poder exercido e as divergências. Para isso é preciso intensificar as instâncias de diálogo e a coragem para assumir as mudanças necessárias que a sociedade brasileira exige.

CONCLUSÃO

Vivendo, se aprende; mas o que se aprende, mais, é só a fazer outras maiores perguntas. (Grande Sertão Veredas Guimarães Rosa).

Quando vive-se o que se faz e o exercício de pensar e analisar vêm em seguida não se tem dúvida de que existe uma integração entre teoria e prática. Na construção de um pensamento coerente, a partir da fala e de ações humanas remete-se a seguinte comparação: Assim como os primitivos atribuíam à natureza um presente dos deuses, sem colocar em risco a vida vegetal, mineral e animal os carreiros não duvidam de que o santuário do Divino Pai Eterno, em Trindade é um lugar especial que acolhe os peregrinos preservando-lhes dos sinais de morte e renovando-lhes a fé e a esperança de uma vida melhor.

Naturalmente, para as sociedades primitivas a natureza era sagrada porque dela sobreviviam e dependiam para a continuidade. Porém as sociedades complexas são formadas por estratificações, ou seja, em um sistema de hierarquia, estratos ou camadas sociais. (Berger, 1980:91).

Num contexto social-ocidental o santuário do Divino Pai Eterno localizado no Centro Oeste do Brasil é o lugar, por excelência de representação do universo antropológico. É, também, um centro de revitalização de pessoas cansadas e desanimadas pelo peso que carrega de problemas diversos que se acumulam.

Aproximadamente 400.000 peregrinos, em apenas uma semana passam por Trindade. Uns vão pagar promessas, outros, pedir benefícios e muitos imploram uma sorte melhor ao Divino Pai Eterno. Esses incluem-se na dimensão do sagrado. Mas, na dimensão do profano existem aqueles que vão à festa pelo interesse do

comércio e do lucro. Muitos chegam em Trindade para pedir esmolas e matarem a fome.

Durante a festa que termina no primeiro Domingo de julho o santuário representa uma realidade diversificada universal e local em todas as dimensões.

Do final do século XIX até meados do XX, no período moderno provocou-se uma crise de identidade atravessando o segundo para o terceiro milênio.

Iane (1978:19) ao referir-se as mudanças lembrou um velho adágio romano onde aprende-se que: “os tempos mudam e com eles mudamos nós.”

O autor supracitado explica, também, a teoria de Durkheim da “solidariedade mecânica e orgânica,” que uma sociedade ao se tornar complexa desintegra-se estruturalmente. Os seus indivíduos passam da adesão total ao grupo para as diferenças entre pessoas. As consciências desprendem-se da coletividade e individualizam-se Enquanto na primeira as consciências individuais são absorvidas por uma consciência coletiva, na Segunda funda-se uma solidariedade por cooperação.

É o pressentimento que se tem ao concluir este trabalho pelo esforço em partir de experiências vividas por indivíduos integrados numa coletividade de nível cultural ainda tradicional sertanejo em mudança ou reinvenção da tradição.

Nessa mesma perspectiva de mudança e resistência descreve-se pela experiência de carreiros-romeiros numa romaria da Fazenda Paraíso, próximo de São José de Mossâmedes ao Santuário de Trindade, no ano 2000.

Os carreiros representam a tradição com mais intensidade, em seus valores culturais baseados no catolicismo popular e no sistema familiar. Ao preservarem costumes e valores essenciais do passado os carreiros reinventam a tradição, pois são abordados e motivados para implantarem mudanças significativas em seus

hábitos. Enquanto alguns carreiros deixam a romaria para irem a Trindade de automóvel outros aderem a caminhada atraídos pelos meios de comunicação e pelo desfile programado e organizado pela prefeitura local. Outros, ainda, resistem aos meios de comunicação e julgam os valores modernos como ameaça à tradição.

A visão de mundo fundamentada no catolicismo popular, no Brasil tem base no período de colonização e sustenta-se na fé em Deus Trino, Pai, Filho, Espírito Santo. e na devoção à Virgem Maria. Na mesma visão os romeiros não distinguem a teoria racional trinitária e chama seu santo apenas de Divino Pai Eterno.

Trindade é, no mundo, o único lugar a preservar um tipo de devoção popular ao Deus Trindade e à Virgem Maria sendo coroada. É, também, o único centro de devoção a acolher romarias de carreiros resguardando sua tradição numa realidade universal de desestruturação e mudanças das sociedades.

É no deslocamento como princípio de desestruturação que os romeiros recordam o passado e tornam presente a lembrança pelos gestos e linguagem falada. O conflito entre o antigo e o novo gera a mudança que passa a ser aceita pelos carreiros-romeiros. Mas aquilo que é essencial permanece. O carro de bois coberto com o couro e o carreiro com a sua guiada na mão são símbolos originais.

Ao passarem nas cidades e na chegada em Trindade os carreiros são aguardados com caridade, especialmente pelas crianças que ficam admiradas, pois não conhecem o carro de bois. Os moradores em cidades que residiram na área rural têm saudades do passado, mas não têm possibilidades de voltar devido às consequências das transformações ocorridas pelo capitalismo industrial.

No conflito entre modernidade e tradição tudo indica que, cada vez mais, o passado se evidencia para ser reconstruído ou, até mesmo, para ser extinto dando

lugar ao novo que chega deslumbrante e cativante aos olhos de seres humanos carentes de cura e salvação.

Após uma longa caminhada a multidão chega no lugar sagrado, o santuário. Gente de todos as raças e lugares deixam transparecer uma sociedade formada por uma miscigenação. Formados pelo catolicismo popular europeu, com um tipo de fé ainda mágica, os romeiros preservam como um valor essencial a festa. Do início ao fim da caminhada os carreiros peregrinam reinventando os seus valores, culminando em Trindade, praticando ações de solidariedade e participando do culto no santuário. O Divino Pai Eterno pelo mistério eleva e transforma os romeiros pela fé que demonstram e pelo sacrifício que fazem pelas longas jornadas à pé, a cavalo, em carro de bois ou de automóveis.

A festa é fundamental e possibilita o penitente de sentir-se como mais um filho da divindade quase sempre perdido no meio da massa. O sentido da participação de cada fiel durante uma missa no santuário ou na praça é coletivo pela fé num mesmo Deus em três pessoas e da Virgem Maria. Aí, todos rezam as mesmas orações e cantam formando nos corações a esperança de abterem dias melhores.

Para os carreiros a alegria completa na missa especial celebrada especialmente para eles. Com seus símbolos, a guiada, o chapéu e o berrante os carreiros louvam e agradecem ao Divino Pai Eterno. O sagrado e o profano se faz presente na música e nos símbolos.

Ressalta-se a reinvenção pelas mudanças realizadas no ritual romano que é modificado.

Os símbolos dos carreiros considerados profanos tornam-se sagrados. Os missionários redentoristas são preparados para a comunicação essencial aos

participantes, em maioria de origem humilde. O acolhimento é prioridade durante a festa. Leigos e clero aproximam-se tornando realidade o projeto de utopia cristã, na tentativa de fazer com que o céu seja parte da realização humana na terra e que a salvação não fique apenas como um projeto após a morte.

A peregrinação ao santuário do Divino Pai Eterno remete-se a uma reflexão em curso de que o espaço sagrado extrapola-se às doutrinas religiosas do passado, que distanciaram-se da humanidade. O sagrado e o profano se misturam em constante trabalho para o reencontro do homem com a natureza. As estruturas são transformadas pelo novo que chega, porém são mantidas pelos valores essenciais à vida e à continuidade de sociedades e culturas.

Diante das instituições, sistemas e burocracias fundadas pela racionalidade a dessacralização é inevitável. Porém, o reconhecimento de que a história é construída pelas vias normais da convivência do homem com o homem e com o seu habitat abre-se nova perspectiva de pensamento, a partir daquilo que vê e toca.

Fica, a seguinte questão: Qual será a contribuição que cada vivente humano pode prestar a uma parcela popular que peregrina nas estradas da vida sem saber por onde caminhar? Até quando o carro de bois continuará representando a tradição como um símbolo essencial?

FONTES

1- DEPOIMENTOS ORAIS

1.1- Antônio Orácio de Amorim, o popular Sr Tota - Mossâmedes

1.2- Ivone André de Amorim - Mossâmedes

1.3- Joaquim Cadute – Ordália

1.4- Sebastião Joviano – Ordália

1.4- Neide Martins de Oliveira- Mossâmedes

1.5- Dona Luci - Damolândia

2- MANUAIS DE CÂNTICOS

2.1- Cânticos para a festa do Divino Pai Eterno em Trindade

2.2- Jovens de Cristo. Cânticos a Vida e o Amor

3- REVISTAS

3.1- Terra Goyá. Trindade. 17 ed. 2000

3.2- Romaria de Trindade- Poemas - 1998

4- ENTREVISTAS:

4.1- Sebastião Carvalho (Anicuns):

4.2- Dona Laurinda (Goiânia):

4.3- Mauro (Mossâmedes):

- 4.4-*Eliete (Mossâmedes):*
- 4.5-*Fernando (Goiás Velho):*
- 4.6-*Márcio (Americano do Brasil):*
- 4.7-*Sr Tota (Fazenda Paraíso):*
- 4.8-*José Rogério (Capelinha):*
- 4.6- *Francisca (Mossâmedes):*
- 4.7- *José Barbosa (Capelinha):*
- 4.8- *Mauro (Goiânia):*
- 4.9- *Francisco (Fazenda Paraíso):*
- 4.10- *Sônia (Fazenda Paraíso):*
- 4.11- *Sr Li Li (Fazenda Boqueirão):*
- 4.12- *Sr José (Mossâmedes):*
- 4.13- *Francisco (Mossâmedes):*
- 4.14- *Paulo (Goiás Velho):*
- 4.15- *Edson (Fazenda Boa Vista):*
- 4.16- *Fernandão (Mossâmedes):*
- 4.17- *Simone (Fazenda Paraíso):*
- 4.18- *Valdivino (Fazenda Paraíso):*
- 4.19- *Marcos (Goiás Velho):*
- 4.20- *Tenente Hans (Trindade):*
- 4.21- *Maria Cleusa (Itumbiara):*
- 4.22- *Sr José (Juazeiro BH):*
- 4.23- *Maria de Lurdes (Brasília):*
- 4.24- *Nivaldo Moreira (Brasília):*
- 4.25- *Lucas Francisco (Anicuns):*

- 4.26- *João Batista (Damolândia):*
- 4.27- *Gerônimo (Damolândia):*
- 4.28- *Irmã Joana (Trindade):*
- 4.29- *João Batista (Trindade):*
- 4.30- *Agemiro (Trindade):*
- 4.31- *Luciano (Trindade)*

BIBLIOGRAFIA

ACQUAVIVA *apud* Martelli (1995:283).a *Secularização como* nas, .

Dessacralização, Paulinas, 1995

BEOZZO, José Oscar. *A Igreja do Brasil. De João XXIII a João Paulo II. De Medellin a Santo Domingo. Petrópolis, vozes, 1996.*

-- José Oscar. *Irmandades, Santuários, Capelinhas de Beira de*

Estradas, REB, vol. 37,fasc. 148, dez. 1977.

BERGER, Piter. *O Dossel Sagrado. São Paulo, Paulinas, 1985.*

BOURDIEU, Pierre. *A Economia das Trocas Simbólicas. São Paulo*

Perspectiva, 1998.

BOSI, Ecléia. *Memória e Sociedade. São paulo, Companhia das letras*

1999.

BRANDÃO. Carlos Rodrigues. *A Cultura na Rua. Campinas, Papyrus,*

1989

-- *Pesquisa Participante, 8 ed. São Paulo, Brasiliense, 1990*

COMBLIN, José. *Para uma Tipologia do Catolicismo no Brasil, REB,*

Vol. 28, 1968.

*--. Vocação para a Liberdade. 2 ed. São Paulo. Paulus,
Paulus, 1998.*

COSTA, João Rezende. Abbá ! Pai! São Paulo, 1999.

*DE DEUS, Maria do Socorro. Romeiros de Goiás Goiânia, Dissertação
Recentemente apresentada na UFG, 2000*

DURKHEIM, Émile. As Formas da Vida Religiosa. São Paulo, 1996.

DUSSEL, Henrique. Para uma Ética da Libertação Latina- Americana.

II

Volume. Eiticidade e Moralidade. São Paulo, Loyola, 1977.

ELIADE, Mircea. O Sagrado e o Profano. São Paulo, Martins Fontes, 1996

-- Tratado de História das Religiões. São Paulo, Martins Fontes, 1998.

GEERTZ, Cliford. A Interpretação das Culturas. RJ, ABDR, 1998.

*GRAMSCI, Antonio. Gramsci e a Questão da Religião. São Paulo, Paulinas.
1984*

*GUIDDENS, Anthony. As Consequências da Modernidade. São Paulo,
UNESP, 1991.*

*HALBWACHS, Maurice. A Memória Coletiva. 2 ed. São Paulo Edições
Vértice, 1990.*

*IANNI, Octavio Ditadura e agricultura. 2 ed. Rio de Janeiro:
Civilização Brasileira, 1986.*

JACOB, Amir Salomão. A Santíssima Trindade do Barro Preto. 2000

*JUNG, Carl G. O homem e seus Símbolos. Edição especial brasileira.
Editora Nova Fronteira.*

*LACERDA, Regina. A Romaria da Trindade e a Igreja Goiana. O .
Popular, 1989.*

LE GOFF, Jaques. História e Memória. Campinas, Unicamp, 1996.

MADURO, Otto. Religião e Luta de Classes. Petrópolis, Vozes, 1981.

*MARTELLI, Stefano. A Religião na Sociedade Pós Moderna. São Paulo,
Paulinas, 1995.*

*MESLIN, Michel. A Experiência Humana do Divino. Petrópolis, Vozes,
1992.*

Ó DEA, Thomas. *Sociologia da Religião*, São Paulo, Paulinas, 1969.

OTTO, Rudolf. *A Universalidade do Religioso*. São Paulo, Loyola, 1998.

PARKER, Cristian. *Religião Popular e Modernização Capitalista*.

Petrópolis, Vozes, 1996.

BARROS, Marcelo e PEREGRINO, Artur. *A festa dos pequenos*. Paulus, 1996

PEREGRINO, Artur. *Um testemunho de fé no coração do Nordeste*.

Vozes, 1995

PESSOA, Jadir de Moraes. *A Revanche Camponesa*. Goiânia,

Editora da UFG, 1999

-- *A Igreja da Denúncia e o Silêncio do Fiel*.

Campinas SP. Editora Alínea, 1999.

PHILLIPS, Bernard S. *Pesquisa Social*. Livraria Agir Editora, Rio de Janeiro

1974

ROLIN, Francisco Cartaxo. *Dicotomias Religiosas*. Petrópolis, Vozes, 1997

ROSA, João Guimarães. *Grande sertão: Veredas*. Rio de Janeiro, José Olympio

Editora, 1974.

SANTOS, Miguel Archângelo Nogueira. *Missionários Redentoristas*

Uma participação nos movimentos de Renovação e de Restauração

Católica – 1894-1944. USP, 1984.

-- *Trindade de Goiás. Uma cidade Santuário*. Goiânia, UFG em convênio com

USP, 1976

SILVA, Antônio Gomes. Santuário do Divino Pai Eterno. monografia

Graduação, IFITEG, 1997

STEL, Carlos Alberto. O Sertão das Romarias. Petrópolis, Vozes, 1995

WILGES, Irineu. Cultura Religiosa. As Religiões no Mundo. Petrópolis,

Vozes, 1998.